

HÉLIO DE LENA JÚNIOR

ASTROJILDO PEREIRA:
Um Intransigente Libertário
(1917 - 1922)

Vassouras, 1999

Universidade Severino Sombra - USS

Coordenadoria de Pós-Graduação e Pesquisa - COPP
Mestrado em História Social do Trabalho

ASTROJILDO PEREIRA:
Um Intransigente Libertário
(1917 - 1922)

Dissertação de mestrado apresentada
ao curso de Mestrado em História Social
do Trabalho da Universidade Severino
Sombra.

Orientado pelo Prof. Dr.º Lincoln de Abreu Penna

Vassouras, Junho, 1999

HÉLIO DE LENA JÚNIOR

ASTROJILDO PEREIRA:
Um Intransigente Libertário
(1917 - 1922)

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Mestrado em História Social do Trabalho da Universidade Severino Sombra.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Lincoln de Abreu Penna
Orientador
Universidade Severino Sombra

Profª. Dr.ª Maria Philomena da Cunha Gebran
Universidade Severino Sombra

Profº Dr. Aluízio Alves Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Para meus pais, Therezinha e Hélio pelo apoio,
carinho e força dado durante a minha vida.

Para Lincoln de Abreu Penna.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Lincoln de Abreu Penna, não apenas pelas orientações precisas e seguras que imprimiu a esta dissertação, como também pela amizade.

Ao corpo docente do programa do curso de Mestrado em História Social, pela paciência e compreensão em relação as minhas dúvidas e anseios.

À Valéria Regina Freire Kühl.

A Martin Cezar Feijó, pelo apoio sempre fraterno.

À Olga Regina de Lena e Souza, André Delmonte, Clarisse de Lena e Souza Goulart e Tomáz Antônio de Lena e Souza, por terem me hospedado em sua residência na durante minha permanência no Rio de Janeiro.

Aos membros do Centro de Estudos Libertário Ideal Peres (CELIP) por terem contribuído na bibliografia referente ao anarquismo.

À Prof^a. Dr.^a Maria da Graças de Souza do Nascimento e ao Prof^o Dr. Milton Meira do Nascimento pela recepção cortês em São Paulo.

À Silvana de Souza do Nascimento, por ter me hospedado gentilmente em sua casa.

Ao Centro de Documentação da UNESP (CEDEM), na pessoa de sua coordenadora Anna Maria Martinez Corrêa e seus demais membros.

Ao amigo e colega Edson Teixeira da Silva Júnior.

Ao amigo e irmão Marcelo Alves Lamim.

Aos amigos e colegas de mestrado, Dimas, Fátima, Ivonete, Sávio.

Ao companheirismo de Sérgio Alves Zacarias.

A amiga Solange Jacob Whehaibe e a equipe da Livraria Veredas.

Aos professores Argeu Celestino e Luciano Monteiro de Araújo

A CAPES, pela concessão da bolsa que me permitiu a realização e conclusão deste mestrado.

Finalmente, agradeço a todos os amigos, colegas e familiares que torceram por mim.

Resumo

A presente dissertação tem por objetivo construir uma biografia política de Astrojildo Pereira (1890 - 1965). Construída entre os anos de 1917 e 1922, período em que o biografado transitou do anarcossindicalismo ao comunismo. Neste período aludido (1917-1922) os marcos delimitadores referem-se ao impacto das greves operárias e também da Revolução Russa e a posterior fundação do Partido Comunista Brasileiro, do qual o personagem foi um dos seus membros fundadores. Este período é de suma importância para a compreensão de sua atuação política e para a respectiva consolidação do movimento operário no cenário político.

“A biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”

Jacques Le Goff

“Houve casos, na história, em que o ensinamento dos grandes revolucionários foi desvirtuado após a sua morte. Fez-se deles inofensivos ícones, mas ao honrar o seu nome embotou-se o fio revolucionário do seu ensinamento.”

Lenin

ÍNDICE

Introdução.....	10
Capítulo 01 – O Sonhar Libertário: Astrojildo Pereira Anarquista.....	27

1.1 — O Anarquismo e Astrojildo Pereira	28
1.2 — A Crônica Subversiva	49
Capítulo 02 – A Vaga Revolucionária: A Mudança em Astrojildo Pereira	67
2.1 — As Cartas da Prisão	69
2.2 — Um Outubro Vermelho.....	85
2.3 — A Internacional e Astrojildo	101
Capítulo 03 – Conflito e Integração: Astrojildo Pereira Comunista	115
3.1 — O Partido Comunista de 1919.....	117
3.2 — O Comunismo em Astrojildo Pereira	133
Conclusão.....	153
Referências Documentais.....	162
Referências Bibliográficas.....	165

Introdução

Astrojildo Pereira: Um Intransigente Libertário é o resultado de um projeto coletivo de estudos a respeito da íntima relação entre *Biografia* e *História* no cenário político da República brasileira. Orientado e dirigido pelo Profº Lincoln de

Abreu Penna, os trabalhos foram germinados entre os seminários de “Teorias das Elites” e o de “Biografias Políticas”.

Nesta introdução, reservo-me o direito de fazer uma abordagem que considero importante para o entendimento desta dissertação. Estabelecerei aqui uma discussão sobre o conceito de *biografia*, na qual relatarei os principais pressupostos constitutivos do método de abordagem biográfica, observando ainda os componentes básicos para a elaboração de um projeto biográfico.

Acredito, que no momento não cabe estabelecer uma descrição desses elementos biográficos. Reservo-me o direito de tratá-los mais adiante. Entretanto, traçar uma discussão historiográfica entre os dois principais pressupostos, é de fundamental valia para um perfeito entendimento do que virá. *História e Biografia* – são os temas que pretendo indagar, observando a estreita ligação que os une.

“A biografia e a história durante muito tempo mantiveram relações de alternativa e não de hierarquia ou de complementaridade”¹, esta divisão é fruto de uma tradição historiográfica grega, que atribuiu diferentes tarefas para o historiador

e para o biógrafo. Segundo a historiografia grega, o historiador se apoiaria em documentos escritos, relatando o tempo passado; o biógrafo, baseando-se em registros orais, teria uma forte ligação com o presente e com o louvor ao personagem. Esta dicotomia entre biografia e história não pode ser entendida como fruto de uma lei da natureza, mas uma segmentação que situaria a história ao lado dos

¹ LEVILLAIN, Philippe. in. REMOND, René (org.). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

acontecimentos coletivos e a biografia como uma análise dos fatos e gestos de um indivíduo.

Além dessa separação, os gregos estabeleciam uma outra; que a “história e a biografia” eram divergentes “em seu próprio modo de expressão: narrativo para a história destinada a mostrar a mudança; descritivo para a biografia dedicada a celebrar ou a estudar a natureza do homem”². Esta separação inicial deu um status de gênero à biografia e de disciplina à história.

A diálise proposta pelos gregos nos parece resolvida no mundo contemporâneo, hoje “cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais”³, como escreveu Franco Ferrarotti. Então é possível ler uma sociedade através de uma biografia, conhecer o social partindo-se da especificidade irreduzível de uma vida individual. O homem se torna “um singular universal”⁴, como afirmou Norman Denzin.

Os possíveis vínculos com o panegírico acredito, estão superados, ao contrário da história do império em Roma, que no tempo de Augusto levou ao clímax esta confusão entre história e biografia. Hoje as construções estão subjugadas às realidades documentais.

Se o mundo antigo privilegiou as pessoas cujas vidas eram temas apropriadas para uma biografia (governantes e filósofos ou generais e literatos), o mundo

² LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p. 145.

³ apud. GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

renascentista construiu um conjunto de biografias “que não são (ou não são inteiramente) biografias no sentido da personalidade, freqüentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes dando uma impressão de ausência de forma”⁵.

As biografias renascentistas, segundo Peter Burke, “estão repletas de torpor, anedotas sobre uma pessoa já contadas sobre as outras”⁶. Entretanto, outras características destas biografias podem ser ressaltadas. Em algumas contivessem uma estrutura cronológica, a apresentação normal será tópica ou temática, existindo um reforço pelo elemento dramático (o leito de morte ou os ritos, por exemplo) e apelo pelo ficcionismo (o romance biográfico). Notaremos um exagero pela “biografia íntima”, ou como nos escreve Peter Burke referindo-se a Plutarco, escrever “vidas”, haveria espaço para abordar tanto a esfera privada quanto a pública. Uma ressalva deverá ser feita, a biografia renascentista se aproxima hoje do que denominamos “histórias de vida”.

Nas histórias de vida as seguintes condições se apresentam: há um relato centrado na personagem, um excessivo grau de subjetividade é encontrado e a utilização dos marcos históricos fazem da história de vida um relato interessante. Howard Becker reforça esta tese afirmando que, “sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva. Certamente não é ficção, embora os documentos de história de vida mais interessantes tenham uma

⁴ DENZIN, Norman K.. *Interpretando as vidas das pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner*. in. Dados - Revista de Ciências Sociais: Rio de Janeiro, Vol. 27, nº 01, 1984.

⁵ BURKE, Peter. *A invenção da biografia e o individualismo renascentista*. in. Estudos Históricos. FGV: Rio de Janeiro, Vol. 10, nº 19, 1997.

⁶ BURKE, Peter. op. cit., p. 84.

sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conseguir”⁷.

A biografia, e mais especificamente a biografia política, tem por características o poder do historiador apreender a dinâmica do processo social, inserindo aí o ator social, observando sempre a visão dialética da cultura política e a ambigüidade dos indivíduos. Esta “biografia política hoje reabilitada não tem por vocação esgotar o absoluto do ‘eu’ de um personagem, como já se pretendeu e ainda hoje o pretende mais do que devia”⁸. Então observamos que as biografias se diferenciarão na teoria e na prática das histórias de vida. As biografias se apresentarão como uma reconstrução de um momento histórico, conterá o sistema político e seu contexto social e os dados particulares integrados com a época. A biografia reunirá dois fatores distintos mas não distantes. De um lado teremos a trajetória de vida, de outro a síntese histórica, representado pelo tempo social [mais amplo (inserção do ator), mais global e mais universal (estudos da condição de vida)].

Uma outra reflexão está ainda em Howard Becker, sobre a utilização do método biográfico em ciências sociais que, “a história de vida pode ser particularmente útil para nos fornecer uma visão do lado subjetivo de processos institucionais muito estudados”⁹, tornando-se uma maneira de revelar como os indivíduos universalizam através de suas vidas e de suas ações a época histórica em que vivem. A vida de um biografado tornar-se-á o reflexo perfeito das condições históricas e culturais do período, sem no entanto, perder seu caráter singular e típico,

⁷ BECKER, Howard S.. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

⁸ LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p. 175.

⁹ BECKER, Howard S.. op. cit., p. 108.

na qual, o valor da biografia reside na importância das interpretações que as pessoas fazem de suas próprias experiências.

“Assim, do ponto de vista da construção de biografias, as histórias de vida representam pressupostos insubstituíveis. Essa imprescindibilidade decorre do fato da biografia ter como ponto de partida o conhecimento da história de vida do biografado. Porque a história de vida está centrada na individualidade do ser, a biografia situa-se na confluência desta com o ser social, isto é, aquele que combina a dupla condição: a do indivíduo e a do cidadão”¹⁰, integrando aí as noções de tempo e espaço, condições necessárias para a reconstituição do cenário onde se situa a personagem da trama biográfica, não bastando apenas os dados do biografado, mas é indispensável a inclusão do lugar social.

Feito este diálogo entre história e biografia, história de vida e biografia política, passamos agora aos pressupostos básicos para a construção de um projeto biográfico. Para operacionalizar a dissertação, relatarei aqui tais componentes que instrumentalizarão a pesquisa histórica.

Para os projetos biográficos, o domínio da história de vida do biografado pode ser fundamental e em casos onde este é pouco conhecido, o autor (isto é, o historiador) pode sumariar ou superficializar para extrair elementos da biografia que deseja realizar. Entretanto, no caso de personagens conhecidos dispensa-se uma reconstituição de vida, somente em caso de haver necessidade de adicionar dados novos, reconstrói-se a trajetória do biografado.

¹⁰ PENNA, Lincoln de Abreu. *Metodologia de Abordagem Biográfica*. Mimeo. 1998.

No caso particular deste projeto biográfico, acho desnecessário esta reconstrução da vida do biografado, isto porque as pesquisas se desenvolverão na perspectiva de atuação de Astrojildo Pereira entre os anos de 1917 e 1922. A compreensão do contexto macro-histórico é fundamental para o entendimento da época em que o biografado viveu, segundo Lucien Febvre, o indivíduo não vive apenas para seu tempo, mas vive no seu tempo – então as conexões entre o micro e o macro darão uma vivacidade a biografia. Esta estratégia poderá revelar constantes, indicar diferenças, captar a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida.

Para observar os aspectos que melhor favorecem a articulação entre a história da época e a biografia examinada, optarei pelo viés político – entendendo que Astrojildo Pereira representa o militante político, ligado aos movimentos sociais da época e liderança em seu segmento social, posteriormente artífice-mor do fundação do Partido Comunista Brasileiro.

Esta atuação política de Astrojildo Pereira pode ser lida através de seus artigos (encontrados nos jornais operários, nas revistas) ou em seus livros. A própria estrutura do movimento operário, a hegemonia anarquista frente a este movimento, a repressão governamental, os conflitos sociais, são elementos que definiram o período estudado. Neste caso, todo trabalho estará organizado e centralizado no personagem.

Este “personagem biografado em história política é sempre um ator político. Neste sentido ele pode ser visto como agente principal de um processo social ou como um coadjuvante interessado e importante do mesmo processo. No primeiro caso, trabalhamos com a centralidade, isto é, situamos o indivíduo no centro dos acontecimentos, mesmo quando ele não teve necessariamente papel absolutamente

central, mas soube externar através de sua percepção uma leitura dos desdobramentos daquele processo”¹¹.

A biografia tampouco deve tipos, “ela é o melhor meio de mostrar as ligações entre o passado e o presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade — e de experimentar o tempo como prova de vida”¹². Consiste ainda em realizar uma verificação do conhecimento histórico já elaborado, servindo de instrumento de medida *sui generis* com suas fontes parcelares, parciais e de uma inteligibilidade subjetiva.

A opção para instrumentalizar a pesquisa consiste na observação individualizada, o foco estará centrado em Astrojildo Pereira. Ao analisar este ator social pelo viés do indivíduo privilegiaremos o *individualismo metodológico*, na qual, enfatizarei os aspectos individuais, tais como, objetivos, crenças e ações.

Para este indivíduo adotarei um sentido *stricto sensu*, “observando seu lugar, o papel que desempenha no seu ou nos seus grupos, o valor que lhe é reconhecido; a margem de manobra que dispõe, a sua relativa autonomia face ao enquadramento institucional em que vive”¹³.

Ao indivíduo corresponderia a biografia na “medida em que, por oposição ao relato épico ou histórico, ela se centra sobre a vida duma pessoa singular”¹⁴. A utilização dessa estratégia abre uma discussão sobre a questão da singularidade *versus* o contexto social e histórico em que está inserido. Este indivíduo é um produto social, não um ser distante da realidade, mas sim fruto do intercâmbio dos indivíduos

¹¹ PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., p. 11.

¹² LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p. 176.

¹³ VERNANT, Jean-Pierre. *O indivíduo na cidade*. in. VEYNE, Paul [et. al.]. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70, 1988.

e como tal, “o indivíduo projeta-se também e objetiva-se naquilo que ele efetivamente realiza: as atividades obras que lhe permitem não em potência, mas em ato, energia”¹⁵.

A “possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um projeto social que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de interesses comuns que podem ser os mais variados”¹⁶. Ao se associar em grupos de interesse, o indivíduo se engaja em lutas e se relaciona socialmente. Ao ultrapassar o projeto individual, passamos a um projeto coletivo que terá uma dimensão política. A capacidade de aglutinar com eficácia os sentimentos individuais dará a este projeto (coletivo) uma nova conotação.

Como expressões culturais, resultado de uma consciência e de uma divulgação, os elos que os ligam à organização social, aos processos de mudança social, implicarão uma teia de relações de poder. Entretanto, sua eficiência será medida pela capacidade de disseminar idéias, dando a este projeto uma capacidade de intervir no meio social.

“A formação do ato individual”, bem com a do ato coletivo, “são processos na qual a conduta é continuamente reformulada de modo a levar em consideração à expectativa de outros, como esta se exprime na situação imediata e como o ator supõe que possa vir a se exprimir A atividade coletiva, do tipo que se alude por conceitos como ‘organização’ ou ‘estrutura social’, provém de um processo contínuo de ajuste mútuo das ações e todos os atores envolvidos. O processo social, portanto, não é uma interação imaginada de forças invisíveis ou um vetor estabelecido pela

¹⁴ VERNANT, Jean-Pierre. op. cit., p. 28.

¹⁵ VERNANT, Jean-Pierre. op. cit., p. 38.

interação de múltiplos fatores sociais, mas um processo observável de interação”¹⁷ humana.

O ato coletivo pode ser pensado, em termos gramscinianos, não apenas pela existência de um partido, ele deve ter outras ligações, outras organizações, estando presente nas massas e nas instituições. Entretanto, pretendo analisar Astrojildo Pereira também por sua interação num partido, o príncipe moderno como nos falou Gramsci. Este “moderno príncipe, o mito príncipe, não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto; só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade na qual já tenha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundada parcialmente na ação. Este organismo já é determinado pelo desenvolvimento histórico, é o partido político”¹⁸. Para Gramsci, este príncipe, seria representado pelo Partido Comunista, capaz de comandar e fazer a revolução.

A inserção de Astrojildo Pereira no Partido Comunista (que ajudou a fundar) trará uma nova tônica para nossa análise. Ao distanciar-se do anarcossindicalismo e aproximar-se do comunismo – Astrojildo Pereira modifica radicalmente a concepção de luta política existente até então, crítica a “espontaneidade das massas” proposta pelos anarquistas e busca ação na interação de um ator coletivo, representado a partir de então pelo PCB.

A coerência apresentada por este ator social perpassa pelo campo da ação política, reflete a capacidade do mesmo em compreender a realidade brasileira, superar a espontaneidade (traço da atuação dos anarquistas) e busca novas formas de

¹⁶ VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

¹⁷ BECKER, Howard S.. op. cit., p. 109/110.

¹⁸ GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

atuação política. Estas novas formas de atuação eram interpretações inter-relacionadas com a realidade internacional, o modelo de revolução proposto por Lenin na Rússia superava a espontaneidade do proletariado e buscava o comando numa vanguarda esclarecida. Astrojildo Pereira compreendeu esta lição e verificou que a revolução socialista no Brasil passaria pelo estabelecimento de um organismo estruturado (representado aqui pelo Partido Comunista) que combateria com eficácia o capitalismo, a burguesia e o estado.

O objetivo primeiro é construir uma biografia política deste ator social nos anos compreendidos entre 1917 e 1922. Relendo sua atuação política dentro do movimento operário, analisando simultaneamente o movimento operário brasileiro, em especial o anarcossindicalismo e, posteriormente, analisar o rumo em direção ao comunismo, onde ao fundar um Partido Comunista, este exercerá nos anos subsequentes um excessivo peso político e ideológico no cenário brasileiro.

Esta mudança das práticas anarco-sindicalistas e o seu rumo em direção ao comunismo torna-se então o eixo central desta dissertação, observar e analisar quais os fatores que o levaram para esta mudança, relacionando ainda com as inter-relações do período citado, a Revolução Russa de 1917 em sua fase leninista e a Terceira Internacional Comunista (Comintern).

Concluindo parcialmente, é neste espírito teórico que esta dissertação se insere, devendo ser entendida não como uma biografia que acumula fatos; seu corpo narrativo quer ir além do perfil do psicológico do personagem. Inclui uma troca de situações concretas, sem as quais o protagonista seria impensável. Estas situações são representadas pelas lutas sociais, encontradas em seus gestos, declarações e atos. A

biografia torna-se “o lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade, se não isolar o homem ou não exaltá-lo às custas de seus dessemelhantes”¹⁹ .

Leandro Konder nos pergunta “que importância pode ter uma biografia para a história ?” E sua resposta é dada assim: “A história é feita por criaturas singulares, porém sabemos que no emaranhado das existências individuais se tece um movimento histórico além das vicissitudes de cada um, um movimento no qual prevalece uma dinâmica coletiva, distintas das motivações pessoais”²⁰ .

A afirmação de Leandro Konder é corretíssima, não desprezo em nenhum momento o movimento histórico, apenas privilegio o contexto individualizado deste ator social. Ao analisar Astrojildo Pereira, pretendo encontrar as “constantes, indicar as diferenças, captar a realidade dos problemas sociais através de uma vida”²¹ . Como o nível do personagem é significativo, isto dá uma segurança, já que seus textos são possíveis de serem encontrados e a proposta abordada parece inovadora.

Astrojildo Pereira nos é apresentado como o militante anarquista ou o militante comunista, um homem incluso em movimentos sociais, seja por sua vinculação ao movimento anarcossindicalista, seja pela fundação do Partido Comunista Brasileiro, entretanto a análise que proponho torna-se inovadora à medida que uso seus escritos e analiso suas ações dentro dos contextos sociais da primeira República. Porém, não dissocio sua ação do conjunto dos outros militantes

¹⁹ LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p.176.

²⁰ KONDER, Leandro. in. VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago: Boêmia e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²¹ LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p. 175.

(companheiros de jornadas e de batalhas), estes são importantes numa ação coletiva que será proposta dentro do movimento operário da primeira República.

Este “emaranhado de existências individuais”, como sugere Leandro Konder, terá como pano de fundo o contexto histórico. Ultrapassar o egocentrismo de um personagem é reconhecer um movimento coletivo, mas também é reconhecer que as pessoas fazem história. A biografia então “pode ser um empreendimento de homologação seja do conhecimento adquirido, seja das idéias prontas sobre um homem, seja das relações entre um sistema político e a coletividade”²².

Alguns destes personagens se apresentaram como trapeiros da história, reuniram vestígios de memórias em arquivos, materiais deletérios para a razão dominante; mas de suma importância para os historiadores. Isto é importante porque juntando fragmento em fragmento, reconstituímos algo quase imperceptível, uma luz ínfima do passado que nos conte algo que já esquecemos, ou a história oficial nos fez esquecer.

Assim é minha proposta com Astrojildo Pereira, recuperar sua atuação dentro do movimento operário, através da sua perspectiva individual.

“Astrojildo Pereira Duarte da Silva, nascido em 1890” desde muito jovem se ligou aos movimentos políticos. Filho de um pai médico, pequeno proprietário rural e comerciante, Astrojildo era filho da próspera classe média brasileira. Com um descendência portuguesa, também tinha parentesco com Washington Luiz Pereira de Souza, o último presidente da República Velha.

²² LEVILLAIN, Philippe. op. cit., p. 175.

A ascensão econômica de seu pai o possibilitou estudar em um “colégio rico”. Matriculado no Colégio Anchieta, Como “aluno” deste, “o mesmo escolhido por Rui Barbosa, para sua reconciliação com a Igreja – foi um destes insatisfeitos rapazes. Ele mesmo confessa: ‘Já na adolescência, republicano radical. Inimigo da Monarquia e Dom Pedro II. Admirador de Benjamin (Constant). Mais ainda de Rui’”²³.

Do Anchieta em Friburgo passou para outro “colégio não menos famoso, o Abílio, de Niterói. Tratava-se de um colégio leigo, poucos brinquedos físicos, conhecendo grupos literários, fazendo os primeiros versos amorosos. Tinha quinze anos, vindo-lhe o ateísmo. Abandonou o curso ginásial no terceiro ano para atirar-se no que denominou posteriormente de *autodidatismo arquiatabalhado*”²⁴.

A fé religiosa empolgou-o pouco tempo; “depois, desencanto, crise religiosa íntima, anticlericalismo, ateísmo anarquista, interpretação marxista. Idêntico itinerário ao de muitos outros ex-católicos, ex-simpatizantes ou militantes positivistas, e finalmente convertidos marxistas, dobrando à esquerda, em vez de à direita, como os que retornaram ao catolicismo de infância, quase ao modo de Nabuco”²⁵.

Astrojildo Pereira trocou Benjamin e Rui por Bakunin, Grave, Faure, Malatesta, Hamom, Kropotkin. Daí para o marxismo, foi um passo: “*Minha primeira paixão política séria foi Rui Barbosa. À derrota dele em 1908 (sic) desiludiu-me. Crise política. Em 1908–10 tornei-me anarquista da escola de Kropotkin. Mais tarde, influência de Georges Sorel. Durante a guerra européia, contra o grupo de*

²³ CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

²⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.). *Combates na História: a trajetória de vida de Heitor Ferreira Lima*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

²⁵ CHACON, Vamireh. op. cit., p. 182.

*Kropotkine–Grave, que era favorável à participação pró–aliados; ao lado de Faure, grupo pacifista. Fui um dos organizadores de um congresso internacional pró–paz que se reuniu no Rio de Janeiro em 1916. Sob a influência da revolução russa de Lenine (1917–1920), abandonei o anarquismo, tornado–me marxista”*²⁶.

Na medida “em que recebia informações novas sobre o que estava se passando na Rússia, foi sendo levado a rever o antigo ideário ácrata. O *anarco-comunismo* durou pouco: foi dilacerado pelas divergências internas. Muitos anarquistas se escandalizaram com a repressão exercida pelo poder soviético contra os seguidores russos de Kropotkin”²⁷.

O primeiro contato de Astrojildo com a literatura anarquista foi através de seu pai, que de volta de uma viagem a São Paulo, lhe trouxe vários números de alguns jornais operários e folhetos. Esta literatura servia para alimentar o anseio incontido de literatura do jovem. A partir destes folhetos se aproxima dos núcleos anarquistas de Niterói, freqüentando as reuniões assiduamente, falando pouco mas prestando muita atenção no que se dizia e discutia. Astrojildo se tornava anarquista.

Um dos ativistas que mais se destacaram na difusão das convicções *anarco-sindicalistas* que desde 1911 se dedicava em regime de tempo integral à pregação das teorias de Bakunin, Kropotkin e Malatesta. “Era um jornalista muito inventivo; para suprir a falta de colaboradores nos pequenos jornais do movimento operário, usava diversos pseudônimos, entre os quais Astper, Tristão, Pedro Sambê, Alex Pavel, Cunhambebe, Máximo X e Aurélio Corvino. Além disso, para animar os jornalecos,

²⁶ CHACON, Vamireh. op. cit., p. 182/183.

²⁷ KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

chegava até a polemizar consigo mesmo, servindo-se dos distintos colaboradores cujos nomes inventara, lançando-os uns contra os outros”²⁸.

Heitor Ferreira Lima descreveu Astrojildo como um homem de “estatura mediana, cheio de corpo, rosto rosado, liso, cabelos louros, óculos claros de aros de ouro cobrindo-lhes os alhos azuis vivos, sorriso franco e acolhedor, apresentava uma figura simpática, atraente logo a primeira vista. Calmo, sério, falando sem pressa, tinha prosa agradável e variada. Jovial e simples, apreciava anedotas, bebendo às vezes cerveja, nos encontros de cafés, com os companheiros. Vestia quase sempre jaquetão azul-marinho, usando palheta, o chapéu da moda. os bolsos do paletó estavam invariavelmente cheios de jornais, em certas ocasiões carregava livro na mão. (...). Não fumava e jamais falava exaltadamente. (...). Não sendo orador, tendo de falar, fazia-o serenamente, expondo seu pensamento com clareza, sem qualquer embaraço. Não fazia ironia ou brincadeira com ninguém; ao contrário, tratava todos com grande amabilidade. Nunca se referia a futebol ou a filmes, embora fosse freqüentador de cinemas, sua maior distração. Jamais denegriu os anarquistas e seus antigos companheiros, mantendo por eles respeito”²⁹.

Astrojildo se definiu como *um intransigente libertário*, “quando *Spartacus* acabou”, ele “fez uma doação de vários contos de réis, que ganhara na loteria, para sustentar *A Voz do Povo*”³⁰. Sua paixão pelas causas políticas o levava a ser um *intransigente*, principalmente, quando o assunto era a liberdade, seja liberdade pessoal ou a liberdade da classe operária. Sua virtude maior está em abraçar as causa apaixonadamente, mesmo que esta sejam diametralmente opostas, segundo o ator

²⁸ KONDER, Leandro. op. cit., p. 127.

²⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.). op. cit., p. 147/148.

Mário Lago, não só um militante, mas também um “crítico literário respeitadíssimo no Brasil. Sacrificou tudo pelo partido”³¹.

Ao optar por decompor seu pensamento político, acredito que, através desta análise encontraremos as causas da mudança em suas opções políticas. Ao privilegiar os textos do personagem, estaremos fazendo justiça à nossa opção pela biografia política, já que estará permanentemente centrada na personagem.

³⁰ KONDER, Leandro. op. cit., p. 127.

³¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. op. cit., p. 302.

Capítulo I

O Sonhar Libertário:

Astrojildo Pereira Anarquista

Neste primeiro capítulo dissertarei sobre o anarquismo de Astrojildo Pereira e sua respectiva militância política no seio do movimento anarcossindicalista, nos anos iniciais do século XX, num Brasil ainda predominantemente agrícola. Sua atuação será encontrada principalmente nos veículos de imprensa operária – jornais, manifestos, artigos, panfletos. Estes serão os instrumentos usados por Astrojildo em sua contestação contra a República Liberal e seus mandatários.

Dividido em dois sub-capítulos, no primeiro denominado “ *O Anarquismo em Astrojildo Pereira*”, examinarei os componentes fundamentais da doutrina anarquista, buscando em suas origens internacionais a explicação para sua repercussão no Brasil. Como não se trata de um estudo sobre o anarquismo fixarei meu olhar apenas para os componentes essenciais do anarcossindicalismo, do qual Astrojildo Pereira foi um dos grandes representantes.

No segundo sub-capítulo intitulado: “*Uma Crônica Subversiva*”, esquadriharei sua participação através da árdua tarefa de editar solitariamente um

jornal operário. Esta experiência ímpar para Astrojildo somente reforça a sua principal característica profissional, a de jornalista.

1.1 — *O Anarquismo e Astrojildo Pereira*

“É com uma grande, uma intensa alegria, com o coração trasbordante de esperanças e de confiança no futuro, que assistimos a esta reunião, por nos convocada, e da qual resultarão, estamos certos, frutos abundantes e substanciosos.

Camaradas!

Nos vivemos, neste instante histórico, o mais grave período da nossa vida de militantes da Anarquia! A Revolução Social, pregada e almejada por Bakunine, por Malatesta, por Lorenzo, por Grave, por Kropotkine, por tantos outros pioneiros da libertação integral, de que somos nós, nesta região do mundo, os discípulos e adeptos, – a Revolução Social dos nossos sonhos bate-nos à porta!

Ora, uma pergunta irrompe em seguida: Queremos, ou não queremos abrir, arrombar a porta à sua passagem? queremos, ou não queremos empunhar o facho que iluminara?”³².

Astrojildo Pereira Duarte da Silva, um militante anarquista de 27 anos, conclama seus companheiros a uma concórdia, reivindicando a paz entre os militantes

³² PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

anarquistas e a guerra contra os senhores capitalistas. O texto escrito possivelmente em 1917 nos traz este militante firme aos preceitos anarquistas, reportando-se aos mártires internacionais do anarquismo e reverenciando-os como modelos de uma luta política que se travaria daquele momento por diante. Este jovem militante usa aqui uma de suas melhores armas, a eloquência. E busca através dela convencer os seus companheiros da importância da união contra os exploradores da República Liberal (1894 – 1930).

E assim Astrojildo conclui sua apresentação:

“Um grave problema tem preocupado as atenções gerais de quase os camaradas cariocas, e isso já vai para mais de dois anos. Referimo-nos a questão do anarquismo e do sindicalismo. Questão debatidíssima em toda parte do mundo, ela tomou entre nos uma feição especial e radical, e, digamos o termo, particularmente azeda. Com efeito (notem os camaradas que não estou dando minha opinião sobre o assunto: exponho os fatos com imparcialidade), com efeito, dizia, uma boa parte, senão a maioria dos nossos militantes anarquistas, desde algum tempo abriu uma tenaz e implacável campanha contra a extinta Federação Operária. Nascida, engrandecida e renascida pelo esforço anarquista, a Federação desde o seu início em 1906, sempre constituiu o campo preferido da ação libertária no Rio de Janeiro. Os nossos melhores e mais ativos militantes, todos, direta ou indiretamente, por ali passaram e ali exerceram a sua ação revolucionária. Há, porém, coisa de três anos, começou o germe da desagregação o seu trabalho minaz de destruição do organismo federativo sindical. Aumentando dia a dia, hora a hora, a obra destruidora chegou ao momento fatal: o

desabamento. Os mais ingentes esforços de alguns camaradas dedicados e discordes da ação dissolvente da maioria foram impotentes, e o edifício veio abaixo. A polícia, aproveitando-se habilmente da cisão e da discórdia, deu-lhe o golpe final – golpe de audácia que só a nossa desunião tornou possível, bom é que frisemos”³³.

Astrojildo em sua apresentação acima citado sublinhou dois vocábulos: o *anarquismo* e o *sindicalismo*, que são significativos para o entendimento deste personagem. Estes dois vocábulos foram predominantes no cenário político da República Liberal, e a discussão proposta por Astrojildo neste texto se refere a busca de inserção dos anarquistas na sociedade. Entretanto, esta discussão ultrapassará os limites meramente econômicos e assumirá uma dimensão política, mesmo que alguns anarquistas rejeitassem a luta política clássica. Alguns anarquistas viam na luta política clássica (formação de partidos, participação no parlamento, eleições, etc.) um continuísmo da ordem burguesa e ao rejeitar este princípio pretendiam estabelecer uma nova ordem social.

Todavia, a tão sonhada mudança no sistema político foi de encontro ao problema crônico da falta de uma elaboração prévia de planos e programas por parte dos anarquistas, e a definição do anarquismo torna-se “difícil devido à sua recusa em adotar modelos e padrões; ele é sempre plural e multifacetado e na sua imensa variedade o que temos de comum é a ênfase na autonomia individual e comunitária”³⁴.

A prática política anarquista pode ser situada no espaço da pequena política, “seu cenário é representado pelas *universitas*, que possui o sentido de unidade

³³ Ibidem. pp. 01/02.

³⁴ NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Bakunin: sangue, suor e barricada*. Campinas: Papyrus, 1988.

orgânica, *corporate*, e se aplica também a idéia de sociedade, desde que entendida como o organismo que precede os indivíduos”³⁵, segundo Lincoln de Abreu Penna em seu estudo sobre o florianismo e a construção da República.

Para Lincoln de Abreu Penna, “essa precedência se aplica porque é ela que educa os homens e os tornam cidadãos capazes de dirigir seus destinos”³⁶. Identificamos as propostas anarcossindicalistas neste cenário de atuação política, estabelecendo “uma concepção que considera igualmente o estado um todo orgânico, da mesma forma que o povo coincide com a totalidade de seus membros, e quando se faz necessária a presença de um porta-voz desse interesse coletivo, este assume a representação dessa coletividade”³⁷.

Para o entendimento da atuação dos anarquistas na sociedade brasileira e sua respectiva influência no cenário político, é necessário buscar as origens do anarquismo na sociedade contemporânea européia, onde os anarquistas atuaram decisivamente na luta dos trabalhadores em busca de sua libertação.

O anarquismo como doutrina política tem suas origens históricas na Europa do século XIX, onde os conceitos de negação da autoridade e o aniquilamento do estado foram utilizados por vários pensadores, tais como Sebastian Faure que afirmou: “quem negar a autoridade e a combater é um anarquista”³⁸. Esta definição é clara em demarcar a nova sociedade que surgiria a partir da revolução social liderada pelo proletariado e principalmente o novo homem que nasceria deste processo. Entretanto, a explicação de Sebastian Faure para o anarquismo, demonstrou o “caráter

³⁵ PENNA, Lincoln de Abreu. *O Progresso da Ordem: O florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

³⁶ PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., pp. 28/29.

³⁷ PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., p. 29.

genérico e abstrato desta definição” já indicando “a fluidez e abstração próprias do anarquismo, em suas várias tendências”³⁹.

Não podemos entender o anarquismo apenas pela definição de Sebastian Faure, mesma que ela seja correta; esta definição é simplista e reducionista em delimitá-lo, sendo “um grande engano considerar o anarquismo como um pedaço de pano urdido de uma só espécie de fio. Horowitz identifica oito espécies diferentes, mas interpenetrantes entre as quais os anarquistas-utópicos, os anarcossindicalistas, os anarco-pacifistas, os conspiradores-anarquistas (niilistas), e outros”⁴⁰. Identificamos então, que esta ideologia tornou-se ampla e com várias correntes afins e analisar as mais representativas é importante para a compreensão da opção política de Astrojildo Pereira no decorrer dos anos 10, onde sua vida política esteve ligada intrinsecamente à prática dos ideais anarquistas.

O anarquismo, segundo George Woodcock, é um “sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente – pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo –, a substituição do Estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamentais entre indivíduos livres”⁴¹. A definição proposta por Woodcock é legítima, contudo ela ainda não abrange completamente o conjunto de variantes que o anarquismo assumiu em fases diferentes da história política.

Uma conclusão definitiva do termo anarquismo somente será possível após o estudo de algumas de suas correntes políticas e do exame do pensamentos de alguns

³⁸ WOODCOCK, George. *O Anarquismo*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

³⁹ HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

⁴⁰ GREEN, Gilbert. *Anarquismo ou Marxismo: uma opção política*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

de seus respectivos representantes. O anarquismo, como dito anteriormente, assumiu formas de atuação diferenciadas em virtude do contexto histórico em que estava inserido e isto deu diferentes características a mesma linha política. A adequação histórica e suas formas de lutas são frutos do casamento entre o pensamento e a *práxis* de seus representantes.

O primeiro pensador a se declarar anarquista foi o francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Em seu livro *O que é a propriedade?*, publicado em 1840, o pensador francês definiu os atributos essenciais e específicos do anarquismo. Nesta obra dá a sua própria pergunta a célebre resposta: *a propriedade é um roubo*. “Nesse livro ele se tornaria o primeiro homem a reclamar para si, voluntariamente, o título de anarquista”⁴².

O anarquismo proudhoniano não significava desorganização, muito pelo contrário, ao ser o primeiro a proclamar que a anarquia não era a desordem, mas a ordem natural, em oposição à ordem artificial imposta de cima, era a unidade real em contraposição à falsa unidade que engendra a coação. Para a realização deste anarquismo, o *mutualismo* se tornou a expressão desta teoria proposta por Proudhon, título retirado de uma organização de operários da indústria têxtil francesa, o *mutualismo* representou uma etapa intermediária entre o “modelo individualista formulado por Josiah Warren e os modelos *socialistas*, defendidos por Bakunin e Kropotkin”⁴³.

⁴¹ WOODCOCK, George. op. cit., p. 11.

⁴² WOODCOCK, George. op. cit., p. 09.

⁴³ LUIZZETO, Flávio. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

Esta elaboração política se baseou num ideal de sociedade ordenada sem governo, onde os trabalhadores conseguiriam sua emancipação não por meios políticos, mas sim, através do processo econômico. O sistema proposto, de troca eqüitativa entre produtores autônomos, organizados individualmente ou em associações e financiados pelo crédito livre. Estabelecendo um “amplo sistema econômico” na qual daria “ênfase ao mesmo tempo ao pluralismo das unidades de produção, à reciprocidade de suas trocas, ao estabelecimento concorrencial dos preços justos e ao desaparecimento do salário”⁴⁴.

Proudhon esperava que desse sistema pluralizado e autogerido nascesse uma dinâmica que “nem o capitalismo, nem o comunismo poderiam realizar e uma igualdade, um nivelamento das condições sociais que esses regimes de centralização tornam irrealizável”⁴⁵. Ao atingir esta revolução econômica, seria realizado concomitantemente a revolução social que poria fim a longa história de guerras entre as classes, como afirmou, “a idéia de mutualidade, da mesma forma que com a de comunidade; é tão antiga como o estado social”⁴⁶.

Primeiro amigo e posteriormente desafeto de Marx, Proudhon visionou uma sociedade livre e independente onde o produtor estaria no centro das relações. O *mutualismo* devia criar uma sociedade formada por produtores independentes, que deveriam constituir e administrar associações voluntárias, através de federações autogeridas de produtores autônomos. “Assim sendo”, o mutualismo e a nova ordem social estariam baseados nos princípios da descentralização e do pluralismo,

⁴⁴ ANSART, Pierre. in CHATELET, F., DUHAMEL, O., PISIER, E. et al. *Dicionário das obras políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

⁴⁵ ANSART, Pierre. op. cit., p. 963.

articulados em todos os níveis através do princípio federal, “a liquidação do Estado centralizador antifederalista e antiindividualista era uma condição necessária à implantação de uma ordem social de acordo com o modelo anarquista mutualista”⁴⁷.

Concluindo parcialmente, “mutualidade supõe partilha da terra, divisão das propriedades, independência do trabalho, separação das indústrias, especialidade das funções, responsabilidade individual e coletiva, visto que o trabalho é individualizado ou agrupado; redução ao mínimo dos gastos gerais, supressão do parasitismo e da miséria”⁴⁸.

Se Proudhon foi o primeiro a usar o termo *anarquismo* sem a carga negativa que o acompanhava até então, coube a Mikhail A. Bakunin (1814-1876) fundar o anarquismo como movimento internacional, dando a esta ideologia nas últimas décadas do século XIX, o caráter definitivo e combativo que caracterizou este movimento.

Bakunin fundamentou o anarquismo para o campo da ação, discípulo dos ideais de Proudhon e defensor do lema: “a paixão pela destruição é também uma paixão criadora!”. O anarquismo bakuninista estabeleceu as bases da expropriação violenta e revolucionária da propriedade capitalista e da propriedade fundiária, o que levaria a alguma modalidade de coletivismo. A estratégia de Bakunin previa levantes espontâneos das classes oprimidas, tanto de camponeses como de trabalhadores industriais em insurreições generalizadas no curso das quais o Estado seria abolido e

⁴⁶ PROUDHON. P. J. in RESENDE, Paulo-Edgar A., PASSETTI, Edson (org.). *Proudhon*. São Paulo: Ática, 1986.

⁴⁷ LUIZZETO, Flávio. op. cit., p. 25.

⁴⁸ PROUDHON. P. J. ibidem. p. 122.

substituído por comunas autônomas, ligadas federalmente em níveis regional, nacional e internacional.

Definida como ação direta, esta ação política previa a eliminação do Estado e o princípio da autoridade que ele representava, abolidos no curso da revolução social, mesmo que comunistas acreditassem que a abolição das classes, em consequência das medidas de socialização que seriam desenvolvidas, levariam o Estado ao seu fim. Para Bakunin, a socialização dos meios de produção e a implantação da ditadura do proletariado, se tornaria uma ditadura sobre o proletariado e resultaria num novo sistema de dominação de classe, mais poderosa e maligno.

Como afirmou Lenin em seu livro *‘Como iludir o povo’*, a “ditadura do proletariado não é o fim das lutas de classe mas sua continuação em novas formas”⁴⁹. Bakunin divergiu intrinsecamente do revolucionário marxista, já que este valorizou excessivamente o papel do novo estado e respectivamente a ditadura do proletariado. Para o anarquista russo somente uma espécie de coletivismo, baseado no comunitarismo do trabalho e da produção, colocaria em comum todos os meios de produção, mas deixando a cada um usufruir individualmente os resultados do trabalho pessoal.

Bakunin preconizava a ação espontânea das massas, negava aceitar a organização dessa através de um partido político, acreditando assim como Proudhon que os partidos representavam apenas uma variedade de absolutismo. Embora achasse que os revolucionários devessem se organizar, por vezes até mesmo secretamente, julgava que sua tarefa era essencialmente a de estimular e despertar as classes

⁴⁹ LENIN, Vladimir Ilitch. *Como iludir o povo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1979.

oprimidas para derrubar a ordem vigente através da ação direta. Com a abolição do Estado, que segundo Bakunin, “nunca teve outra missão a não ser a de regularizar, sancionar e proteger, com a benção da Igreja, a dominação das classes privilegiadas e a exploração do trabalho popular em proveito dos ricos”⁵⁰, o povo construiria sobre estas ruínas, “a organização social do futuro, estabelecida de baixo para cima, pela livre associação ou federação de trabalhadores, primeiramente em seus sindicatos, depois em comunas, regiões, nações e, finalmente, numa grande federação internacional e universal”⁵¹.

Assim como Bakunin, o príncipe russo Piotr A. Kropotkin (1842-1921) foi um signatário dos ideais de Proudhon. Sucedendo Bakunin, o príncipe anarquista ressaltou a importância da ajuda mútua como fator do progresso social, sendo um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da teoria do *anarquismo comunista*, baseado no princípio de que “tudo pertence a todos” e a distribuição baseia-se exclusivamente nas necessidades.

O *anarquismo comunista* representou um avanço histórico em relação ao anarquismo individualista. A realização plena do indivíduo nesta sociedade somente seria possível quando cada um fosse induzido a renunciar uma parte da liberdade pessoal (mais precisamente a econômica), pelo direito da liberdade social. Esta organização poderia ser alcançada através de uma organização comunitária dos meios de produção e do trabalho e numa distribuição comum dos produtos, na proporção das necessidades de cada um, desde que neste processo seja salvaguardado os princípios do anarquismo, tais como, o exercício das mais amplas

⁵⁰ GUÉRIN, Daniel. *Bakunin*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

⁵¹ BAKUNIN, Mikhail. *Escritos de Filosofia Política*. Madri: Alianza Editorial, 1978.

liberdades para o indivíduo e para a sociedade.

Bakunin defendia o coletivismo resistindo a idéia de comunismo, “um modelo de organização social que, a seu ver, representava a negação completa da liberdade individual”⁵². Para Kropotkin e seus seguidores não era incompatível propor o casamento da anarquia com o comunismo, esta união não representava qualquer ameaça a liberdade individual.

A partir da fusão de princípios anarquistas com os princípios comunistas, Kropotkin pretendia construir uma sociedade livre, onde a propriedade pessoal da terra, das fábricas, dos instrumentos de trabalho estariam abolidos, sendo então substituídos por uma espécie de coletivismo, onde a organização social estaria baseada em princípios de solidariedade, cooperação e reciprocidade, próprios da condição humana segundo Kropotkin.

O anarquismo proposto por Kropotkin repercutiu de forma decisiva nos meios operários brasileiros. Esta influência deve-se ao seu prestígio pessoal e à tenacidade com defendeu as suas teses. Por outro lado, a ação direta pregada por Bakunin encontrou terreno fértil no operariado em formação.

Entretanto, não é possível falar em anarquismo sem falar da sua mais vibrante variante: o *anarcossindicalismo*. E é esta análise que mais nos interessa no momento, visto que Astrojildo irá se filiar a esta que é uma das últimas correntes do anarquismo surgidas na história do movimento operário. “Tributário das posições de Bakunin, um dos dirigentes da I Internacional dos Trabalhadores (AIT) se desenvolveu, principalmente, a partir do último decênio do século passado”⁵³.

⁵² LUIZZETO, Flávio. op. cit., p. 33.

⁵³ HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. op. cit., p. 262.

No início do século XX, o anarcossindicalismo chegou a obter o controle de importantes centrais sindicais na França (Confederação Geral do Trabalho) e na Espanha (Confederação Nacional do Trabalho), organizadas de forma federativa por categorias profissionais (CGT) ou por localidades regionais (CNT). No Congresso Internacional Anarquista de Amsterdã (1907) deu-se a clara cisão entre anarco-comunistas (Malatesta) e anarcossindicalistas (Monatte). Estes últimos destacavam o sindicato como meio e fim da ação libertária e a greve geral revolucionária como a arma decisiva, espécie de erupção vulcânica, capaz, por si só, de trazer à tona um novo mundo.

O anarcossindicalismo foi se desenvolvendo após a violenta repressão desencadeada contra os seguidores de Bakunin, que viam na tática da *propaganda pela ação* – atos de assassinatos de grandes figuras políticas e de terrorismo contra a burguesia – com o objetivo de estimular insurreições populares. Esta repressão levou os anarquistas a desenvolverem uma estratégia ligada ao sindicalismo. O objetivo era transformar os sindicatos em instrumentos revolucionários do proletariado em sua luta contra a burguesia.

Para Astorjildo Pereira era fundamental a organização dos trabalhadores em associações classistas, repetindo o modelo anarquista proposto por muitos anarquistas, o qual estes sindicatos representariam e aglutinariam as massas operárias.

Uma discussão constante nos círculos anarquistas é a questão dos sindicatos. O debate existente gira em torno da validade e da representatividade destes como órgãos representantes da classe operária e, mais do que isto, o cerne central é a utilização dos sindicatos como órgãos transformadores da sociedade.

No Congresso Anarquista realizado em Amsterdã, em agosto de 1907, um debate será travado entre Pierre Monatte e Errico Malatesta sobre um único tema: o sindicalismo, como citado anteriormente. Monatte, em discurso pronunciado neste congresso reafirma as propostas do anarcossindicalismo. Baseado na experiência francesa executada pela CGT e por seu principal representante, Fernand Pelloutier, Monatte acreditava que a teoria anarcossindicalista e os sindicatos poderiam servir, ao mesmo tempo, como um meio de levar adiante a luta para obter a transformação social e como modelo para o mundo comunista e livre do futuro.

Segundo Monatte, “diferente de outras formas de socialismo e anarquismo que o precederam”, o anarcossindicalismo “se manifesta menos nas teorias do que em atos concretos e devemos procurá-lo na prática e não nos livros”⁵⁴. É o próprio Monatte que ressalta as semelhanças entre o anarquismo e o sindicalismo, através do argumento que, “ambos tentam eliminar o capitalismo e o sistema salarial através de uma revolução social. O sindicalismo existe como a prova de um recrudescimento do movimento operário, e ele faz renascer no anarquismo uma consciência de suas origens entre os trabalhadores; por outro lado, não foram poucas as contribuições dos anarquistas no sentido de levar o movimento operário para o caminho da revolução e da popularização do conceito de ação direta”⁵⁵.

Monatte ainda ressalta que a ação direta pode assumir as mais variadas formas, “a principal, ou melhor, a mais notável dela é a greve. Uma faca de dois gumes segundo alguns, mas não para nós que a consideramos uma arma sólida e bem

⁵⁴ WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. 3. ed.. Porto Alegre: L&PM, 1986.

⁵⁵ MONATTE, Pierre. *Em Defesa do Sindicalismo* in. WOODCOCK, George. op. cit., p. 197.

temperada que, quando bem manejada pode atingir o coração do capitalismo”⁵⁶. Este anarquismo sindicalista apresentou possibilidades reais para o movimento operário, segundo Monatte “o sindicalismo não perde tempo prometendo o paraíso terrestre. Ele exige que os próprios operários lutem para conquista-lo, assegurando-lhes que seus atos jamais serão em vão”⁵⁷.

No mesmo congresso Errico Malatesta ataca o argumento de Monatte, afirmando que o sindicalismo “é uma forma necessária e capaz de obter a revolução social”⁵⁸. Em outras palavras, afirma que o sindicalismo se basta em si mesmo.

Para Malatesta, os sindicatos operários são úteis, entretanto eles são uma fase de ascensão do proletariado, os sindicatos dariam uma consistência aos trabalhadores de suas reais posições de explorados. Esta crítica está baseada no argumento de que o sindicalismo começou a se transformar numa nova doutrina que ameaça a própria existência do anarquismo. Contudo, Malatesta não compreende que o sindicalismo tornou-se apenas mais uma forma de luta e de estratégia da classe trabalhadora contra a exploração promovida pela burguesia. É o próprio Malatesta que em 1922 num artigo intitulado *sindicalismo e anarquismo*, dá uma forma mais acabada de suas posições, ao afirmar que “não se deve confundir o sindicalismo, que quer para si uma doutrina e um método para resolver a questão social, com a propaganda, a existência e a atividade dos sindicatos operários”⁵⁹.

O próprio Malatesta refuta a idéia da greve geral, argumentando que este tipo de estratégia torna-se perigosa pelo tipo de derrota que ela poderia oferecer para o

⁵⁶ ibidem. in. WOODCOCK, George. op. cit., p. 201.

⁵⁷ ibidem. in. WOODCOCK, George. op. cit., p. 202.

⁵⁸ MALATESTA, Errico. *Sindicalismo: A crítica de um anarquista*. in. WOODCOCK, George. op. cit., p. 203.

⁵⁹ MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Novos Tempos, 1989.

movimento operário. “Uma vez, mais, a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas os *meios*, a anarquia é o *fim*”⁶⁰.

Não podemos afirmar categoricamente que Astrojildo Pereira tenha tido contato com algum destes dois textos, mas suas posições assumidas a partir de 1917 se aproximam com as posições estabelecidas por Pierre Monatte em Amsterdã.

O anarquismo para Astrojildo como ele mesmo afirma, “*mesmo com A maiúsculo, não é um dogma, um ídolo, uma coisa sagrada. Digo mais: o que importa não são as palavras, são os fatos. Se uma série de fatos me demonstram que tais ou mais pontos de doutrina, tais ou quais princípios não estão conforme a realidade, para o diabo tais princípios e tais doutrinas...*”⁶¹. E neste ponto ele estava correto, descrever a teoria essencial do anarquismo é um “pouco como tentar lutar com Proteu, pois as próprias características da atitude libertária – a rejeição ao dogma, a deliberada fuga a sistemas rígidos e, acima de tudo a ênfase que dá a total liberdade de escolha, à primazia do julgamento individual – cria imediatamente a possibilidade de uma imensa variedade de pontos de vistas, inconcebíveis num sistema rigorosamente dogmático”⁶².

No Brasil, o anarcossindicalismo seria esta a tendência majoritária no movimento operário do centro-sul, a partir dos primeiros anos do século XX. Com efeito, após o refluxo momentâneo das atividades dos socialistas, nos primeiros anos da República, foi no primeiro decênio deste século que o anarcossindicalismo despontou como tendência expressiva da parcela mais importante do movimento

⁶⁰ ibidem. in. WOODCOCK, George. op. cit., p. 207.

⁶¹ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1921?].

operário no Brasil. As greves que cresciam em número, a intensa atividade sindical e o afluxo da imprensa operária tiveram nos núcleos de militantes anarcossindicalistas um respaldo dos mais decisivos.

Há várias razões para explicar este predomínio dos anarcossindicalistas, mas podem ser observadas como tendências históricas mais importantes as seguintes:

a) as doutrinas anarquistas propagaram-se em regra nas áreas de menor concentração industrial (Itália, Espanha, França, Portugal), onde predominava a pequena indústria de propriedade individual ou familiar, na qual a organização do trabalho baseava-se amplamente em trabalhadores qualificados, nos ex-artesãos convertidos em assalariados;

b) na América Latina, além da presença de um capitalismo atrasado e dependente, não se pode ignorar e nem reduzir o significado dos imigrantes na implantação do anarquismo na América Latina e a importância de sua proveniência de países onde o movimento libertário tinha pelo menos bastante prestígio;

c) as condições ideais para a expansão do anarquismo parecem se criar quando se conjugam, no plano político, Estados burocráticos e autoritários e, no plano econômico, a pequena oficina. Não obstante as óbvias diferenças entre os Estados burocráticos e autoritários europeus e o Estado oligárquico latino-americano, é possível constatar em ambos os casos a mesma combinação de sistema político excludente e pequena empresa.

De acordo com o levantamento parcial feito por Edgar Rodrigues, “cento e onze greves operárias foram realizadas no Brasil republicano, entre 1900–10; e 258,

⁶² WOODCOCK, George. op. cit., p. 15.

no período de 1910–20”⁶³, visto que o pesquisador exclui a conjuntura 1917–18. No entanto, Bóris Fausto pesquisando somente os anos 1917-1920 e com registros referentes a São Paulo (capital e interior) e Rio de Janeiro (Distrito Federal) levantou a ocorrência de mais de 200 greves operárias, envolvendo somente nos casos em que este dado era disponível a participação direta de cerca de 300 mil trabalhadores.

Se tais levantamentos são incompletos, dado o próprio caráter descontínuo e fragmentado da documentação historiográfica do movimento operário, eles servem, porém, para registrar a significativa presença da classe operária brasileira no plano político da vida nacional da Primeira República. Presença esta não pacata, aliás, pois sempre esteve marcada pelo enfrentamento direto com o Estado oligárquico, cuja repressão, apenas nos casos registrados e anteriores a 1922, deixou as seguintes marcas: “cinquenta repressões e fechamentos de organizações operárias, quatorze mortes de trabalhadores, 657 prisões em razão de greves, 31 deportações e 128 expulsões do território nacional”⁶⁴.

Uns dos principais instrumentos de organização e de mobilização da classe operária brasileira será representado pelos Congressos Operários. Eles tiveram a função de aglutinar e definir diretrizes para a atuação da classe trabalhadora para as lutas que se travariam nos anos subseqüentes.

De predominância anarcossindicalista, o Primeiro Congresso Operário teve em 1906 a primeira experiência, através de intensa propaganda de convocação publicada em jornais operários e de circulares publicadas pelas associações operárias trabalhadores. Neste congresso fica definido a criação da Confederação Operária

⁶³ RODRIGUES, Edgar. *Trabalho e conflito*. in. HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. op. cit., p. 263.

Brasileira, inspirada diretamente no modelo da CGT francesa, então sob influência do sindicalismo revolucionário.

A partir de uma intensa campanha de agitação por todo o país contra a Lei Adolfo Gordo, de expulsão de estrangeiros e motivado por várias greves que agitaram o centro-sul, o movimento operário que tinha entrado em relativo refluxo nos anos de 1909/1912, realizou em 1913 o Segundo Congresso Operário Brasileiro, convocado pela COB.

Neste Segundo Congresso foram reafirmadas as teses anarcossindicalistas que haviam predominado no Primeiro Congresso: “defende-se o método da ação direta de pressão e resistência contra o capitalismo, a organização sindical autônoma e federativista é ainda reafirmada como principal instrumento de combate da classe: mais uma vez, nega-se a necessidade de qualquer partido político dos trabalhadores”⁶⁵.

Entre o primeiro e o segundo congresso (1906 – 1913) foi grande o número de greves e de lutas por categoria, desde greves gerais em determinadas cidades, generalizadas em certos Estados, até pequenos conflitos restritos a uma oficina ou numa fábrica. “A esse ascenso da classe trabalhadora, porém, no plano organizativo, um grau ainda incipiente de concretização. Os sindicatos tinham uma independência total em relação ao Estado e às classes dominantes.”⁶⁶

O Terceiro Congresso Operário Brasileiro realizado, em 1920, foi cristalizado num momento de crise do movimento operário após a conjuntura de 1917–1920. “Como os congressos de 1906 e 1913, a possibilidade de sua realização

⁶⁴ FAUSTO, Bóris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel. 1986.

⁶⁵ HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. op. cit., p. 273.

⁶⁶ HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. op. cit., p. 274.

foi determinada pela conjuntura de descenso do movimento operário”⁶⁷ (haja vista que no período após 1919, haviam sido deportados mais de vinte líderes operários, vários deles preparadores do terceiro Congresso).

O 3º COB adquiriu uma visão internacionalista sem igual, na reunião levantou moções de repúdio à repressão contra os trabalhadores da Espanha e de Portugal, recriminou a tirania inglesa sobre o povo irlandês e contra o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Ainda a respeito da situação internacional o 3º COB resolve: “Declarar a sua expectativa simpática em face da Terceira Internacional de Moscou, cujos princípios gerais correspondem verdadeiramente às aspirações de liberdade e igualdade dos trabalhadores de todos o mundo”⁶⁸. Ressalto que “o congresso – dentro das normas sindicalistas-libertárias é o depositário dos princípios filosóficos da organização, bem como dos acordos firmados em congressos anteriores”⁶⁹.

Frente a um movimento operário que, apesar da instabilidade organizacional própria de um proletariado ainda em formação, se fazia presente na vida social e na cena política brasileira, de forma cada vez mais intensa, as classes dominantes e o Estado oligárquico-republicano reagiam através de forte repressão policial e jurídica, dada a própria fraqueza e atraso congênito da burguesia brasileira, incapaz de organizar politicamente sua dominação de classe fora do quadro de sistemas autoritários ou tirânicos.

⁶⁷ HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. op. cit., p. 282.

⁶⁸ *Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso Operário*. São Paulo: Cooperativa Graphica Popular, ano I, agosto de 1920, nº 01.

⁶⁹ RODRIGUES, Edgar. *ABC do Sindicalismo Revolucionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1987

Porém, além deste traço predominante, a própria pressão real do movimento operário obrigou a classe dominante a valer-se de outros recursos para além da pura repressão. Nos anos iniciais da República Liberal elabora-se um conjunto de leis trabalhistas para tentar dar conta do processo de industrialização brasileira. “O estabelecimento de uma legislação social significa a adoção de normas jurídicas que regulam e controlam o exemplo mais característico de contrato de compra e venda numa sociedade de mercado que é a compra e venda da mercadoria força de trabalho”⁷⁰.

Angela Maria de Castro Gomes, em seu livro *Burguesia e Trabalho*, observou que, em “meados de 1917, está assinalado por grandes agitações do movimento operário, quer no Rio, quer em São Paulo, o que obviamente, tem intrínseca relação com o surgimento de uma preocupação mais regular sobre a legislação social por parte dos meios políticos e empresariais”⁷¹. O aparecimento da legislação do trabalho refletiu, basicamente, “os efeitos concretos que o ascenso do movimento operário provocava sobre a política social das classes dominantes. De qualquer modo, pois, a regulamentação do trabalho foi uma conquista da classe operária obtida através de uma árdua luta que se desenrola na Primeira República, principalmente sob a direção dos sindicatos anarcossindicalistas”⁷².

A atuação política de Astrojildo Pereira neste período é voltada exclusivamente para militância anarcossindicalista. Herdeiro de uma tradição

⁷⁰ GOMES, Angela M. Castro. *Burguesia e Trabalho: Política e Legislação Social no Brasil (1917/1937)*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

⁷¹ GOMES, Angela M. Castro. op. cit., p. 25.

⁷² HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor.. op. cit., p. 266.

adquirida pelas lutas promovidas pela classe trabalhadora, “no plano político é a fase em que adota uma definitiva perspectiva de classe; apreende as possibilidades e limites proporcionadas pela vanguarda operária dos anos 10; e no plano do conhecimento, descobre seu caminho de inserção na realidade social e cultural como escritor militante, jornalista da revolução”⁷³.

1.2 — *A Crônica Subversiva*

Como jornalista da revolução, o discurso político de Astrojildo Pereira foi construído a partir de suas experiências adquiridas durante sua militância anarquista realizada nos meios operários. Sua atuação nestes círculos foi se desenvolvendo no decorrer dos anos 10 e presenciada nos jornais em que colabora ou funda.

Como jornalista seus artigos apresentam duas características: a primeira é informar a classe operária dos acontecimentos ocorridos nos centros industriais, estes artigos são colaborações para jornais fora do Rio de Janeiro; temos então um Astrojildo jornalista. No segundo caso o jornalista se transfigura em militante, seus artigos tem a função de preparar o proletariado para a tão sonhada revolução social.

Observamos então, um Astrojildo que conjuga os dois expoentes comuns na imprensa operária: o jornalista e o militante. Escrevendo ou colaborando na imprensa,

⁷³ FEIJÓ, Martin Cezar. *Formação Política de Astrojildo Pereira* (1890/1920). São Paulo: Novos Rumos, 1985.

busca compreender os caminhos para a mudança social. O jornalista da revolução e o militante anarquista se confundem e assumem um caráter definitivo ao empreender a árdua tarefa de “editar, redigir e distribuir sozinho um jornal”⁷⁴.

O jornal editado em 1918 (ano de importantes experiências políticas e culturais tais como: a greve dos marítimos da Cantareira, o primeiro aniversário da revolução russa e a participação no movimento insurrecional), se chamava *Crônica Subversiva* “(mesmo título da seção editorial da revista *A Vida*, de 1915). O seminário saía aos sábados, tendo quatro páginas divididas em editoriais que abordavam questões como a guerra, a revolução e a carestia; “A Cidade e os Dias”, comentando dia a dia da semana alguns acontecimentos políticos ou cotidianos do Rio de Janeiro; artigos diversos, como notas e notícias sobre o movimento operário, homenagens a militantes (como por exemplo, noticiando a morte de Francisco Gattai) até sobre livros ou filmes em cartaz nos *cinematógrafos*”⁷⁵.

Astrojildo Pereira fez do jornal *Crônica Subversiva* seu porta-voz contra a República Liberal e a favor dos princípios anarquistas. Funcionando de “junho a outubro de 1918”, o jornalista-militante através deste panfleto semanal desempenhou o papel de fustigar “os donos do poder”, se solidarizando “com a perspectiva dos de baixo”⁷⁶, afirmando que “*este vibrante panfleto de pequeno formato que vem apressar a demolição do edifício burguês com sua crítica veemente à sociedade atual*”⁷⁷.

⁷⁴ FEIJÓ, Martin Cezar. op. cit. p. 71.

⁷⁵ FEIJÓ, Martin Cezar. op. cit., p. 71.

⁷⁶ KONDER, Leandro. *Atualidade de Astrojildo Pereira*. in. *A Crônica Subversiva*. São Paulo: Centro de Memória Social, Arquivo do Estado de São Paulo. s.d.

⁷⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva*. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, 01 de Junho de 1918.

Para combater a autoridade e o autoritarismo presentes no cenário político da República Liberal (1894/1930), Astrojildo priorizava a organização política da classe operária e, em segundo, a existência de um organismo que reproduzisse e propagasse esta organização operária, no caso, o órgão representativo seria um jornal.

Para a organização dos trabalhadores, o anarquista defendeu a constituição de uma Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, *“a exemplo do que se fez em São Paulo, com êxito, não será uma agrupação de indivíduos para determinado fim: será antes um organismo de ligação, de relação, de entendimento oportuno entre agrupações e indivíduos. Quer dizer: todos os grupos existentes no Rio de Janeiro e os que se formarem de ora em diante, bem como os indivíduos que não pertençam a nenhum grupo, federar-se-ão na Aliança, que será um instrumento de conjunção entre todos, organizando a ação comum de todos nas oportunidades que se oferecem”*⁷⁸.

O princípio anarquista estava mantido pela espontaneidade em que esta aliança foi formada, tendo por fim “congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessário”⁷⁹. Ao organizar reivindica, *“a soma das vontades individuais: transformando-se na multiplicação ao infinito dessas vontades”*⁸⁰. Para isto, esperava que os trabalhadores se unissem em torno desta associação. Esta associação não significava a eliminação dos princípios individuais, muito menos o alinhamento cego na mão de um *“eleito, mas sim, a organização fecunda, representativa, coordenada”*⁸¹.

⁷⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

⁷⁹ ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

⁸⁰ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o jornal*. [ca. 1917]

⁸¹ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o jornal*. [ca. 1917] p. 03

Mesmo que a organização já estivesse presente no cenário político da República Liberal, ainda assim, o problema segundo ele era generalizar este organismo a todos os ramos do mundo do trabalho, *‘solidificá-la pelo exercício constante, ativo, voluntário e fraternal da solidariedade’*⁸². Baseando-se no princípio da descentralização anarquista, *“a Aliança não terá sede própria, não terá estatutos, não terá coisa nenhuma que especifique determinados fins e métodos. O seu fim e o seu método é, quanto possível tornar comum determinada obra, convocar todas as vontades individuais e coletivas, e dar corpo com o concurso de todos, a iniciativa surgida. Estas são as linhas gerais do nosso plano, cremos que exposto com clareza e precisão. Todavia, se algum camarada não apreendeu bem o que quisemos dizer, que peça explicações e exponha suas dúvidas, a fim de que não se estabeleçam, daqui a pouco, discussões em torno de mal-entendidos”*⁸³.

Para a reprodução e propagação das organizações operárias, Astrojildo defendeu a manutenção de um organismo vinculado e mantido pela classe operária, consolidado na forma de um jornal. Este, segundo ele, *“poderia constituir um instrumento incomparável de solidariedade na ação do proletariado. mas um jornal nosso, feito por nós, criado por nós, alimentado por nós, e destinado só a nós. Estamos fartos de decepções a respeito dos jornais burgueses, – todos muito amigos e muito dedicados aos trabalhadores, quando surgem e precisam do apoio popular para viver, e quando se encontram fortes e poderosos, cuidando só (de resto, naturalmente) dos seus interesses capitalísticos e dos interesses, e claro, dos*

⁸² PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o jornal*. [ca. 1917] p. 03

⁸³ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

pares da sua classe. E quando não e isso, dá-se então pior: o jornal se torna um instrumento de enganos, de embustes, de mentira, desunindo e dividindo os trabalhadores com falsos conselhos e fementidas apostrofes de ‘paz social’, de ‘ordem’, de patriotismo e estrangeirismo, etc., etc. Temos tido, é verdade, pequenas folhas, boas e úteis, mas, por suas própria natureza de existência precária e limitada”⁸⁴.

Ao privilegiar a constituição de um jornal diário, o jornalista-militante pretendia que este órgão representasse e consagrasse os “*interesses reais das classes trabalhadoras das cidades e dos campos do Brasil*”⁸⁵, transformando-se em um organismo “*de educação social, de doutrinação reivindicatória e libertadora, de combate esclarecido tenaz e irredutível, a todas as explorações e injustiças de que são vitimas quotidianas os homens e as coletividades do trabalho*”⁸⁶. Resumido, segundo ele, “*numa só palavra: um jornal feito por trabalhadores para trabalhadores*”⁸⁷.

Este veículo somente faria sentido quando se transformasse em um lugar de transição entre a teoria pura e o apelo à ação, libertando-os “*da folha burguesa, que somente com vistas no lucro se dedica mais ou menos as causas proletárias, e dar-nos um órgão integralmente nosso, capaz de pugnar verdadeiramente pelas nossas aspirações e de servir sinceramente os nossos interesses*”⁸⁸. Transformando assim, este órgão em um prosseguidor e partidário das ações ácratas.

⁸⁴ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o Jornal*. [1917?]. p. 03.

⁸⁵ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o Jornal*. [1917?]. p. 03.

⁸⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o Jornal*. [1917?]. p. 03.

⁸⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o Jornal*. [1917?]. p. 03/04.

⁸⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o Jornal*. [1917?]. p. 04.

Madeleine Worontsov, estudando as relações estabelecidas por Lenin em relação a imprensa, nos fornece dados substanciais para o entendimento do papel que esta imprensa proletária realizaria na organização da classe operária e posteriormente no desenrolar da revolução.

Herdeiros de uma tradição iniciada por Karl Marx, “criador do primeiro jornal proletário”⁸⁹, tanto Lenin quanto Astrojildo se definiram profissionalmente como jornalistas, se utilizaram deste veículo para estabelecer que “cada artigo” converteria “a teoria em palavras de ordem e em consignas exatas”⁹⁰. Se para Lenin o jornal não “é apenas um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo”⁹¹, para Astrojildo este veículo tinha a mesma função, com uma diferença, o anarquista brasileiro não concebe este veículo ligado a um partido como Lenin afirmou que a função jornalística está a serviço do trabalho do partido. Todavia, os dois revolucionários concordavam com o princípio de que o jornal não era apenas um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo.

Outra característica comum pode ser detectada na concepção do “jornalista profissional” que “desdobra-se em jornalista proletário”. Este assume características próprias, tais como “a surpresa do título, o ângulo de ataque dos problemas, o tipo de argumentação, a escolha dos termos, são em exclusivo submetidos a este fim: ser compreendido pelos operários”⁹². A abordagem jornalística destes dois revolucionários teve o caráter de agrupar os operários em torno de uma ideologia, funcionando como um centro de discussão das questões relativas ao operariado. Para

⁸⁹ WORONTSOV, Madeleine. *Nome: Lenine, Profissão: Jornalista (Lenine e a Imprensa Revolucionária)*. Lisboa: Antídoto, 1977.

⁹⁰ WORONTSOV, Madeleine. op. cit., p. 19.

⁹¹ WORONTSOV, Madeleine. op. cit., p. 33.

ambos, “somente um jornal que divulgue de modo conseqüentes os princípios da luta política e levante bem alto a bandeira da democracia estará em condições de convencer todos os elementos democráticos combativos e aproveitar todas as forças progressistas na luta pela liberdade política”⁹³.

Assim como Lenin, Astrojildo acreditava que “a organização das forças revolucionárias, sua disciplina e o desenvolvimento da técnica revolucionária são impossíveis sem a discussão destas questões através de um órgão que as centralize, sem elaborar coletivamente determinada forma e normas de direção e de trabalho e sem concretizar a responsabilidade de cada membro ante o todo”⁹⁴.

Então, logo no editorial inaugural da *Crônica Subversiva*, Astrojildo teve a oportunidade de reafirmar suas posições anarquistas. Afirmando que *‘esta folha minúscula pode dizer-se que é obra dum impulso. Imaginei-a, em certo momento, e decidi, de pedra e cal, trazê-la a publico. O seu corpo é simples e o seu programa se contém no seu próprio título: ela será, cada sábado, uma crônica subversiva dos fatos e das coisas, das idéias e dos sentimentos que agitaram ou encheram os sete dias precedentes. Um só critério me guiará, no fundo e na forma: o meu critério. Folha personalíssima, eu direi aqui, sobre os homens e as suas ações, o que me parecer deve ser dito, serenamente ou indignadamente, mas sempre sinceramente. Militante apaixonado da Anarquia, inimigo irreduzível da autoridade, sob todas as suas formas e manifestações, eu combaterei, com esta pequena clava, o bom combate libertário, no intuito único de concorrer com meu*

⁹² WORONTSOV, Madeleine. op. cit., p. 22.

⁹³ LENIN, Wladimir Ilitch. *Que Fazer*. São Paulo: HUCITEC, 1979.

⁹⁴ LENIN, Wladimir Ilitch. op. cit., p. 189.

*modesto esforço na formidável obra da Revolução social. Nada mais ambicioso, aqui, nem mais nada prometo. E é tudo*⁹⁵.

Na *Crônica Subversiva*, Astrojildo teve a oportunidade de publicar vários artigos sobre uma questão que mais chamavam sua atenção: a “*solução anárquica*”. O jornalista da revolução escreve os artigos em um “tom muito caro aos anarquistas, enfatizando sempre que os problemas dos trabalhadores só serão resolvidos pelos próprios trabalhadores”⁹⁶. No número inaugural, o jornalista-militante se põe a investigar as possibilidades da realização plena da *solução anárquica* como elemento fundamental da libertação da classe operária do jugo burguês. Esta investigação percorrerá vários números desta publicação.

Em um longo artigo intitulado *A Carestia* editado neste primeiro número da *Crônica Subversiva*, manifesta oportunamente pela primeira suas concepções a respeito da *solução anárquica*. O artigo tratava basicamente de um problema que afligia a classe trabalhadora, a carestia. Sendo: “*um grave problema já de cabelos brancos, e cada vez mais grave*”⁹⁷. Condenando e denunciando a inoperância da burguesia diante do problema apresentado, Astrojildo não espera sensibilizar as autoridades. Ele já não crê nelas, as vê em suas posições imóveis, incapazes (graças aos vínculos sociais e econômicos) de dar uma solução razoável. Sintetizado e “(...) *reduzindo a termos simples e concretos, o problema da carestia pode ser assim enunciado: os trabalhadores, da cidade e do campo, produzem os gêneros; os gêneros são açambarcados pelos ‘trusts’ de comerciantes e industriais;*

⁹⁵ PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

⁹⁶ ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., p. 62.

⁹⁷ PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

açambarcados os gêneros, os açambarcadores marcam-lhes os preços que mais lucros proporcionam; consequência – o povo tem de comprar pelos preços marcados ... Bem entendido: se o cobre chegar para tanto; se não chegar... que arrebente! E o Governo (...) Ora, o governo nada faz pela simplíssima razão de que seria um contra-senso se alguma coisa fizesse. Os homens do governo, do ramo executivo, como do ramo legislativo, são eles próprios – ou sócios dos açambarcadores, ou mandatários diretos dos açambarcadores”⁹⁸.

Consciente de que o governo republicano aliado com a burguesia não dariam nenhuma solução, ele reforça a idéia assim: “(...), são os homens do governo os próprios causadores da carestia, como hão de dar combate a essa carestia, de que vivem, crescem e prosperam os seus próprios negócios”⁹⁹. E quando estes simulam um gesto protetor visam “um fim único: manter o povo na ilusão de que se interessam pela sua sorte e de próximas soluções para a crise.”¹⁰⁰

Entretanto, segundo ele, existe “a solução revolucionária e anárquica que eu reputo efficacíssima”¹⁰¹.

Expondo pela primeira vez a solução anárquica aos leitores da *Crônica Subversiva*, ele reforça a idéia do anarquismo bakuninista, propondo a ação direta e imediata dos trabalhadores que culminaria na forma de greves atingindo o ponto da greve geral social, onde os sindicatos assumiriam o controle dos meios de produção e de todas as outras funções sociais necessárias, expropriariam os proprietários e destituiriam todas as instituições. Estabelecendo assim o autêntico domínio da classe

⁹⁸ PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

⁹⁹ PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

¹⁰⁰ PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

¹⁰¹ PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

operária. Ao propor a *solução anárquica*, espera que a classe operária do Rio de Janeiro se afirme “enquanto força social autônoma, organizando um movimento político e também produzindo suas próprias práticas e manifestações culturais, enfim construindo sua identidade, se auto formando enquanto classe para si”¹⁰².

No número seguinte, Astrojildo Pereira expôs detalhadamente a *solução anárquica* “que corresponderia à vitória da tão esperada e desejada revolução social”¹⁰³. Novamente *carestia* e *solução anárquica* se interligavam e segundo ele: “*não há escassez de produção. Ao contrário, há aumento sensível, segundo se verifica pelas estatísticas publicadas. Não é, pois, devido à escassez de gêneros que o preço destes tem subido a alturas jamais alcançadas até hoje. Mais duma vez tem os jornais estampado fotografias e reportagens sobre o armazenamento de produtos de gasto cotidiano da população, como o açúcar cotidiano, o feijão, a carne, etc. De fato, os grandes armazéns e depósitos existentes nesta cidade se acham abarrotados. Milhares e milhares de sacas disto ou daquilo aguardam ali os preços que mais convenham à ganância insaciável dos açambarcadores. A carestia tem, assim, como causa direta, o jogo desses abutres do alto comércio. Contra eles, portanto, é que o povo deve agir. O governo é impotente, e confessa-se impotente: o*

povo nada mais tem que esperar dele e só lhe resta, ou agir por suas próprias mãos, e resolver definitivamente a crise, ou estiolar-se à mingua de alimentação, morrer literalmente de fome...Mas como agir? Simples: agindo. Indo aos depósitos, aos armazéns, e arrancando o que lá existe. É claro que, indo

¹⁰² ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., pp. 54/55.

¹⁰³ ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., p. 65.

isoladamente, cada homem, a polícia o agarrará e o trancafiará na cadeia. Necessário é que o povo se reúna em multidão vá aos lugares em que se amontoam os gêneros de que precisa. Provavelmente, os policiais, esquecidos de que pertencem ao povo e de que também sofrem as conseqüências da crise, se coloquem em defesa dos açambarcadores e cometam a vilania de atacar a multidão. A multidão deve reagir. Correrá sangue? Mais vale morrer defendendo-se o direito à vida, virilmente, que deixar-se morrer de inanição e de miséria, covardemente... De antemão se sabe que os policiais só atacarão o povo porque lhes ordenam que ataquem. E quem lhes ordena? A autoridade superior, ou, numa palavra, o governo. Porque o governo compõe-se de pessoas que, direta ou indiretamente, também fazem parte dos 'trusts' e das ligas de açambarcadores. Portanto, não somente contra os policiais terá o povo que lutar, mas contra todas as forças do governo, até botá-lo abaixo, derrotado e esmagado. Botá-lo abaixo e não deixar que mais nenhum governo autoritário e centralizador se constitua. O povo, por suas próprias mãos, diretamente, utilizando todas as boas vontades e competências, que organize, de baixo para cima, descentralizada, a administração da produção e do consumo, bem como de todos os serviços públicos. E pronto. Nesse dia estará acabada a carestia... E eis, aí está, em termos simples, claros, concretos, a solução anárquica e revolucionária para o até hoje insolúvel problema. Todos os demais paliativos serão de efeito duvidoso e efêmero. A causa imediata da carestia sobre os ombros dos açambarcadores, mas estes, por sua vez, são um produto do sistema econômico e político que nos rege. Inútil, por

consequente, querer extirpar os açambarcadores, conservando-se intacto o regime da propriedade monopolizada e deixando-se a administração centralizada nas unhas da burguesia”¹⁰⁴.

Ele não restringe sua exposição ao segundo número da *Crônica Subversiva*. No terceiro número, ele voltará a expor sua tese num artigo intitulado *Ação Popular*, onde baseado no princípio da expropriação violenta, “(...) *a única solução positiva, eficaz, verdadeira, para a fome, é a solução anárquica: a apropriação, por parte dos famintos, dos gêneros que faltam na cozinha dos pobres. Os gêneros existem armazenados pelos açambarcadores da burguesia. Pois a massa popular que os tome, que os vá buscar onde eles se amontoam. Tudo que não for isso será tempo perdido com paliativos enganadores e efêmeros*”¹⁰⁵.

Astrojildo não reduz esta idéia apenas a apropriação como forma de ação, ele sugere ao povo que este “*esmaque a burguesia – não há nada mais lógico. Em seguida, os doutores da lei, que terão de cavar o pão como o próprio trabalho, poderão formular novos sistemas de direitos adquiridos, provando que o antigo sistema era iníquo e falsissimo*”¹⁰⁶.

Sua idéia de ação direta não cessou, ela prossegue nos números subseqüentes, ampliando a idéia original e buscando no direito à greve, principalmente na greve geral social a realização da transformação social. Onde “(...) *negava-se, homem, o direito a greve, negando-se uma evidência universal – pois a chamada questão social é*

¹⁰⁴ PEREIRA, Astrojildo. *A Solução Anárquica*. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 01, 08 de junho de 1918.

¹⁰⁵ PEREIRA, Astrojildo. *Ação Popular*. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 01, 15 de junho de 1918.

¹⁰⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Ação Popular*. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 01, 15 de junho de 1918.

uma questão humana, que se não limita nem restringe as fronteiras quaisquer, geográficas ou políticas. Hoje esse direito negado em virtude duma razão muito forte, mas que nada tem que ver com o caso”¹⁰⁷. Ao propor a fundação de uma nova sociedade, ele apresenta com causa elementar a eliminação da burguesia e de todos os males por ela criados.

A *solução anárquica* para Astrojildo Pereira não se resume apenas aos artigos publicados na *Crônica Subversiva*. Para a realização desta, deveria acontecer uma ação coordenada após o esclarecimento da massa. Era o caminho para a revolução social, concretizado nos eventos de novembro de 1918 com a tentativa de implantação do soviete do Rio de Janeiro.

O ensaio geral para a Insurreição Anarquista de 1918 foi representado pela greve da Cantareira. “A Cia. Cantareira e Viação Fluminense operava os bondes e principalmente as barcas que cruzavam a baía de Guanabara entre Rio e Niterói. A greve se deu pelo fato de os trabalhadores não terem sido incluídos nos aumentos, sendo organizada pela vanguarda anarquista, tendo Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta e outros entre os líderes. o movimento se alastrou. A Brigada Policial e a Capitania dos Portos operam as barcas. Ocorrem manifestações de rua. A polícia reprime e soldados do exército aderem aos manifestantes contra a política estadual. os líderes são presos”¹⁰⁸.

Deste episódio Astrojildo saiu preso, graças a um ex-condutor de bondes da Cantareira que entregou à polícia uma carta endereçada a Astrojildo Pereira, em que estava anotado o telefone do Centro Cosmopolita, reduto anarquista. Assinada

¹⁰⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Ainda e Sempre*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 4, p. 01, 22 de junho de 1918.

¹⁰⁸ FEIJÓ, Martin Cezar. op. cit., p. 71.

Alexandre, a carta dizia o seguinte: “Nem podes imaginar como vão as coisas. A polícia atacou indiscriminadamente soldados do 58º e populares. Amanhã eles farão somente o policiamento”¹⁰⁹.

No distrito federal Astrojildo ficou preso com vários outros anarquistas, segundo o comunicado oficial, o militante respondeu de maneira confusa o interrogatório. Sua detenção durou 25 dias e neste período a *Crônica Subversiva* deixou de circular. Após a prisão, retornando a redação e redigiu um artigo intitulado, *Sob os Ferros da República*, onde oportunamente analisa sua prisão:

“(...) julgaram as autoridades da República de bom aviso trancafiar na cadeia uma quinzena de proletários, como medida infalível contra a ameaçadora ebulição operária de semanas atrás. Dessa quinzena de agitadores temerosos fiz eu parte a pretexto dum famoso bilhete, que deu que falar a imprensa local, provavelmente também a nacional, e até nem sei se à internacional. O bilhete era-me enviado por um camarada de Niterói pedindo-me uns manifestos que eu lhe prometera arranjar, a propósito da greve da Cantareira. Como porém, em lugar de pedir claramente “manifestos” o bilhete pedia “aquela” encomenda, o faro policial que bispou casualmente o papelucho, logo percebeu naquilo de “encomenda” coisa grossa e de perigo iminente para as instituições republicanas, que nos regem a poder de sabre. E assim fui agadanhado e posto em rigorosa incomunicabilidade como suspeito de aviar “encomendas” tais, terrificantes e misteriosas... (...). Aos anarquistas que estavam detidos e nem todos os que foram presos são anarquistas, declarou-nos o Major Bandeira de Mello

¹⁰⁹ DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1936)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

inspetor do Corpo de Segurança, que o intuito era apenas conservar-nos “retirados de circulação (...)”¹¹⁰.

No dia 21, Astrojildo Pereira, já em liberdade, comenta otimista o recrudescimento do movimento grevista no país, no artigo *Aura Renovadora*: “*Não só no Rio se verifica, atualmente, este promissor reerguimento das energias proletárias. Pelos estados fora, principalmente, como é natural, nas cidades mais industriosas, vai a classe operária reforçando-se nas organizações de classe, sistemáticas e solidárias. Movimento e agitações se manifestam, aqui e ali, demonstrando vitalidade e consciência. (...) Enfim: há que rejubilar-se ante a aura fecunda que perpassa, de norte a sul, pela massa proletária do Brasil... A grande hora se aproxima, amigos*”¹¹¹.

Esta grande hora revolucionária seria representada pela Insurreição Anarquista de 1918, onde a classe operária e a vanguarda anarcossindicalista do movimento operário almejavam tomar o poder. Em “18 de novembro” estoura a “greve geral no Rio de Janeiro. Tomam parte nessa atitude os operários de todo o Distrito bem como de Niterói. Um comício mostro marcado no Campo de S. Cristóvão, é cercado pela policia armada de fuzis e metralhadoras. Choques violentos com a massa operária, que não se intimida, havendo muitos feridos. Prisões às centenas. A Chefatura de Polícia declara de a greve tinha caráter subversivo”¹¹². Grande número de militantes e líderes sindicais, além de presos, respondem a processo criminal, penando vários meses na cadeia.

¹¹⁰ PEREIRA, Astrojildo . *Sob os ferros da República*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 11, p. 01, 07 de setembro de 1918.

¹¹¹ PEREIRA, Astrojildo. *Aura Renovadora*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 13, p. 03, 21 de setembro de 1918.

A repressão desencadeada pelo curto governo oligárquico de Delfim Moreira (15/11/1918 a 15/02/1919) e o recrudescimento da opressão fica exemplificado na dissolução da União Geral dos Trabalhadores, na suspensão dos sindicatos mais representativos (tecidos, operários da construção e metalúrgicos) e, como citado anteriormente, nas efetuadas prisões dos líderes sindicais. As prisões ocorreram entre os dias 18 e 22 de novembro de 1918, 78 líderes sindicais do movimento foram encarcerados. “Realmente, à frente do movimento insurrecional se encontravam os militantes anarquistas que mais se tinham destacado ao longo do ano, no trabalho de propaganda libertária nos sindicatos operários”¹¹³, entre eles estava Astrojildo Pereira.

A pronta e enérgica ação da polícia sufocou no nascedouro a insurreição anarquista, “as forças públicas, já alertadas pelo tenente Ajus dos planos revolucionários, estavam de prontidão para reprimir o levante”¹¹⁴. As forças policiais exerceram uma extrema força para reprimir o movimento, os choques mais violentos ocorreram no Campo do São Cristóvão, de onde, inferiorizados, os trabalhadores partiriam para conquistar outros objetivos, com a ocorrência de baixas em ambos os lados.

As greves decretadas vão aos poucos se esvaziando e o movimento vai aos poucos sendo dominado, mantendo-se os últimos focos de resistência no bairro operário de São Cristóvão, para onde se transferirá o centro das ações. “O resto da cidade é literalmente ocupado pelo exército e pela Força Pública, controlando os passos de toda a população. São realizadas centenas de prisões, entre as quais as das

¹¹² DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. 2. ed.. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

¹¹³ ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., p. 172.

principais lideranças operárias como José Oiticica, Astrojildo Pereira, alguns destes já na véspera da insurreição, graças às denúncias de Ajus. As prisões de José Oiticica, Campos e Astrojildo quando planejavam os detalhes do levante, reunidos numa casa à Rua da Alfândega n.º 22, desarticularam os planos, ficando as massas desprovidas de sua direção”¹¹⁵.

No fim de novembro a maioria dos grevistas remanescentes voltaram aos seus empregos, todavia “os elementos perigosos não são readmitidos”¹¹⁶. Numerosas prisões são efetuadas, cerca de 200 militantes são detidos para interrogatórios. A “polícia estava interessada principalmente nos planos de dinamitação de torres e represas”¹¹⁷. Os líderes do movimento são mantidos incomunicáveis na Repartição Central da Polícia.

Em dezembro do mesmo ano, “o delegado Nascimento Silva concluiu o inquérito apresentando amplo relatório, onde ressalta-se o papel do tenente Ajus na desarticulação do movimento e o compromisso daqueles que foram as suas principais lideranças”¹¹⁸. O resultado é a prisão de grande número de opositores e das respectivas lideranças. “No mês seguinte o governo abre processo contra nove dirigentes do plano organizado”¹¹⁹. Indiciados como incursos no artigo 107 do Código Penal, as seguintes pessoas: José Rodrigues Leite e Oiticica (responsabilizado com principal líder), Agripino Nazaré, Álvaro Palmeira, Ricardo

¹¹⁴ PACHECO, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.

¹¹⁵ PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 54.

¹¹⁶ *Correio da Manhã*, 18 de novembro de 1918.

¹¹⁷ DULLES, John W. Foster. op. cit., p. 70.

¹¹⁸ PACHECO, Eliezer. op. cit., pp. 54/55.

¹¹⁹ CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

Correia Perpétua, Astrojildo Pereira, Manuel de Castro e Joaquim Morais, estes apontados como chefes da insurreição e, mais outros companheiros.

Com a prisão, a “*Crônica Subversiva* deixou” definitivamente “de circular”¹²⁰. Esta não era a primeira vez que a *Crônica* não circulava (durante os acontecimentos de agosto de 1918 ele já tinha passado uma curta temporada no cárcere). A segunda estada na prisão permitiu a Astrojildo Pereira uma maior reflexão sobre os temas contemporâneos.

Capítulo II

A Vaga Revolucionária

¹²⁰ FEIJÓ. Martin. Cezar. op. cit., p. 73

A Mudança em Astrojildo Pereira

Neste segundo capítulo, examinarei o processo de mudança nas concepções políticas de Astrojildo Pereira. Escolhi três momentos na atuação política deste personagem, para entender as mudanças ocorridas em seu pensamento.

Ao dividir este segundo capítulo em três sub-capítulos, pretendi demarcar, claramente, os caminhos que levaram Astrojildo à mudança. Este capítulo não pretende respeitar uma ordem cronológica definida; aproprio-me de alguns momentos de sua trajetória política para explicar as mudanças ocorridas. Estas escolhas estão ligadas diretamente ao processo de pesquisa na qual elegi três momentos significativos na trajetória pessoal da personagem, que estão delimitados entre 1917 e 1919.

O primeiro momento será representado por sua prisão em 1918, momento para mim decisivo no processo de mudança. Esta prisão está ligada diretamente aos episódios ocorridos neste ano na Capital Federal, principalmente a Insurreição Anarquista, onde Astrojildo teve uma participação ativa no comando deste movimento. A prisão propiciou a Astrojildo uma reflexão sobre os principais temas que o afligiam naquele momento: a prisão, os rumos no movimento operário etc. para este intitulei: *“Cartas da Prisão”*.

O segundo momento se inicia com a Revolução Russa de 1917, quando Astrojildo Pereira ainda militante do movimento anarcossindicalista resguarda a revolução dos ataques ferozes da imprensa oficiosa, a este sub-capítulo intitulei: *“Um Outubro Vermelho”*.

Um terceiro momento importante será representado pela fundação da III Internacional Comunista (1919). Este momento nos parece decisivo para a mudança de linha política de Astrojildo Pereira, com a fundação da IC e seus reflexos sobre os militantes operários, o personagem levado a redefinir suas posturas políticas. Por isto intitulei o sub-capítulo como: “*Astrojildo e a Internacional Comunista*”.

2.1 — *As Cartas da Prisão*

Em virtude da Insurreição Anarquista de 1918, Astrojildo Pereira teve sua prisão efetuada em 18 de novembro do mesmo ano. Mantido incomunicável na Repartição Central de Polícia; a prisão não representou um esvaziamento em sua produção intelectual, com este encarceramento sua produção jornalística foi podada, buscando, agora, novas fórmulas para expressar seus sentimentos e manter vivo a chama da militância. Estas novas fórmulas são, nas quais escreve sobre os mais variados temas: o cotidiano urbano, realidade operária, os governos oligárquicos, os acontecimentos ocorridos em novembro e o anarquismo são temas presentes em suas cartas.

A acusação para que fosse efetuada a prisão estava vinculada a seu ativo envolvimento nos acontecimentos de novembro. Incurso no artigo 107 do Código Penal – crime de atentado; Astrojildo e seus companheiros foram detidos e denunciados no processo “co-autores”¹²¹ deste levante no Rio de Janeiro. Em “março de 1919” os “14 indivíduos são pronunciados como incursores nas penas”¹²² de crime de atentado. Um fato pitoresco da prisão é o do “juiz encarregado do processo ter sido um simpatizante do anarquismo ou socialismo, explicando isso as leves penas condenatórias”¹²³.

Com a prisão, Astrojildo foi obrigado a suspender a publicação da *Crônica Subversiva*, como citado anteriormente. Este jornal, no ano de 1918, foi seu principal porta-voz e propagador de seus ideais anarcossindicalistas. Então, no cárcere, restou a ele redigir cartas onde poderia exprimir suas opiniões. O jornalista profissional que

¹²¹ ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., p. 175.

¹²² ADDOR, Carlos Augusto. op. cit., p. 175.

tinha se desdobrado em jornalista militante e jornalista da revolução, agora, se transformava em poeta.

Um de seus primeiros escritos nos é apresentado em forma de poema. Redigido após um mês de cadeia, Astrojildo nesta obra em verso aspira a um desejo que não pode ser contido para um militante político: sua liberdade. Esta libertação deveria culminar com a Revolução Social Libertária, como se segue:

*“Das grades da República liberto,
Eis-me por fim pisando o asfalto amado!
É verdade, senhores: trancafiado
Estive mais de quase um mês ... Motivo certo?
Quero falar de coração aberto:
Tomei parte no tal “complô” gorado,
Em dias de novembro já: passado
Pelo Aurelino posto a descoberto.
Mas eis-me solto, enfim... E da Cadeia
Trago dentro no peito esta esperança,
Cuja prelibação já me estonteia.
Como um prazer dos deuses, superfino:
Que um dia, cedo ou tarde, por vingança,
Hei...de ser carcereiro do Aurelino”¹²⁴*

Como uma aspiração a ser cumprida, Astrojildo não perde seu semblante onírico, nos revelando uma face doce desta personagem. Reconhecido nos meios

¹²³ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.). op. cit. p. 153.

¹²⁴ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. Rio de Janeiro. 16 de Dezembro de 1918.

operários como um dos militantes mais ativos, Astrojildo era capaz de sonhar com o encarceramento para o chefe da polícia, Aurelino Leal. Este sonho não era um privilégio de Astrojildo, mas de todos os militantes operários que sonhavam com a clausura para o chefe da polícia; já que este encarnava em sua figura a repressão executada pela República Velha.

O militante político se transfigura em cômico e na cadeia tem a possibilidade de demonstrar e afiar sua veia cômica, desenvolvendo um sarcasmo ferino ao tratar dos temas cotidianos, como podemos observar no poema abaixo:

*“Diz o nono mandamento
Que há pecado no desejo
De conquistar a mulher
Do nosso ‘próximo’. Quer
se ofereça ou não ensejo
Para tal cometimento...
A esta lei presto
É desta lei na obediência
Crente e humilde como um monge
Que eu procedo, cristãmente.
E assim, pois, mulher casada
Só é por mim desejada
Estando o marido ausente
– Não ‘próximo’, em conseqüência.*

Quando o marido esta 'longe' ”¹²⁵

Este cotidiano que já esteve presente na *Crônica Subversiva*, onde Astrojildo teve a oportunidade de comentar os eventos culturais ocorridos na semana de publicação do jornal, retorna em suas cartas da prisão. Não devemos estranhar esta veia humorística, já que a ironia fez parte várias vezes do discurso político desta personagem política, seja na *Crônica Subversiva* seja nas polêmicas travadas com outros militantes anarquistas.

Todavia, nem só de sonho ou de ironia vivia Astrojildo Pereira pois a realidade da cadeia permitiu outras reflexões. A possibilidade de denunciar os fatos ocorridos nas prisões levavam Astrojildo a escrever a respeito destes fatos e o dos ocorridos em 1918:

“Interrogou-me três vezes

O Dr. Abortamento

(que outros chamam Nascimento)

Sobre a tal revolução

De 18 de novembro

Como se acaso eu tivesse

Que lhe dar satisfação

Dos atos da minha vida!

Idiota! Mas foi perdida

Sua imbecil pretensão

Muda e quieta minha boca

¹²⁵ PEREIRA, Astrojildo . *Manuscrito*. Rio de Janeiro. 17 de dezembro de 1918.

Nada a respeito lhe disse.

Sua rematada tolice

O arrancar-me confissão!

Seu Doutor delegado

Eu não sou quem tu supunhas,

Pois que o estar nas tuas unhas

Sem defesa, encarcerado,

Não me mete nenhum medo,

Nem a menos comoção.

...Bacharelete de merda,

*Polícia, sabujo, cão!...*¹²⁶

O ano de 1918 tinha sido profundamente agitado para o militante anarquista, a malograda insurreição Anarquista do Rio de Janeiro tinha deixado marcas profundas em Astrojildo Pereira, mas o principal estigma a ser enfrentado era a prisão e passar o Ano Novo na cadeia na era uma situação agradável, como veremos:

“Vai-te, mil novecentos e dezoito!

Ano de guerras e revoluções

Ano fatal em que um sinistro coito

De Peste e Fome dominou as nações

Vai-te! Tua tristíssima memória.

Só nos arranca ao peito maldições!

E tu, Novo Ano inda de ignota história,

¹²⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [17 de Dezembro de 1918?].

Tem piedade das nossas aflições!
E si não és, como o outro, surdo e mudo
Aos rogos dos humanos corações,
Ouve o pedido meu, que exprime tudo
Quanto desejam as populações:
Traze-nos paz, saúde, – e sobretudo
Fortuna e barateza nos feijões!”¹²⁷

No dia 18 de dezembro de 1918, Astrojildo volta a comentar novamente realidade carcerária através deste poema citado abaixo:

“ I
Bela idéia teve D. Quixote
Instituindo a seção dos ‘neo-humoristas’!
Por pouco de sal que se lhe bote
Numa piada de graças imprevistas,
Embolsa qualquer ‘pronto’ um farto lote
De níqueis para as ‘médias’ entre artistas

II
Para mim, por exemplo, este é o salário
mais seguro que eu tenho desde então
Em verso ou prosa, por estilo vario,
‘Médias’ conquisto para refeição...
– E as vezes dou-me a um luxo extraordinário,

¹²⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 17 de Dezembro de 1918.

Fazendo adicionar manteiga ao pão.”¹²⁸

É o próprio Astrojildo que faz uma correção para este poema. Não satisfeito com a última estrofe, o autor corrige e dá uma nova versão.

“E chego mesmo ao luxo extraordinário

De às vezes mandar por manteiga ao pão.”¹²⁹

Uma correção tão simples, pode passar despercebida para o leitor leigo, mas ela tem um diferencial sintomático. Na primeira versão Astrojildo escreve “*fazendo adicionar*”, o prisioneiro Astrojildo se imagina como um homem livre das grades da prisão. Entretanto, sua correção é imediata é “*de às vezes mandar*”. Esta correção é marca de uma realidade a qual Astrojildo está atrelado: a prisão. Como prisioneiro ele poderia às vezes mandar, mas seu pedido não seria aceito pela carceragem.

Enquanto alguns companheiros já tinham sido libertados, Astrojildo continuava encarcerado. Em 01 de janeiro de 1919 escreverá:

“Primeiro de janeiro,

Ano bom! Ano bom!

E eu aqui, prisioneiro

Encarcerado e com

um processo ... Babau

Ano mau! Ano mau!”¹³⁰

Interligado diretamente ao poema escrito em 17 de dezembro de 1918, os versos reproduzidos acima são característicos de um militante insatisfeito com sua condição de preso político, aliado da militância política (em virtude da repressão

¹²⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 18 de dezembro de 1918.

¹²⁹ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 18 de dezembro de 1918.

exacerbada que a cada dia não dava trégua aos militantes operários), distante da organização dos trabalhadores e afastado do processo revolucionário (já que boa parte dos militantes ainda estava presa); Astrojildo tinha apenas a possibilidade de intimidar a burguesia com exemplos estrangeiros, como podemos ver abaixo:

“Pra justiceira mão já liquidado

Foi o Sidônio Pais, em Portugal...

– Tiranos do Brasil, tomai cuidado,

*Que também vos espera sorte igual.”*¹³¹

Notamos Astrojildo ainda afeito aos princípios anarquistas, obstinado pelos princípios ácratas; impressionante para um homem que está recluso na cadeia e, em poucos anos, vai fundar o Partido Comunista Brasileiro. Essa sua obstinação se verifica através de um texto sem data, mas redigido no período em que se encontra preso:

“Através do metro quadrado das grades, coado pelo tirânico travamento das sete barras de ferro, entra-me o sol cubículo a dentro, a espanejar soturna tristeza com a quente claridade dos seus veios fecundos... Sol bendito! Amigo sol! Os feixes dourados da sua luz, essa mesma luz que banha a terra inteira, que ilumina os homens de todos os meridianos, dão-me alvíssaras de longínquas paragens; das imensas estepes moscovitas; das brumas fumarentas da Escócia, da Irlanda, da Inglaterra; das libertas nações germânicas; das tumultuárias cidades da Norte-América; e, mais de cerca, da trepidante metrópole platina... E de toda a parte me comunicas os mesmos gritos de rebeldia, os meus anseios de libertação,

¹³⁰ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 01 de janeiro de 1919.

¹³¹ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 01 de janeiro de 1919.

os mesmos clamores de luta. por toda a parte se erguem punhos proletários, punhos de ex-escravos partindo grilhões malditos!

Trazei-me, sol esplendido, as boas novas do estupendo fragor da Revolução que agita e convulsiona as massas: bendito sejas, sol, que assim me trazes esperanças! Bendito sejas, sol amigo, sol camarada, ó sol anarquista!

O anarquismo para Astrojildo Pereira não era apenas uma filosofia de vida, mas sim um ideal a ser atingido como uma nova forma de organização da sociedade. Isto definiu seus princípios políticos em 1918. Entretanto, logo após ser posto em liberdade, repensará a forma de luta proposta pelo anarquistas e buscará novas formas organizativas, tais como o comunismo. Um bom exemplo, é que, logo após a sua libertação ele deixará de publicar a *Crônica Subversiva*, órgão de propagação destes ideais e passará a colaborar e dirigir a redação do jornal *Spartacus*, fundado por José Oiticica, e porta-voz oficial do Partido Comunista de 1919.

Suas cartas redigidas em 1918 e 1919 ainda são reflexos dos posicionamentos anarquistas assumidos por Astrojildo Pereira durante os anos iniciais de sua militância, como podemos constatar no trecho que se segue:

“Companheiros! Eis vos envio cordial saudação, nessa hora de festa vossa e nossa. Ride-vos e alegrai-vos, que de coração estou convosco, a rir-me e a alegrar-se, na antecipação esperançosa do grande dia trágico que se aproxima, a marcar o fim definitivo da triste era, que temos vivido, e o único da nova era de alegria, que havemos de viver...Hurrah! pela Anarquia!...”¹³²

¹³² PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d..

Astrojildo Pereira em sua carta reafirma sua fé no anarquismo (principalmente nas práticas políticas) e na revolução social, que segundo ele, está próxima. Ao dar vivas ao anarquismo denota manter acesa a chama da militância, ao reafirmar estas posições anarcossindicalistas que significam para ele e para seus companheiros o não esmorecimento e a possibilidade de continuar estas práticas políticas, como podemos ver abaixo:

“Mais forte, infinitamente mais forte que as cadeias pesadas dos tiranoides da República, é esta confiança, inabalada e inabalável, na justiça e na beleza da grande Causa nossa. Baldado e não e o trepidar efêmero sobre a nossa liberdade! - Caríssima é a liberdade, de que nos privam, mas encarcerar um homem não é encarcerar a sua consciência, nem os seus pensamentos, nem os impulsos do seu coração. Este continuam libérrimos, porque são intangíveis: não os alcança a garra brutal do burguês, nem os atinge o canino feroz do esbirro.

*Por isso, a carranca feroz da Autoridade, que lhe algema os punhos, responde o Anarquista com um sorriso – travado de amargura, certo, mas amplo, todo feito de ironia desdenhosa...”*¹³³

Mesmo com alguns de seus militantes na prisão, as lideranças do movimento anarcossindicalista em liberdade organizaram e promoveram um festival em prol dos presos e Astrojildo comenta esta manifestação assim:

*“(...). Não destoa, pois, que um dos presos de longe embora, venha até vós, por lábios amigos, dizer duas palavras de confiança e de esperança”*¹³⁴.

E deste modo Astrojildo Pereira terminava assim sua carta:

¹³³ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d..

¹³⁴ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d..

“São duras estas grades que me guardam; espessos, brutos, estes muros que me cercam; vil, aviltante, doloroso, este ambiente empedrado e denso, desumanização, em que me encerram... todavia, apesar disto, apesar de tudo, sinto que me corre nas veias o mesmo sangue estuante e impetuoso, que me fustiga as fibras, que me tonifica os nervos, e me impele para a frente, sempre para a frente, cada vez mais para a frente, à busca do ideal sonhado, na ânsia da luz redentora da Anarquia!”¹³⁵.

Astrojildo Pereira ao reafirmar suas posições anarcossindicalistas esteve afinado com a ideologia vigente no movimento operário da República Velha, se inserindo no contexto de uma época, tornando-se um homem de seu tempo. Segundo Heitor Ferreira Lima, um “autêntico filho de *fin de siècle*, e atingiu a mocidade na *belle époque*”¹³⁶.

Estas duas condições do homem Astrojildo Pereira, são frutos de dois processos históricos nas quais ele estava inserindo. Em relação ao *fin de siècle*, Heitor Ferreira Lima afirma que “marca entre nós dois impulsos libertadores: o abolicionismo e a implantação da República”¹³⁷; estes dois eventos históricos foram importantes para o arejamento da política institucional brasileira. Já a *belle époque* se refere ao enorme progresso econômico, técnico, científico, artístico e social”¹³⁸, sentido no Brasil especialmente nas transformações que se operou na capital federal através de um amplo processo de transformações urbanísticas e sanitárias ocorridas no governo de Pereira Passos.

¹³⁵ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*, s. d..

¹³⁶ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.) op. cit., p. 138.

¹³⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.) op. cit., p. 139.

¹³⁸ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.) op. cit., p. 139.

Um das principais características da inserção política de Astrojildo Pereira, pode ser constada em algumas cartas que a personagem escreve para seus companheiros de luta política, como por exemplo a carta enviada a José Oiticica no dia 01 de janeiro de 1919, na qual escreveu o seguinte trecho:

*“Nossa disposição não esmorece. Em todos nós palpita o mesmo entusiasmo, e nossas convicções se enraízam ainda mais fundo. O mundo é nosso – e todos os sabres, todas as grades do Sr. Aurelino resultaram, afinal, num estimulante poderoso e incontestável”*¹³⁹.

Como vemos a prisão não reduziu sua capacidade de influir no movimento operário, mesmo limitado pelas grades a qual se encontrava preso, Astrojildo se correspondia ativamente com seus companheiros. No dia 10 de fevereiro de 1919, o jornal *Tribuna do Povo* publicaria um poema de autoria de José Oiticica intitulado: *Aos companheiros de prisão*:

*“Irmãos, eu vos saúdo! Embora presos,
Ameaçados, malditos sem futuro,
Temos, em nossos braços indefesos,
Asas de anjo e tendões de palinuro.
Estes esforços azuis em nós acesos,
— Luz da grande Cidade que procuro —
Hão de a der ante os satrapas surpresos
Quando for Lei o que hoje é sonho puro.
— Guerreiros da Anarquia — os sofrimentos*

¹³⁹ OITICICA, José. “Brandão e Gildo!!!” in. Ação Direta. Março de 1957.

*São para nós, auréola e honra sublime,
E mais nos honram quanto mais violentos
Tenhamos por bem-vindas nossas dores;
Que a dor aos homens justos não oprime
E torna os mais humildes, superiores”¹⁴⁰.*

O poema, acima citado, de José Oiticica escrito no Quartel de Brigada aos companheiros na prisão em 29 de novembro de 1918 e publicado na *Tribuna do Povo* em 10 de fevereiro de 1919, teve a intenção de animar os companheiros presos e não deixar que os companheiros caíssem em desânimo. Na mesma edição da *Tribuna do Povo*, é publicado um poema em resposta a José Oiticica, de autoria de Astrojildo Pereira, com o título de *A José Oiticica*:

*“Jamais se apaga em nós a fé, ò irmão e amigo!
na grande idéia azul por que nós sofremos:
Mesmo nas horas débeis de melancolia,
Ou sob a ameaça atroz do mais rude perigo,
Os nossos corações, como heraldos supremos,
Erguem-se-nos no peito — em hurras a Anarquia!”¹⁴¹*

A direção do jornal *Tribuna do Povo* escreveu uma nota intitulada *Exemplo Sublime*, na qual os redatores afirmavam que mesmo *“atravessando os maiores perigos, omisiados, perseguidos no fundo lúgubre das masmorras policiais são sempre os mesmos vigorosos evangelizadores da grande causa. Sempre tem o clarão radiante da Liberdade a iluminar-lhes o pensamento e a miragem augusta*

¹⁴⁰ OITICICA, José. *Aos companheiros de prisão*. *Tribuna do Povo*, nº 31, 10 de fevereiro de 1919.

¹⁴¹ PEREIRA, Astrojildo. *A José Oiticica*. *Tribuna do Povo*, nº 31, 10 de fevereiro de 1919.

da redenção dos povos e fazer-lhes pulsar o coração generoso. Que nós os saibamos imitar, demonstração que para os grandes ideais não há cadeias possíveis”¹⁴².

Destas correspondências publicadas na *Tribuna do Povo* nasceu uma polêmica na qual Astrojildo não se refutou em participar. Em carta escrita na prisão e enviada a redação do jornal *O Imparcial*, a personagem responde as acusações desferidas contra ele neste jornal, reafirmando mais uma vez suas posições anarcossindicalistas e identificando o responsável por sua prisão:

“*Sr. Redator:*

Estou aqui a rir-me a bom rir da irônica perfídia que o levou a publicar os impublicáveis ‘alexandrinos quebrados’ da minha resposta anarquizada (e literalmente feitas sobre a perna, pela despreocupação e porque na cadeia não há mesa) ao soneto de José Oiticica. Um amigo meu, a quem os comunicara sem malévolas intenções de publicidade, cometeu a indiscrição de os estampar em letra de forma, com sincero desgosto meu, e agoira pago eu, não ele, o fruto da indiscrição. Não sou poeta, Sr. Redator, nunca fiz versos e não seria perto do trinta anos que iria encetar semelhante ofício – demasiado sublime para meu temperamento antes rude e indisciplinado, incapaz, portanto, de submeter-se a dogmas e regras da poética. Isto não quer dizer que eu desame os versos e me julgue com absoluta incapacidade para distinguir os bons e ótimos dos medíocres. os do referido soneto de Oiticica, por exemplo, parece-me ótimos, e não admira

¹⁴² *Tribuna do Povo*. 10 de fevereiro de 1919.

que o sejam, pois que, o seu autor é justamente considerado um dos nossos maiores poetas contemporâneos.

No trecho transcrito acima, Astrojildo Pereira faz questão de expor claramente os motivos que o levaram a escrever o poema a José Oiticica. Reforçando a informação de que ele não é um poeta, faz questão apenas de deixar claro aos editores deste jornal que este poema era apenas uma retribuição ao companheiro já liberto:

“Acredito que ao espírito burguês do Imparcial não tenham eles agradado, porque o Imparcial, das suas douradas alturas de órgão plutocrático e conservador, não pode compreender e sentir o motivo emocional que os inspirou. Quanto ao estado de alma do autor, não podia, na ocasião, ser o que V. insinua: o Sr. Aurelino Leal poderá dar testemunho disso, divulgando a maneira porque Oiticica lhe retrucou, cara a cara, um grosseiríssimo desaforo...”

Astrojildo ao acusar o *Imparcial*, revigora sua crítica e identifica novamente o responsável por sua prisão.

“Quanto a autenticidade, essa asseguro-la eu, que possuo o original do soneto, descontados, claro, os erros de cópia ou revisão – ‘piscuro’ e aureolas’ em vez de ‘procuru’ e ‘aureola’. Mas eu não tenho procuração de Oiticica, nem ele precisa dela, para defender a correção dos seus versos. Estou apenas a rir-me da perfídia, e quase a penitenciar-me publicamente do meu pecado versificante, alias venialíssimo, creio, numa terra em que toda a gente – e já agoira, inclusive este seu criado, por dois minutos – faz versos. Isto até constitui uma prova irrecusável de que o anarquismo, tido e havido por cardo exótico e inadaptável, já

se acha inteiramente adaptado ao fecundo solo brasílico. Poderão contestar-me a nacionalidade, mesmo em vista de certidão, sabendo-se que sou anarquista, mas diante da versomania, embora mínima e passageiríssima, terão todos que concordar... Não é certo? Em todo caso, declaro, a bem das minhas naturais e prosaicas tendências, que toda a culpa dos meus trôpegos alexandrinos cabe exclusivamente ao Sr. Aurelino Leal. O chefe de polícia mete-me num cárcere da Brigada: irresistivelmente influenciado, eu meti uma simples saudação, uma simples resposta, num cárcere métrico. Felizmente, para os meus créditos de anarquista, a grade do alexandrino fraquejou, quebrou, ‘anarquizada’, e as simples saltaram fora, rebeladas, insubmissas, indisciplináveis. Conto que, com a minha modesta pessoa, em carne e osso, acabe acontecendo o mesmo...

Leitor atento”¹⁴³

Mais uma vez, Astrojildo volta a se declarar anarquista no período compreendido entre 1918/1919. Seu processo de mudança para o comunismo não será um rompante espontâneo, mas sim, uma longa caminhada rumo as idéias de Marx e Lenin. Onde este deslocamento me parece fruto de uma série de reflexões a respeito dos rumos que o anarquismo estava tomando nos anos 10 e 20 e a crise ideológica gerada pela Revolução Russa de 1917, culminando com a fundação da Internacional Comunista. Este fatos levaram o anarquismo a uma encruzilhada ideológica de difícil resolução, mudando radicalmente o rumo de Astrojildo Pereira em direção ao comunismo.

¹⁴³ PEREIRA, Astrojildo. *Casa de Detenção*. 10 de Março de 1919.

2.2 — *Um Outubro Vermelho*

Uma das etapas mais expressivas no processo de mudança do pensamento político de Astrojildo Pereira será representada pela Revolução Russa de Outubro. Esta revolução exerceu um enorme fascínio entre os militantes operários brasileiros, entusiasmados pelo fato de, pela primeira vez na história, uma classe operária conquistar o poder. Segundo Eliezer Pacheco, “a Revolução Soviética de 1917 dera um novo e extraordinário impulso ao movimento operário em todo o mundo, pois este, agora mais do que nunca percebia não ser uma utopia a ascensão do proletariado ao poder”¹⁴⁴.

Everardo Dias em seu livro “História das Lutas Sociais no Brasil”, revela que 1917 foi “um ano para nós como um arrebol anunciado, uma aurora radiosa de redenção, e sob nossos olhos estáticos surgiam os rostos dramáticos de homens e mulheres do povo russo acompanhando seu guia genial: – Vladimir Ilitch Ulhianov ... Lênin!”¹⁴⁵.

Sobre o militante anarquista este fascínio não seria diferente. Segundo Leandro Konder, na medida “em que recebia informações novas sobre o que estava se passando na Rússia, foi sendo levado a rever o antigo ideal ácrata”¹⁴⁶. Os acontecimentos ocorridos na Rússia revolucionária levaram vários anarquistas a reverem suas posições políticas, em virtude das repressões exercidas pelo novo poder

¹⁴⁴ PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 49.

soviético contra os seguidores de Kropotkin e posteriormente as ações militares do exército vermelho contra a tropa do anarquista ucraniano Nestor Makhno que causaram horrores nos anarquistas brasileiros que acreditavam até então que a Revolução de Outubro tratava-se de uma revolução libertária.

Os fatos gerados pela Revolução de Outubro de 1917 é um dos fatores fundamentais para a compreensão desta mudança, “o seu impacto não é compreendido imediatamente pela burguesia industrial – nem pelo proletariado –, o que leva a não vislumbrar o verdadeiro sentido da revolução bolchevique”¹⁴⁷. Então, retroceder a estes fatos e especialmente as análises desenvolvidas por Astrojildo Pereira são importantes para a compreensão desta mudança.

O bolchevismo é a prática ou o movimento em favor da revolução socialista marxista, ao passo que o leninismo é a análise teórica da revolução socialista. Com frequência a palavra bolchevismo é usada erroneamente como sinônimo de leninismo. Nascido no Segundo Congresso do Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos em 1903, o bolchevismo assumiu uma existência reconhecida por Lênin como uma corrente do pensamento político e um partido político. Durante este congresso, Lênin assumiu uma posição divergente de outros membros; acreditando que a participação deveria ser ativa e politicamente engajada dos filiados à organização. O partido ficou dividido em dois grupos quanto a esta questão: os bolcheviques (ou facção majoritária) e os mencheviques (minoritária). Somente na VII Conferência do partido em abril de 1917, a expressão bolchevique apareceu oficialmente no nome da

¹⁴⁵ DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. 2. ed.. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

¹⁴⁶ KONDER, Leandro. op. cit., p. 127.

¹⁴⁷ CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

organização: Partido Social-Democrata dos Trabalhadores (bolchevique). A partir de 1918, o partido passou a ser chamado de Partido Comunista Russo (bolcheviques).

A posição bolchevique se fundamentou numa estratégia política que demandava a primazia do engajamento ativo na prática política, com o partido político marxista posto como a vanguarda ou direção da classe operária. O partido deveria compor-se de “cabeças inteligentes, em matéria de organização, é preciso entender unicamente, como já indiquei várias vezes, os *revolucionários profissionais*, estudantes ou operários de origem pouco importa. Ora, eu afirmo: que não poderia haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade do trabalho(...)”¹⁴⁸. Este partido tinha a tarefa de dar a direção à luta revolucionária contra a burguesia (e outros grupos dominantes); tendo também o importante papel de levar às massas a teoria marxista e a experiência revolucionárias.

Particularmente, Astrojildo Pereira “procurou superar a perplexidade aprofundando seus estudos sobre o bolchevismo”¹⁴⁹ entendendo os acontecimentos referentes a Revolução de Outubro através de uma série de artigos publicados na imprensa operária. Utilizando-se de um jornal, no caso *O Debate* e de uma série de cartas enviadas aos jornais burgueses (reunidas em *A Revolução Russa e a Imprensa*), o militante anarquista buscou compreender estes acontecimentos.

“Na segunda quinzena de julho de 1917, começou a circular no Rio, *O Debate*, com a colaboração de Lima Barreto, Fábio Luz, A. J. Pereira da Silva, Théo

¹⁴⁸ FERNANDES, Florestan (org.). *Lênin*. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁴⁹ KONDER, Leandro. op. cit. p. 127.

Filho, Maurício de Lacerda, Agripino Nazaré, Teodoro Magalhães, José Saturnino de Brito, Adolfo Porto e outros. Em seu primeiro número, analisava a revolução russa, prevendo a vitória dos bolcheviques; a 29 de setembro, publicava um artigo de Charles Rappaport, “Quem é Lenin”; a 27 de outubro, divulgava a carta de Lenin aos socialistas suíços; apoiava, em julho, a greve dos operários paulistas”¹⁵⁰.

Nelson Werneck Sodré através desta síntese citada acima, empreende uma análise resumida dos ideais do jornal *O Debate*. Contudo, no editorial os redatores definiram os princípios ideológicos do jornal, expondo assim sua linha editorial: “o programa desta folha pode dizer-se está contido no seu próprio título – *O Debate*. Com efeito, o intuito que principalmente nos moveu a organizá-la foi o de criar um órgão de debate cujas colunas libérrimas, se abram a discussão dos mais interessantes problemas da atualidade, na política, na economia, nas letras, nas artes ... Abordando os mais variados assuntos, enfrentando rijamente as questões mais graves, sustentando campanhas ardorosas, – em suma, agitando a opinião pública e refletindo as suas ações e feições, *O Debate*, assim desejamos, será uma folha ardente, cálida, impetuosa. Entendemos que este momento prenhe de gravidades presentes e futuras, não deve decorrer nessa aviltante pasmeira em que nos vão arrastando, de renúncia em renúncia, de miséria em miséria, de covardia em covardia. É necessário fazer revoar, sobre o charco e em meio a calmaria podre, o grito de consciências insatisfeitas e ainda não anuladas na unionsacretização dos rebanhos submissos. Sem qualquer ligação políticas ou sociais de quaisquer espécies, *O Debate* surgido dessa necessidade inadiável terá

¹⁵⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

sempre as suas páginas inteiramente consagradas as grandes causas das liberdades coletivas e individuais, indefectivamente guiado por (...) ¹⁵¹ de justiça e solidariedade. Contando com um grupo de colaboradores efetivos, de que fazem parte nomes de eleição nas letras, no jornalismo, na crítica social e artística, nós esperamos, firmes e confiantes no (...) público; possa O Debate satisfazer cabalmente tão vasto programa. Não (...) uma rede (...) serenamente o caminho a seguir, de frente erguida (...) músculos tendidos”¹⁵².

Em 12 de julho de 1917, no primeiro número de *O Debate*, Astrojildo redigiu um artigo intitulado, *A Revolução Russa*, onde procurava não somente informar o leitor sobre os acontecimentos ocorridos na Rússia revolucionária, mas também apreender para si estes fatos como objeto de reflexão sobre a revolução. Assim ele iniciava seu texto:

“Bem difícil, sem dúvida é precisar o curso dos atuais acontecimentos na Rússia. Aliás, seria rematada tolice pretender firmar tais e quais traços definitivos do grande movimento que deu por terra, abruptamente, com a casta dos Romanof, e com ela, de cambulhada, todas as demais castas aristocráticas e monopolizadoras das riquezas e do poder.

Com extrema cautela ao se reportar aos acontecimentos russos, interessa a Astrojildo informar os leitores sobre acontecimentos e não disseminar idéias falsas sobre os fatos, evitando assim, os erros comuns nos órgãos internacionais de imprensa; e o artigo se segue:

¹⁵¹ As palavras entre parênteses se encontram ilegíveis no original microfilmado da Biblioteca Nacional.

¹⁵² *O Debate*, 12 de julho de 1917, n. 01. p. 04.

*“Movimento de tal magnitude e complexidade resolvidas por (...) corrente diversas, há de por força manifestar-se confuso e contraditório, com altos e baixos, com claros e escuros violentos. Impossível, pois, determinar em linhas inflexíveis os traços essenciais dos fatos revolucionários e suas conseqüências. O que não quer dizer que, em meio do cipoal dos telegramas e correspondências e de outros documentos mais raros, não se possa fazer uma idéia mais ou menos aproximada do grande drama político, – grande por si mesmo e ainda maior por suas conseqüências, – da orientação que tem guiado e das tendências que o caracterizam”*¹⁵³.

Além do cunho informativo, o jornalista-militante busca incessantemente apreender para si os rumos que a revolução estava tomando. Em virtude das desinformações oferecidas pelas várias agências noticiosas internacionais, as informações relativas a Revolução de Outubro foram desconexas e confusas e concluindo seu artigo, Astrojildo finaliza assim:

*“(...) E inútil é insistir na influência que tais acontecimentos exercerão no resto do mundo, na obra de reconstrução dos povos, cujos alicerces estão abalados pelo fragor inaudito dos grandes destruidores ...”*¹⁵⁴.

As análises do jornal *O Debate* não se resumiam apenas ao processo político instaurado na Rússia revolucionária. Interessava também aos editores conhecer os responsáveis pelas mudanças implementadas na Rússia. Em uma coluna intitulada “*Os Fatos do Exterior*”, Charles Rappaport escreve um artigo denominado “*Quem é Lenine*”, sendo assim descrito: “desde o começo da Revolução Russa que o nome do

¹⁵³ *O Debate*, 12 de Julho de 1917, n. 01, p. 12.

¹⁵⁴ *O Debate*, 12 de Julho de 1917, n. 01, p. 12.

agitador Lenine percorre o mundo, através dos fios e das ondas, pelas colunas dos grandes diários e sempre acompanhado de comentários. (...) Qualificativos os mais disparatados. A versão mais geralmente corrente nesses telegramas dá Lenine como agente alemão disfarçado em socialista. Por mais de uma vez tem os correspondentes telegráficos afirmado ter Lenine ido a Alemanha a receber ordens e dinheiro para sua obra. (...) Qualquer revolução de grande envergadura chega fatalmente a uma volta trágica. E é preciso ser duma ignorância crassa ou da mais escandalosa má-fé para tentar reduzir essa tragédia histórica a um caso vulgar de corrupção por meio de dinheiro (...)”¹⁵⁵.

O Debate que não tinha definido em seu editorial sua linha ideológica, resguarda a imagem de Lenin de qualquer crítica, revelando apenas sua afinidade com as teorias de Karl Marx, principalmente a partir do programa mínimo após a revolução. Todavia, a imprensa burguesa preferiu associar Lenin a todo tipo de desinformação possível e imaginável, com um único intuito, desmoralizar o líder russo e diminuir a importância da revolução russa. *O Jornal do Brasil* em sua edição de 07 de maio de 1917 escrevia que os distúrbios ocorridos na capital russa foram provocados pelos agentes alemães. *O Correio da Manhã* na edição de 05 de outubro de 1917 insinuou caluniosamente que o “partido maximalista é um instrumento nas mãos da Alemanha e é formado por indivíduos que recebem dinheiro dos alemães”¹⁵⁶. Em 12 de novembro de 1917, *O País* noticiava: “O

¹⁵⁵ *O Debate*, 28 de Setembro de 1917, n. 12, p. 07.

¹⁵⁶ KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

governo chefiado pelo Sr. Lênin reconhece-se incapaz de deter as forças consideráveis de Kerenski”¹⁵⁷. O jornal *A Noite* noticiava no mesmo dia: “De Lênin e seus comparsas não há notícias, acreditando-se mesmo que já tenham procurado asilo em lugar seguro.”¹⁵⁸ E *O Imparcial* completava: “Já não há dúvidas sobre a situação na Rússia; o Sr. Kerenski dominará a desordem leninista”¹⁵⁹.

Entretanto, o registro mais importante das análises de Astrojildo Pereira sobre a Revolução de Outubro pode ser encontrada numa obra intitulada *A Revolução Russa e a Imprensa*, onde, sob o pseudônimo de Alex Pavel, ele busca explicar e desfazer todas as confusões publicadas na imprensa burguesa. Enviadas aos jornais “no interregno de tempo contado de 25 de novembro do ano findo (1917) até 04 de fevereiro último. Algumas delas foram enviadas, em forma de cartas, aos jornais, rebatendo injúrias ou deslindando confusões”¹⁶⁰.

Segundo Nelson Werneck Sodré, “em vão a polícia andou à procura do ‘perigoso agitador’, presumidamente estrangeiro, que o escrevera. Tratava-se do pseudônimo do jornalista brasileiro, Astrojildo Pereira. Explicava as confusões repetidas e propositadas criadas pela grande imprensa, servindo de eco à imprensa norte-americana e européia, em torno do que ocorrera e vinha ocorrendo na Rússia”¹⁶¹.

O primeiro comentário circulado na imprensa é datado de 25 de novembro de 1917, Astrojildo Pereira nesta crônica intitulada *A Revolução Russa e a Imprensa*

¹⁵⁷ apud. KONDER, Leandro. op. cit., p. 118.

¹⁵⁸ apud. KONDER, Leandro. op. cit., p. 118.

¹⁵⁹ apud. KONDER, Leandro. op. cit., p. 118.

¹⁶⁰ PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa*. s. ed.: Rio de Janeiro, 1917. in. PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB* (1922/1924). São Paulo: Hucitec, 1980.

¹⁶¹ SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., pp. 319/320.

Carioca, o jornalista-militante teve a oportunidade de criticar os jornalistas instalados nas redações dos jornais oficiosos:

“Jamais, jamais se viu na imprensa do Rio tão comovedora unanimidade de vistas e de palavras como neste instante¹⁶², a respeito da revolução russa. Infelizmente, tão comovedora quanto deplorável, essa unanimidade, toda afinada pelas mesmíssimas cordas da ignorância, da mentira e da calúnia. Saudada quando rebentou e deu por terra com o czarismo dominante, a revolução russa é hoje objeto das maldições da nossa imprensa, que nela só vê fantasmas de espionagem alemã, bicho perigoso de não sei quantos milhões de cabeças e de garras. Provavelmente os nossos jornais desejariam que se constituísse, na Rússia, sobre as ruínas do Império, uma flamante democracia de bacharéis e de negociantes, como a que tem por presidente o Sr. Wilson, ou como esta que é presidida pela sabedoria inconfundível do Sr. Wenceslau¹⁶³.”

Astrojildo ainda neste artigo, critica não apenas os jornais que escreviam tolices sobre a Revolução Russa, também desferiu ataques aos governantes brasileiros que ao implantarem a República apenas fizeram uma transição pacífica de um regime autoritário para outro. Segundo ele, a verdadeira libertação dos trabalhadores viria quando os mesmos assumissem o poder e implantassem um regime mais democrático e mais justo em oposição ao regime implantado pelos militares em 1889 e consolidado pelos oligarcas a partir de 1894. Isto pode ser melhor explicitado no trecho abaixo:

¹⁶² Segundo Astrojildo Pereira este “comentário texto foi escrito a 25 de novembro de 1917. Depois disso como se tem visto, a opinião, pelo menos de alguns jornais, tem-se modificado muito (...)”

*“A caída do nosso Império e a implantação desta nossa República, sem gota de sangue, com uma simples e vistosa procissão de rua, parece ter-se tornado, aos olhos de nossos jornalistas, o padrão irrevogável pelo qual de devem guiar as revoluções antidinásticas que se forem efetuando pelo mundo”*¹⁶⁴.

Para Astrojildo Pereira, o conceito de revolução teve um caráter profundo, baseado na *“transformação violenta e radical de sistemas, de métodos e de organismos sociais, levada para adiante aos empuxões, pelo povo, pela massa popular”*¹⁶⁵. Muito próximo ao conceito clássico de revolução, que define esta ação como *“a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica”*¹⁶⁶. Todavia, esta se diferencia do golpe de estado pela mudança da classe social que ascende ao poder. O golpe se configura como uma tentativa de substituição das autoridades políticas existentes dentro do quadro institucional, sem nada ou quase nada mudar dos mecanismos políticos e sócioeconômicos.

A revolução socialista para Astrojildo não era algo inatingível, muito pelo contrário, era algo concreto como vimos nos episódios de 1918. O assalto ao poder era um elemento fundamental para a mudança de todo um regime aqui implantado. Ao compreender que a Revolução Russa era verdadeiramente uma revolução, ele se opôs radicalmente contra todos os fatos inconvenientes veiculados pela imprensa, um bom

¹⁶³ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., pp. 137/138.

¹⁶⁴ ibidem. p. 138.

¹⁶⁵ ibidem. p. 138.

¹⁶⁶ BOBBIO, Noberto [et. al.]. *Dicionário de Política*. 10. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

exemplo disto são os artigos redigidos por Astrojildo no decorrer dos fatos ocorridos na Rússia, afirmando:

“É que os nossos jornais partem dum ponto de vista errado, supondo que o povo russo tem a mesma mentalidade do povo brasileiro de 89, que assistiu ‘bestializado’, à proclamação, por equívoco, desta bela choldra que nos governa. Não: o povo russo é um povo de memoráveis tradições revolucionárias, cuja a mentalidade, formada através das mais ásperas e mais empolgantes batalhas libertárias destes últimos cem anos, não pode satisfazer-se com o regime falsamente democrático da plutocracia, regime de espoliação em nome da igualdade perante a lei, de embuste e burla eleitoral e de parlamentarismo oco, palavreiro, desmoralizado, safadíssimo...”¹⁶⁷.

Através de artigos como este Astrojildo Pereira teve a oportunidade de contestar as inverdades veiculadas na grande imprensa, principalmente as informações a respeito de Lênin e os bolcheviques que eram considerados agentes do governo alemão. Ele rebaterá estas acusações, como por exemplo, uma carta enviada aos jornais contradizendo estas informações:

“Lênin é um velho socialista militante de mais de vinte anos, e como tal ferozmente perseguido pela autocracia moscovita, mas sempre o mesmo homem de caráter indomável e intransigente. (...) Não precisava esperar, através anos inteiros de perseguições e sofrimentos, que a revolução que a revolução social dos seus sonhos se iniciasse para entregar-se ao marco prussiano, como um

¹⁶⁷ ibidem. p. 138.

vulgaríssimo trampolineiro, como um jornalista qualquer, destes que abundam na imprensa desta terra”¹⁶⁸.

Enviada para a redação do *Jornal do Brasil* e publicada em 09 de dezembro de 1917, novamente ele rebate as acusações feitas a Lênin e defende a Revolução Russa dos ataques da imprensa oficiosa. No editorial, o redator-chefe esclareceu as razões por não publicar integralmente a extensa carta datilografada enviada por *Alex Pavel*, justificando que “não publicamos por extensão essa carta por estar em forma contrária ao programa do *Jornal do Brasil*”¹⁶⁹. Contudo, reafirmam que ele defende a personalidade de Lênin perante a Revolução Russa, ressaltando que “*a imprensa – diz o missivista – que tem atacado implacavelmente Lênin, devido a revolução que deu por terra o ultimo governo, vendo nele somente o fantasma da espionagem alemã, esta completamente errada*”¹⁷⁰. Astrojildo Pereira concluiria, afirmando em sua carta que os jornais ainda reconheceriam seus erros e fariam justiça a Lênin, “*que apenas quis libertar a sua pátria dos governos que dominavam pelo poder do ouro*”¹⁷¹.

O jornal *O Cosmopolita* de 15 de janeiro de 1918 transcreveu um artigo publicado pelo jornal português *A Luta*, na qual estampou os seguintes dados biográficos sobre Lênin: “*A autocracia, talvez por instinto, descobriu um ‘inimigo terrível’ na pessoa de Lênin, quando ele não contava mais de 17 anos de idade. Expulsou-o em 1867 (?) da Universidade de Kazan, com a privação do direito de admissão em qualquer outra universidade pelo motivo de seu irmão ter sido*

¹⁶⁸ *ibidem*. p. 139.

¹⁶⁹ *Jornal do Brasil*. 09 de dezembro de 1917.

¹⁷⁰ *Jornal do Brasil*. 09 de dezembro de 1917.

¹⁷¹ *Jornal do Brasil*. 09 de dezembro de 1917.

*executado como criminoso político. Lênin – cujo verdadeiro nome é Oulianow – consagra-se muito cedo ao estudo do desenvolvimento econômico da Rússia, e muito jovem ainda tornou-se um perigoso discípulo de Karl Marx. (...). Mas a atividade de Lênin não se limita à de economista sábio, e, atraído pelo movimento revolucionário, condenam-no a 4 anos de deportação na Sibéria. (...)*¹⁷².

O artigo citado acima não traduziam as opiniões publicadas nos periódicos brasileiros, já que estes nutriam verdadeira aversão aos eventos ocorridos na Rússia, isto graças as ligações oficiosas que mantinham com o poder estabelecido. Ao repelir as informações equivocadas enviadas da Europa e repetidas pelos periódicos brasileiros, Astrojildo irá rechaçar o jornal *O Imparcial*, adjetivando-o como um jornal, “notório e acérrimo defensor da ‘ordem social’”¹⁷³.

Sua oposição a estes jornais é constante, não aceita as tolices publicadas e as rebate com veemência. Como citado anteriormente, ao rejeitar os postulados d’*O Imparcial* se utiliza deste para reforçar suas posições anarquistas. Baseado no princípio ideológico da recusa da autoridade, ele se definia como um pacifista, defendia a bandeira do desarmamento e se posicionou contra a Primeira Guerra Mundial (1917–1918), escrevendo assim sobre o assunto:

*“Eu sou antimilitarista e alegro-me imenso com tão auspicioso acontecimento. E desejo ardentemente que o mesmo aconteça na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, na Áustria, nos Estados Unidos, no Brasil...no mundo todo”*¹⁷⁴.

¹⁷² *O Cosmopolita*, 15 de janeiro de 1918.

¹⁷³ *ibidem*. p. 139.

¹⁷⁴ *ibidem*. p. 140.

Este antimilitarismo era um ponto comum aos anarquistas, a rejeição pelas guerras teve seu ápice durante o prolongado morticínio gerado pela Primeira Guerra Mundial renovando e impulsando à velha doutrina de que o recurso à guerra, mesmo em resposta a uma agressão, é sempre um erro. Seu espírito pacifista ecoava ao longo do ano de 1915 e segundo ele, “*a partir de 1915, ainda no primeiro trimestre, que a luta contra a guerra, pela paz, se ampliou e tomou o caráter de movimento nacional organizado*”¹⁷⁵, repercutindo durante os anos subseqüente. A participação de Astrojildo foi ativa no comício de 1915, quando em manifestação realizada ao longo do Largo de São Francisco concentrou milhares de trabalhadores que ali proclamaram seu horror a guerra. No mesmo ano a COB tomou para si a responsabilidade de preparar um Congresso da Paz, “*que efetivamente de reuniu no Rio nos dias 14,15 e 16 de outubro de 1915*”¹⁷⁶. Mesmo com toda a campanha contra o espírito militar, o Brasil cedeu a pressão imperialista e entrou na guerra. Assim sendo, a classe operária não esmoreceu e continuou na campanha em defesa de paz e pelo fim da guerra.

Regressar as análises encontradas em *A Revolução Russa e a Imprensa* é importante para entender as mudanças que foram operadas em seu pensamento. Em um texto intitulado *As Utopias Deliciosas e Alegres*, Astrojildo irá polemizar com o jornal *O Paiz*. Segundo este jornal: “Foi de fato, a revolução russa, com todos os seus trágicos sucessos, o acontecimento que mudou a face das coisas, começado a tornar possíveis programas, transformações sociais, movimentos de independência

¹⁷⁵ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios Históricos e Políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

¹⁷⁶ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 54.

política e sistemas de governo que já nos primeiros meses da guerra continuavam a ser considerados como fatos impraticáveis e inconvenientes, como utopias deliciosas e alegres.” — “Esqueciam-se os que assim pensavam que, igualmente como utopias consideradas foram, no seu início, todas as grandes conquistas da humanidade e da civilização...”¹⁷⁷, segundo ele, os conceitos difundidos no *Paiz* destoavam completamente dos demais jornais em virtude deste reconhecer a “concretização das antigas utopias socialistas e anarquistas”¹⁷⁸, na Revolução Russa.

Em defesa da Revolução Astrojildo polemizaria também com os jornalistas do jornal *A Razão*. Em um artigo intitulado *Os escribas da Razão*, segundo ele:

“De todos os jornais cariocas e, com certeza, de todos os jornais do mundo, aquele que mais danada e azeda bÍlis tem expectorado contra os maximalistas é, sem dúvida, a Razão”.

Dirigido por um energúmeno cômico e notório, profeta e papa espÍrita, semi-louco e pouco menos que analfabeto, esse jornal tem no entanto, apesar disto, uma tal ou qual popularidade, ganha algumas campanhas simpáticas. A sua fobia antimaximalista é duplamente odiosa: em si mesma e pelo fato de se espalhar principalmente na massa proletária, ludibriando-a e envenendo-a. (...).

*A Razão se apregoa como um órgão criado especialmente para o povo, para as classes operárias: mente e remente dobrado, por dentro e por fora, para a direita e para a esquerda... (...)*¹⁷⁹.

Astrojildo Pereira ainda neste artigo enumerou uma série de informações falsas a respeito da Revolução Russa, sua crítica, como podemos ver, é desferida

¹⁷⁷ ibidem. p. 146.

¹⁷⁸ ibidem. p. 146.

diretamente contra os jornalistas da Razão e também contra todos aqueles que compactuaram com as mentiras e calúnias publicadas na imprensa. Com isso, ele teve duas intenções ao conceber no calor da militância estas análises, frutos de leituras e reflexões urgentes e enviá-las aos jornais em forma de carta. A primeira e mais imediata foi explicar aos jornais o que realmente aconteceu na Rússia revolucionária, através das polêmicas cartas ele pretendia informar que as tolices publicadas não correspondiam a verdade dos fatos, que segundo ele, “*enganam-se redondamente, os magnatas da imprensa, supondo que a revolução russa é um motim qualquer, que se esmaga assim numa hora para outra*”¹⁸⁰. A segunda intenção e mais duradoura fez parte de uma busca pessoal e intelectual, ao contrário de outros militantes anarquistas que reivindicavam a Revolução Russa com libertária, ele teve uma visão mais clara sobre os acontecimentos russos, onde, escrever sobre a revolução significava a possibilidade de sua ocorrência no Brasil, afirmando que: “*a revolução russa marca o início da maior revolução social da história*”¹⁸¹.

2.3 — *Astrojildo e a Internacional Comunista*

A influência ideológica da Revolução de Outubro e do bolchevismo tomou uma forma peculiar do pensamento político de Astrojildo Pereira, ao renunciar os preceitos anarquistas e gradualmente passar as posições do socialismo revolucionário. Ele foi levado a repensar suas posições e iniciar uma nova jornada,

¹⁷⁹ ibidem. p. 147.

agora dentro do comunismo. Uma das fases mais significativas desta mudança em seu pensamento político foi representada pela fundação da Internacional Comunista de 1919, também conhecida como III Internacional ou Comintern.

Discutir a inter-relação entre a III Internacional e o seu pensamento político será importante. Já este organismo do comunismo internacional se transformou em um dos consolidadores das estratégias revolucionárias dos partidos afiliados ao Comintern. Ressalto ainda que no ano de fundação da III Internacional Comunista (1919), não existia no Brasil um partido comunista constituído; o que havia eram grupos anarcossindicalistas, socialistas e grupos comunistas. Nestes grupos “a partir de 1917, mesmo antes do PC anarquista, muitos revolucionários começaram a buscar outras formas de organização política, tentando orientar-se dentro dos princípios do marxismo-leninismo”¹⁸².

A Internacional Comunista foi para o movimento operário internacional aliada a experiência vitoriosa da Revolução Russa, um grande estímulo. Seus reflexos foram sentidos em boa parte do mundo, principalmente a partir da adoção das práticas políticas do marxismo-leninismo pelos movimentos operários. “Assim como o *marxismo* foi uma construção teórica posterior à morte de Marx, o *marxismo-leninismo* foi uma codificação posterior à morte de Lênin”¹⁸³. Digo isto, para esclarecer que Lênin acentuava a importância da teoria, declarando que “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”¹⁸⁴.

¹⁸⁰ ibidem. p. 149.

¹⁸¹ ibidem. p. 149.

¹⁸² PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 79

¹⁸³ KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹⁸⁴ LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Que Fazer*. São Paulo: Hucitec, 1979.

Todavia, as teses assumidas por este *marxismo-leninismo* e exportado aos partidos comunistas do mundo são frutos originários do 5º Congresso da Internacional Comunista, que definiu o leninismo como a “personificação do marxismo ortodoxo” e “qualquer desvio do leninismo” equivaleria “a um desvio do marxismo”¹⁸⁵. Esta postura defendida no 5º Congresso do Comintern, é resultado direto das posições assumidas por Stalin, que afirmou em seu livro *Fundamentos do leninismo* (1924), que o leninismo é o “marxismo na era do imperialismo e da revolução proletária”, sendo “o leninismo a teoria e a tática da ditadura do proletariado em particular”¹⁸⁶.

As posições defendidas por Stalin marcaram profundamente as ações da Internacional Comunista após o falecimento de Lênin. Quanto ao leninismo, ele se caracteriza como sendo o desenvolvimento da concepção científica da sociedade proposta por Marx e Engels. Como tal, enfatiza o marxismo como sendo uma práxis de classe operária revolucionária voltada fundamentalmente para a tomada do poder pelo e para o proletariado. Enfatiza-se o papel do partido comunista como arma de luta, formado por militantes marxistas dotados de consciência de classe e organizado segundo os princípios do centralismo democrático.

Astrojildo Pereira não estava alheio a esta discussão. Em uma correspondência datada de 1924, este se encontrava em Moscou e teve a oportunidade de escrever uma carta na qual relatava o estabelecimento da III Internacional

¹⁸⁵ HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo VI.* 2. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

¹⁸⁶ STALIN, Joseph V.. *Fundamentos do leninismo.* s. ed. s.d.

Comunista e sua receptividade nos meios operários brasileiro. Iniciava assim sua correspondência:

“A primeira notícia mais ou menos precisa e completa, que apareceu no Brasil, sobre a fundação da III Internacional, foi um artigo de Souravine, publicado creio que no Populaire de Paris e que traduzimos e por nossa vez publicamos no Spartacus, seminário do Rio de Janeiro, em meados de 1919. Em novembro desse mesmo ano, num número consagrado à Revolução Russa, Spartacus estampava, na íntegra, as teses de Lênin sobre A democracia burguesa e a democracia proletária, trabalho esse que impressionou profundamente a vanguarda revolucionária do país.

Pelos anos a seguir, os militantes do movimento operário acompanharam sempre com mais apaixonado interesse, através da escassa literatura que conseguiam obter, a obra dos congressos da Internacional Comunista, suas teses, sua organização, sua propaganda. Em 1922, constitui-se o PC brasileiro, composto pelo partidários decididos da III Internacional e da revolução bolchevista.

Nosso jovem e pequeno partido, de formação lenta, difícil, mas homogêneo, não poupa esforços no sentido de tornar-se um digno setor, no Brasil, do grande exercido proletário mundial concentrado nos quadros da IC. E agora, quando se comemora o jubileu da IC como um acontecimento histórico de significação verdadeiramente internacional, os comunistas do Brasil nos associamos a essa comemoração com o mais justificado orgulho e com a mais profunda fé na obra revolucionária da IC.

A oportunidade de encontrar-me, atualmente, na capital da revolução mundial, oferece-me o ensejo de aqui exprimir, em nome de meus camaradas do Brasil, nossa fraterna e entusiástica saudação a todos os partidos irmãos e muito especialmente ao nosso partido-mestre, PCR”¹⁸⁷.

O nascimento da III Internacional é simultaneamente acompanhado pela crise e ruptura na II Internacional e de ascensão do bolchevismo após o êxito da Revolução Russa. A identidade da III Internacional Comunista “foi construída acentuando as diferenças em relação à II Internacional. Num movimento de rompimento com o passado, reforma e revolução passaram a ser considerados termos contraditórios. Em pouco tempo a social-democracia transformou-se no inimigo maior dos comunistas. A partir de então cristalizou-se no interior do movimento comunista a idéia de revolução como sinônimo de uma ruptura brusca e radical com a ordem econômica, social e política vigente. A revolução também passou a ser percebida como um desdobramento inevitável do desenvolvimento do capitalismo na sua etapa superior, o imperialismo. A construção desse paradigma teve conseqüências profundas na condução do movimento comunista internacional, determinando, inclusive, uma nova concepção de partido político”¹⁸⁸.

Sem dúvida, estas posturas marcaram profundamente a trajetória política do PCB que viria a se constituir num futuro próximo, mais ainda a trajetória pessoal e intelectual de Astrojildo Pereira, que foi empurrado por forças conjunturais a rever suas posições políticas anarcossindicalistas e adotar o comunismo como uma nova força política capaz de realizar o sonho da revolução social. Analisar o contexto em

¹⁸⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Correspondência*. 1924.

que a III Internacional Comunista foi concebida é importante para compreensão das influências que esta exerceu sobre o movimento operário brasileiro e especialmente sobre ele.

A III Internacional Comunista e seu conjuntura, nos interessa aqui especialmente a partir da concretização do Primeiro Congresso da IC, na qual a presença de Lênin foi efetiva e a urgência dos debates ecoaram no Brasil. Os trabalhos preparatórios da Internacional foram orientados por Lênin, que também participou na elaboração do apelo “*Ao primeiro Congresso da Internacional Comunista*”, documento em que eram expostos os princípios da nova Internacional. Em janeiro de 1919, realizou-se em Moscou uma conferência de certos grupos, partidos e socialistas. Os representantes do Partido Comunista da Rússia, chefiados por Lênin estiveram presentes. Nesta conferência decidiu dirigir-se às 39 organizações apelando para que iniciassem a discussão a propósito da convocação do Congresso da Internacional Comunista. Este apelo foi publicado a 24 de janeiro de 1919.

“Na véspera do Congresso uma conferência de representantes das várias delegações, dirigida por Lênin, estabeleceu a ordem do dia preliminar, designou os relatores e os membros das comissões. O Congresso devia dar início aos seus trabalhos e durante as suas sessões examinar a questão respeitante à constituição da III Internacional”¹⁸⁹.

Lênin presidiu à abertura do congresso, “após a audição dos relatores das organizações locais, discutiu-se e adotou-se a plataforma da Internacional

¹⁸⁸ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

Comunista”¹⁹⁰. A comunicação apresentada por Lênin, como citou Astrojildo anteriormente em sua correspondência, “*A democracia burguesa e a ditadura do proletariado*” foi apresentada na sessão de 04 de março. Ressalto que as teses apresentadas por Lênin foram aprovadas por unanimidade e enviadas ao Secretariado do Comitê Executivo da Internacional com a missão de as difundir em todos os países. No mesmo dia, o “Congresso decidiu constituir a III Internacional Comunista”¹⁹¹.

O Primeiro Congresso da Internacional Comunista definiu os preceitos essenciais do marxismo-leninismo, especialmente na afirmação do “reconhecimento da ditadura do proletariado e do poder soviético em lugar da democracia burguesa”. Ao afirmar tais princípios, o Primeiro Congresso da III Internacional estabeleceu também os princípios fundamentais do que veio a ser o Comintern.

O alcance histórico da “Internacional Comunista está no restabelecimento e consolidação dos laços entre os trabalhadores dos diversos países, em colocar as questões teóricas do movimento operário”¹⁹². Propiciando transformar os jovens partidos comunistas em partidos operários de massa, livrando-os das deformações oportunistas, reforçando ainda mais o caráter marxista-leninista destes partidos.

Como citado anteriormente o I Congresso da IC aprovou por unanimidade as teses de Lênin, todavia julgo importante transcrever alguns trechos da tese “*A democracia burguesa e a ditadura do proletariado*”, já que a discussão do texto de Lênin tornou-se cara aos comunistas filiados a III Internacional. Segundo Lênin, “o

¹⁸⁹ ULIANOV, Vladimir Ilitch. *Lenine e a III Internacional*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

¹⁹⁰ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 10.

¹⁹¹ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 10.

¹⁹² ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 11.

crescimento do movimento revolucionário do proletariado em todos os países suscita os esforços convulsivos da burguesia e dos agentes que ela possui

entranhados no seio das organizações operárias para encontrar os argumentos filosóficos e políticos capazes de servir para a defesa da dominação dos exploradores. Entre estes argumentos, merecem lugar de destaque a condenação da ditadura e a apologia da democracia”¹⁹³.

Lênin aprofundará a discussão em torno da apologia feita a democracia burguesa e a condenação da ditadura do proletariado, acusando os países europeus de se beneficiar da democracia em detrimento da classe trabalhadora. A afirmação de Lênin é clara quando este esclarece que, “o argumento apoia-se nas concepções de ‘democracia em geral’ e de ‘ditadura em geral’ sem especificar a questão:– ao serviço de que classe estão a democracia e a ditadura”¹⁹⁴. Lênin reafirmará a necessidade da ditadura do proletariado como uma fase importante de ascensão do proletariado ao poder, como podemos ver que, “a história ensina que nenhuma classe oprimida jamais atingiu o poder ou conquistou sem passar por um período de ditadura, isto é, sem apoderar-se do poder político e abater pela força a resistência, desesperada, furiosa, que é sempre oposta pelos exploradores e que não recua perante nenhum crime”¹⁹⁵.

No final de 1920, num discurso feito aos sindicatos Lênin reafirma a necessidade histórica da ditadura do proletariado, e que ela “não pode se realizar por meio da organização que reúne toda a classe. E isso porque não apenas entre nós, em um dos países capitalistas mais atrasados, mas também em todos os outros países

¹⁹³ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., pp. 11/12.

¹⁹⁴ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 12.

capitalistas, o proletariado está ainda tão dividido, humilhado, aqui e ali corrompido (...), que a organização de todo o proletariado não pode exercer diretamente a sua ditadura. Somente a vanguarda que absorveu a energia revolucionária da classe pode exercer a ditadura (...),¹⁹⁶.

Neste estado de coisas, a ditadura do proletariado “é não só absolutamente legítima, como meio de derrubar os exploradores e esmagar a sua resistência, mas também absolutamente indispensável para toda a massa trabalhadora, como única defesa contra a ditadura da burguesia que provocou a guerra e prepara novas guerras”¹⁹⁷. A semelhança que poderia existir entre a ditadura do proletariado e a ditadura de outras classes, é que ela torna-se essencial para quebrar a resistência da classe que perde o domínio. O marco fundamental da ditadura do proletariado é que ela nasce para reprimir os exploradores que até então dominavam o meios de produção.

O texto citado acima foi publicado pela primeira vez no jornal “*Spartacus*, do Rio, em seu primeiro número, agosto de 1919”¹⁹⁸, conforme afirma Astrojildo Pereira em um manuscrito intitulado, *Roteiro para a História do PCB*. “Durante os primeiros anos de sua existência, a III Internacional tinha uma avaliação catastrófica sobre o desenvolvimento do capitalismo. A idéia da tomada do poder pelo proletariado em escala planetária estava associada à derrocada iminente do capitalismo. De acordo com essa visão, a revolução encontrava-se objetivamente determinada. Caso ela não fosse assumida subjetivamente pelas massas, devido ao seu

¹⁹⁵ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 12.

¹⁹⁶ LÊNIN, Vladimir Ilitch. apud. HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo V. 2.* ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

¹⁹⁷ ULIANOV, Vladimir Ilitch. op. cit., p. 20.

atraso e/ou acomodamento, caberia ao partido do proletariado inverter tal situação. Em última instância, a revolução era percebida menos como o resultado das classes em conflito, e mais como o resultado do voluntarismo de uma elite esclarecida. Combinava-se o amadurecimento das condições objetivas, a crise econômica, com a intervenção da ‘vanguarda do proletariado’. Desse modo, sob a inspiração de Lenin, forjou-se uma visão iluminista de partido, contraditória em certo sentido com uma concepção de partido de massas”¹⁹⁹.

Entretanto, gostaria de suscitar aqui um debate importante para a compreensão da mudança no pensamento político de Astrojildo Pereira. Dois conceitos estiveram intimamente ligados a experiência política do movimento operário internacional pós-Comintern, bem como na experiência pessoal do personagem. Como militante político do início do século, Astrojildo não passou incólume por este debate, *espontaneidade* e *consciência*, são os dois conceitos que quero discutir nesta etapa da dissertação.

O proletariado brasileiro após a fundação da Internacional Comunista teve que conviver com duas posições antagônicas na liderança do movimento operário. De um lado tivemos a *espontaneidade* dos anarquistas, baseada na *ação direta* e na busca da revolução social, os anarcossindicalistas entraram em crise logo após a tomada do poder pelos bolcheviques e a implantação da ditadura do proletariado na Rússia.

Por outro, encontramos neste mesmo movimento operário o germe que culminaria na fundação do Partido Comunista Brasileiro, baseado nos métodos bolcheviques e na teoria leninista. Os operários brasileiros se viram em uma

¹⁹⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s.d.

¹⁹⁹ PANDOLFI, Dulce. op. cit., pp. 58/59.

encruzilhada política, onde a consciência de uma vanguarda esclarecida representada por um partido político contrastava com a espontaneidade vigente até então. Entretanto ressalto que, estes dois movimentos (*espontaneidade* e *consciência*) não se anulam, mesmo parecendo antagônicos estes dois conceitos estão muito próximos, tanto os anarquistas e os marxistas discutiram estas questões como forma de encontrar os caminhos para a revolução social.

Daniel Guérin em seu estudo sobre Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária, traçou um panorama histórico referentes a estas duas correntes, identificando-as como parentes bastante próximas e estabelecendo a relações que estas desenvolveriam no cenário político europeu do final do século XIX e início do XX.

A espontaneidade pregada pelos anarquistas foi sempre um ponto conflitante entre os pensadores comunistas. Mesmo que Marx e Engels não empregassem literalmente o termo *espontâneo*, os dois pensadores não diminuíram o valor da espontaneidade da classe trabalhadora frente a burguesia. Marx e Engels preferem fazer a distinção entre o movimento operário e o comunismo, segundo eles, “tem, sobre o resto da massa proletária, a vantagem de compreender as condições, a marcha e os resultados gerais do movimento do proletariado”. O movimento da massa proletária tem, portanto, uma “existência própria”, uma “auto-atividade” elementar, “igualmente em relação à sua expressão consciente”²⁰⁰.

Para os anarquistas, a espontaneidade foi um ponto comum a todos os pensadores ácratas. Sempre assinalaram que o verdadeiro movimento revolucionário

²⁰⁰ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

não era obra de ninguém, não acontecendo por ordem de um chefe com uma teoria acabada. Como ação dos indivíduos, a revolução social, é quase nula e a ação espontânea das massas deve ser tudo. A espontaneidade para os anarquistas era inerente a própria sociedade.

Alguns anarquistas não desconsideraram a importância histórica de um minoria consciente. Para estes grupo, as idéias, que em todas as épocas agitaram as massas, nasceram antes na cabeça de algum pensador. Esta prioridade nunca coube às multidões. Todavia, um outro grupo ácrata preferiu inverter esta lógica e dar a massa um papel histórico prioritário. Seja como for, Astrojildo Pereira compreendia que as massas desempenhavam um papel importante na construção da nova sociedade. Entretanto, é bom lembrar que no ano de fundação da III Internacional Comunista, Astrojildo estava em um momento delicado de sua trajetória política. Durante os preparativos para o congresso inaugural da III Internacional, ainda se encontrava preso, e durante a realização da conferência geral, ele estava filiando-se ao Partido Comunista de 1919.

As relações que Astrojildo Pereira esta desenvolvendo neste momento, são frutos de suas percepções políticas. Renegar o anarquismo, não significa trair os velhos companheiro de luta, mas sim encontrar novos caminhos para a realização plena da revolução social. Suas opções políticas neste momento são as mais drásticas possíveis, num processo lento e gradual de mudança ideológica; ele esta optando por um caminho novo e ainda desconhecido da maioria dos militantes anarquistas.

Mas, ao assumir o emblema de comunista, ele sofrerá nos anos iniciais uma repressão exacerbada de seus velhos companheiros que desferiram contra ele os

piores ataques, acusando-o com os piores insultos para um militante político, como podemos comprovar nas frases de José Oiticica, refletindo a aflição extrema de ver sua ideologia definhando a cada dia, e vários militantes migrarem para o comunismo:

“Ao rebentar a Revolução de 1917, era Brandão rapaz entusiasta, espírito revolucionário, com ânsias anarquistas. Quando, em fins de 1918, fui deportado para Alagoas, Brandão me conheceu. Clandestinamente, pois a polícia me vigiava, fui com ele orientar os pescadores que se agitavam sem saber lutar... Com Brandão corri os canais e lagoas do litoral alagoano...

Creio que muito concorri para tornar Brandão anarquista militante ... Conheci bem Octávio Brandão, culto inteligentíssimo, profundamente sincero, honesto, decidido e boníssimo. Em fins de 1919, porém, principiou a produzir frutos a intromissão sorrateira, venenosa, nefasta do bolchevismo, operada, sem nenhuma ciência minha nem dos militantes anarquistas mais conscientes, pela cavilação manhosa de Astrojildo Pereira. Brandão, muito chegado a Astrojildo, resistiu seu tanto, mas deixou-se por fim contaminar ... e transformou-se logo. De espírito independente, senhor de si, avesso ao mando como à submissão, anarquicamente desrespeitador dos ídolos por um lado e, por outro, incapaz de receber ordens, passou, repentinamente, ao servilismo do partido, a dizer amém às imposições de cima e ditar, aos seus subordinados, tarefas e preceitos. E a luta se travou braba entre os anarquistas e bolchevistas. Estes iam aplicando as instruções de Trotski, que eu li no boletim do Partido, em francês. Nessas instruções, que sinto haver perdido, o infame Trotski criara a mais torpe moral partidária. Contra os adversários sua sanha se exasperava.

Mandava atacá-los duramente nos sindicatos ... Octávio Brandão entrou nessa luta sórdida, sujíssima, contra mim”²⁰¹.

Em relação a consciência, me reservo o direito de discutir este conceito no capítulo seguinte já que esta consciência se expressará em Astrojildo Pereira a partir do momento em que ele rumar em direção ao comunismo, participando do partido comunista de 1919 e posteriormente fundando com seus companheiros o Partido Comunista do Brasil em 1922.

Definitivamente este conflito entre *espontaneidade e consciência* somente se resolveram para Astrojildo Pereira, quando seu pensamento político se encaminhar definitivamente para a constituição de um partido comunista organizado, baseado em rígidos princípios leninistas. Ao assumir tais preposições, rompeu definitivamente com o princípio anarquista da ação espontânea das massas e concebeu que a luta revolucionária para a tomada do poder somente será possível quando um grupo organizado e bem dirigido assumir a vanguarda desta luta. Como afirmou Zinoviev, “se quisermos utilizar a experiência da Revolução Russa, deveremos reconhecer, antes de mais nada, a necessidade de um partido comunista, que seja rigidamente centralizado e dotado de férrea disciplina”²⁰².

Capítulo III

Conflito e Integração:

²⁰¹ OITICICA, José. Ação Direta. Rio de Janeiro. nº 113. Dezembro de 1956.

²⁰² ZINOVIEV, *Discurso no II Congresso da Internacional Comunista em 23/26/1920.*

Astrojildo Pereira Comunista

Neste terceiro e último capítulo quero dissertar sobre o período de inclusão do pensamento de Astrojildo Pereira nas teorias marxistas. Este momento será representado decisivamente pela fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922.

O título deste capítulo é sintomático. A experiência vivida por Astrojildo Pereira dentro do Partido Comunista do Brasil, o qual ajudou a fundar, sempre foi muito delicada. Respeitado por ser um grande quadro dentro da organização partidária, sofreu inúmeras represálias por sua origem anarcossindicalista e por dedicar extrema atenção ao estudo da obra de Machado de Assis, que para muitos militantes comunistas era um escritor pequeno burguês, e com tal não deveria merecer a atenção dos militantes.

Entretanto, Astrojildo Pereira foi obrigado a se retratar várias vezes perante o Comitê Central do partido, segundo a alegação de que o militante Astrojildo não estava tendo um comportamento revolucionário. Apesar de tudo, vivenciou todas as fases por que o partido passou: foi leninista quando a orientação mundial era ser leninista, adotou o obreirismo a partir dos anos 30 (sendo afastado das atividades do Comitê Central acusado de ser um intelectual pequeno-burguês). Assumiu-se como stalinista, quando os partidos comunistas eram influenciados pelo signo mitológico de Stálin. Experimentou o processo de desestalinização dos partidos comunistas e assistiu à subida ao poder de Nikita Krushev.

Para operacionalizar este capítulo os sub-capítulos estão organizados com os seguintes títulos. O primeiro denominei: *‘O Partido Comunista de 1919’*, no qual

dissertarei sobre o partido comunista de 1919, ou também conhecido como o partido anarquista, esta experiência frustrada de se constituir um partido comunista com preceitos anarquistas foi o que deu a Astrojildo a possibilidade de fundar em seguida um partido comunista de caráter leninista.

O segundo intitulei-o de ‘*O Comunismo em Astrojildo Pereira*’, no qual analiso a cristalização da mudança de linha política na fundação do Partido Comunista do Brasil. Astrojildo assumiu definitivamente o valor que a História o outorgou: o comunista.

3.1 — *O Partido Comunista de 1919*

“Em um país onde o proletariado acaba de se pôr em movimento, o primeiro grande passo a ser dado é sempre o da constituição dos trabalhadores em partido político independente, seja lá como for, desde que se trate de um partido operário, distintos dos demais partidos”²⁰³. Em carta enviada a Sorge, Friedrich Engels o advertiu para a necessidade da construção de um partido operário, independente da ordem burguesa e comprometido com uma perspectiva de classe.

Para o conceito de classe social, privilegio as análises propostas por E. P. Thompson, que definiu classe social como uma relação, “um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico”²⁰⁴. Classe social ainda pode ser entendida como grupos sociais antagônicos em que um apropria-se do trabalho alheio, motivado por causa do lugar diferente que ocupam na estrutura econômica de um modo de produção determinado.

No que tange particularmente a experiência, Thompson a definiu assim: “é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente”²⁰⁵, deliberando assim sua formação e atuação histórica. Observamos então que os interesses de classes não podem ser confundidos com os interesses imediatos, já que estes representam as aspirações de um momento específico e têm geralmente por objetivo conseguir maior bem-estar imediato, ou melhor participação na repartição da riqueza. Ressalto que os interesses imediatos não podem ser considerados, no sentido rigoroso, como interesses de classe. Marx em seu livro “*A Sagrada Família*”, definiu como interesse de classe o

²⁰³ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, LENIN, V. I. et al. *A Questão do Partido*. São Paulo: Kairós. 1978.

²⁰⁴ THOMPSON, E. P.. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

seguinte princípio: “não se trata do que estabelece, ocasionalmente, como objetivo, este ou aquele proletariado, ou inclusive o proletariado em sua totalidade. Seu objetivo e sua ação histórica estão manifestos e irrevogavelmente traçados por sua própria situação vital, como por toda a organização da sociedade burguesa atual”²⁰⁶.

O interesse estratégico a longo prazo são os interesses que aparecem da situação própria de cada classe na estrutura econômica da sociedade. Em suma, o interesse estratégico da classe dominante a longo prazo é perpetuar sua dominação; o da classe dominada, é destruir o sistema de dominação. Então, o interesse estratégico do proletariado é romper com a dominação exercida pela burguesia²⁰⁷, origem de sua condição de explorado, destruindo assim aquilo que é seu fundamento: a propriedade privada dos meios de produção.

Nesse caso, para o acontecimento da ruptura da ordem estabelecida, os marxistas defenderam a necessidade da consciência, onde “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe”²⁰⁸.

Entretanto, uma ressalva deve ser feita, não se pode confundir a consciência de classe com a consciência psicológica dos indivíduos que fazem parte de uma determinada classe. A consciência de classe se acha diretamente ligada ao conceito de interesse de classe. O não-determinismo da consciência de classe ocorre, segundo

²⁰⁵ THOMPSON, E. P.. op. cit., p. 10.

²⁰⁶ MARX, Karl. *A Sagrada Família*. São Paulo: Moraes, 1987.

²⁰⁷ Segundo F. Engels no prefácio do Manifesto do Partido Comunista de 1888 define proletariado, como a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que não tendo meios de produção próprios são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. Burguesia, segundo Engels, é a classe dos capitalistas modernos que são proprietários dos meios de produção social e empregam trabalho assalariado.

²⁰⁸ THOMPSON, E. P.. op. cit., p.10.

Thompson, quando “ela – classe operária – deveria ter (mas raramente tem), se estivesse adequadamente consciente de sua própria posição e interesses reais”²⁰⁹.

Esta consciência não se dá apenas no critério econômico, mas também no plano político e ideológico. Mesmo que a classe operária não tenha uma visão tão lúcida quanto à burguesia, esta se apresentará num dado objetivo em uma situação objetiva. Representada pela condição que cada classe ocupa na cadeia de produção social. A consciência de classe, e mais especificamente a consciência da classe operária exprime-se a partir das vivências de suas lutas históricas, discernindo e se conscientizando da contradição em que está inserida – não pensando mais abstratamente através de ideologias alienantes (ligadas diretamente com a produção econômica), esta consciência será expressa na luta revolucionária em que os trabalhadores estão inseridos, a superação do adversário histórico, seja a burguesia seja o capitalismo.

Um bom exemplo está no jornal *Guerra Sociale* de 26 de agosto de 1917, em um artigo anônimo intitulado “Considerações Póstumas” fica explícita a idéia de consciência de classe: “(...) e assim é. Os trabalhadores não obtiveram tudo o que reivindicavam, o que não impede reconhecer uma grande e verdadeira vitória conseguida não somente contra o Estado e nem só contra os industriais, mas principalmente sobre eles mesmos (...) Eles encontraram na luta sua própria consciência...”²¹⁰.

²⁰⁹ THOMPSON, E. P.. op. cit., p.10.

²¹⁰ apud. CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: Movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes, 1991.

A transposição da luta econômica para um estágio de luta política pode ser entendida a partir da afirmação de Marx, descrita no *Manifesto do Partido Comunista*, que “toda luta de classes é uma luta política”²¹¹, afirmando ainda que, “essa organização do proletariado em classe, e portanto em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que existe entre os próprios operários. Mas ela renasce sempre e cada vez mais forte, mais poderosa”²¹².

Antes de descrever as concepções de partido político formuladas especificamente por Marx e Engels e posteriormente por Lenin, é necessário expor as teorias construídas em torno deste tema, ressaltando que “os partidos têm um pé na sociedade civil e um pé nas instituições”²¹³, se dicotomizando entre a espontaneidade e a institucionalidade, como destacou Noberto Bobbio.

A organização de uma classe, em especial da classe operária em um partido político, é estabelecida por vários fatores interligados. Sílvia Regina Pantoja em seu estudo sobre o *Amaralismo* identificou algumas destas características vitais para a construção de um partido político. Historicamente, “a moderna concepção de partido político surgiu na Europa ocidental em fins do século XIX. Dentre as características que singularizam os partidos estruturados a partir deste período, destacam-se: a duração no tempo, que lhes possibilita responder a uma tendência profunda da opinião pública: a extensão no espaço, através de uma organização hierarquizada, a aspiração ao exercício do poder por meio de um projeto global que é apresentado como conveniente à nação em seu conjunto; e o empenho em procurar bases cada vez mais

²¹¹ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

²¹² MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. op. cit., p. 75.

²¹³ BOBBIO, Noberto. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

amplas de sustentação, seja enquadrando militantes, seja ganhando voto de eleitores”²¹⁴.

Organizados a partir de um processo de burocratização, os partidos políticos modernos foram ordenados mediante uma hierarquia e disciplinados por regulamentos, que “para cumprir seus objetivos de conquistar o poder ou impedir que outros o tomem”, montam “grandes organizações com ramificações por todo país, adotam programas que são propostos ou impostos à população e recrutam futuras gerações de políticos”²¹⁵. Especificamente, nos interessam aqui as posições assumidas e defendidas pelos comunistas, indagando como eles construíram suas teorias em torno deste tema, objetivando sempre a chegada da classe operária ao poder .

Os posicionamentos de Marx e Engels em relação aos partidos políticos podem ser observados a partir da publicação do *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848, atendendo a um pedido da Liga dos Comunistas. Estes dois pensadores propuseram a constituição e a efetivação de um partido proletário independente. A construção deste foi determinada em grande parte pela própria história política do movimento operário europeu, onde o proletariado deveria romper a barreira da espontaneidade e consolidar suas ações por meio de um organismo único, centralizado e disciplinado, capaz de reivindicar não só conquistas econômicas, mas também conquistas políticas. Ao imaginar que os trabalhadores obtivessem uma

²¹⁴ PANTOJA, Silvia Regina Serra de Castro. *Amaralismo e Pessedismo Fluminense: O PSD de Amaral Peixoto*. Tese de Doutorado. Niterói, 1995.

²¹⁵ OUTHWAITE, William, BOTTOMORE, Tom et. al. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

maior inserção na luta política travada com a burguesia através de um partido, o caminho para a revolução estaria aberto.

Em oposição aos anarquistas, Marx e Engels afirmavam que os trabalhadores deveriam travar suas lutas de emancipação no terreno da política, enfatizando a importância do partido político como instrumento de promoção da “*classe em si à classe para si*”²¹⁶. Para Carlos Nelson Coutinho, o conceito de *classe em si à classe para si* deve ser entendido como um fenômeno objetivo do proletariado, que age como sujeito coletivo autoconsciente. Exposto por Marx em *A sagrada família*: “(...) não se trata do que esse ou aquele proletário, ou mesmo o proletariado em seu conjunto possa conceber, em cada oportunidade concreta, como meta. Trata-se daquilo que o proletariado é e do que está obrigado historicamente a fazer, de acordo com esse seu ser”²¹⁷.

Esta visão demonstra a urgência com que Marx tratava o proletariado em seu compromisso revolucionário e a superação de seus adversários não era apenas uma necessidade histórica, mas também uma necessidade de sobrevivência. Através de uma concepção ampla e atualizada do que deve ser um partido da classe trabalhadora, Marx e Engels libertam a Liga dos Comunistas do jacobinismo e implementam uma renovação às práticas comunistas, defendendo que “os comunistas não constituem um partido especial, separado dos demais partidos operários. (...). Os comunistas distinguem-se dos outros partidos proletários apenas em dois pontos: de um lado, nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns, independentes da nacionalidade, de todo o proletariado; de outro lado, nas

²¹⁶ COUTINHO, Carlos Nelson. in. COUTINHO, Carlos Nelson, KONDER, Leandro, REIS FILHO, Daniel Aarão, et al. *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

diferentes fases de desenvolvimento por que passa a luta entre proletariado e burguesia, representam sempre os interesses do movimento em seu conjunto”²¹⁸.

Os posicionamentos apresentados por Marx e Engels em 1848 e mais precisamente redigidos no *Manifesto Comunista* refletem uma exposição de doutrina clara, organizativa e combativa que os trabalhadores deveriam assumir. Marcado por uma “plataforma política e programática com vistas a uma revolução específica, a revolução cujo início consideravam iminente”²¹⁹. O *Manifesto Comunista* detém um vigor extraordinário em eleger a classe operária como força motriz da revolução, definindo os objetivos básicos, táticos e estratégicos e identificando a relação íntima entre partido e classe, apresentado não o partido do proletariado, mas o proletariado como partido.

Se Marx e Engels defenderam uma concepção de partido como a vanguarda esclarecida do proletariado, a teoria mais acabada de um partido comunista como força propulsora da revolução pode ser encontrada em Lenin, já que este elaborou a melhor concepção de partido operário para a tomada do poder pela classe trabalhadora.

Lenin atribuiu ao partido uma grande importância teórica e prática, este partido seria concebido como uma vanguarda centralizada e empenhada em fundir a teoria e a consciência socialista com o movimento operário espontâneo. Organizado hierarquicamente e com quadros limitados, o partido imaginado por Lenin era o mais adequado ao estágio em que o movimento operário se encontrava na Rússia, bem como a ilegalidade imposta pelo czarismo.

²¹⁷ MARX, Karl. *A Sagrada Família*. São Paulo: Moraes, 1987.

²¹⁸ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. op. cit., p. 79.

Expresso por uma estratégia política que demandava o primado do engajamento ativo na prática política, este partido político como a “vanguarda” ou direção da classe operária, deveria compor-se de marxistas militantes, dedicados à revolução. O partido leninista tinha a tarefa de dar direção à luta revolucionária contra a burguesia, bem como o importante papel de levar às massas a teoria marxista e as experiências revolucionárias. Para a efetivação deste processo, Lenin recomendava a “participação dos partidos operários nas eleições e não dos operários nas eleições no interior de partidos da burguesia liberal”²²⁰.

A natureza deste partido estaria baseada no princípio do centralismo democrático, formado por um amplo partido de massa, onde os membros participariam ativamente (eletividade) da formulação política a ser adotada e da escolha da direção, entretanto a execução dessa política deveria ser disciplinada (responsabilidade) e a lealdade a direção seria exigida (bem como o afastamento das lideranças). Somente um partido organizado assim seria capaz de dirigir o processo revolucionário, sintonizado com a classe operária e com as massas, acompanhando as evoluções de sua aprendizagem e de sua socialização política. Consumado pela revolução bolchevique de 1917, o partido proposto por Lenin desempenhou um papel fundamental na constituição de outros partidos comunistas mundiais, tais como o Partido Comunista Italiano (PCI) e o próprio Partido Comunista Brasileiro, dentre outros.

Lenin ainda afirmou: “as relações econômicas atrasadas, ou cujo desenvolvimento foi tardio, conduzem constantemente ao aparecimento de partidários

²¹⁹ CLAUDÍN, Fernando. apud. GARCIA, Marco Aurélio. in. MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. op. cit., p. 22.

²²⁰ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, LENIN, V. I. et al. op. cit., p. 10.

do movimento operário que só assimilam certos aspectos do marxismo, certas partes da nova concepção ou certas palavras de ordem e reivindicações, que são incapazes de romper corajosamente com todas as tradições, com as concepções burguesas, em geral, e com as concepções burguesas democráticas, em particular”²²¹. A afirmação quase profética de Lenin, se enquadra perfeitamente para o aparecimento do partido comunista de 1919, já que a constituição deste foi realmente um advento político novo, em um cenário político dominado pelos anarquistas. Uma nova relação estava sendo estabelecida nesta arena. Digo isto, porque o partido comunista de 1919 foi construído em um momento de crise do anarcossindicalismo.

Participando ativamente desde a sua fundação, Astrojildo Pereira após sua saída da prisão em 1919, não retomou o projeto original da *Crônica Subversiva*, dedicando todas as atenções a redação do jornal *Spartacus*, jornal que funcionou como órgão oficial do partido comunista de 1919.

Em *Ensaios Históricos e Políticos*, coletânea que reuniu vários escritos de Astrojildo (foram redigidos e publicados em diferentes épocas da vida do autor). O mais importante desta coletânea é a obra *Formação do PCB*, publicada em 1962. Esta obra é composta por uma série de artigos e notícias históricas sobre o PCB. Neste livro, ele tem a oportunidade de relatar os fatos que levaram a fundação deste partido e não podemos esquecer que quando o autor redigiu este texto ele se encontrava filiado ao Partido Comunista Brasileiro.

No início de 1919, é formado o Partido Comunista Anarquista com sede no Rio de Janeiro. Em 16 de junho, do mesmo ano, surge seu similar em São Paulo. Em

²²¹ LENIN, V. I. in. MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, LENIN, V. I. et al.. op. cit., p. 44.

uma conferência realizada entre os dias 21 e 23 de junho de 1919, reuniram-se os grupos do Rio e de São Paulo, contando com a participação de 22 delegados, sendo 05 estrangeiros e 17 brasileiros, formando assim o Partido Comunista do Brasil. “A denominação deste partido como comunista era apenas o fruto da irresistível influência” da revolução bolchevique de 1917 “sobre os revolucionários brasileiros. Na verdade não era nem comunista, nem mesmo um partido no sentido clássico do termo”²²².

É o próprio Astrojildo, um de seus fundadores, que esclarece isto:

“(...). Mas há um fato de que pouco ou mesmo nada tem se falado, e que é necessário lembrar: a fundação de um ‘Partido Comunista do Brasil’ em 1919, ou seja, três anos do I Congresso reunido nos dias 25,26 e 27 de março de 1922. Ponho ‘Partido Comunista do Brasil’ entre aspas porque em verdade o seu conteúdo não correspondia ao rótulo.

A idéia desse partido nasceu nos primeiros meses daquele ano de 1919, e logo se pôs em prática depois de rápidos entendimentos entre os militantes mais ativos do movimento operário do Rio e de outros Estados. Em vez de estatutos, foram elaboradas e adotadas umas simples ‘bases de acordo’, à boa moda anarquista, com o item seguinte, relativo aos ‘fins imediatos’ do Partido: ‘Promover a propaganda do comunismo libertário, assim como a organização de núcleos comunistas em todo o país’”²²³.

A constituição deste Partido Comunista Anarquista em 1919 é resultante direta da falta de clareza nas análises a respeito da Revolução Russa de 1917 e de

²²² PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 61.

²²³ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Histórico e Político*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

informações a respeito do comunismo, como afirmou Astrojildo Pereira: *“tratava-se, na realidade, de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação ‘Partido Comunista’ era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela revolução proletária triunfante na Rússia, (...). O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se encontravam à frente da Revolução Russa eram marxistas e não anarquistas”*²²⁴.

O movimento de fundação do Partido anarquista de 1919 levou Astrojildo Pereira definitivamente ao comunismo. Exemplificando: logo após sua libertação, ele não retoma seu projeto editorial indo participar ativamente da administração e da chefia da redação do jornal *Spartacus*, porta-voz do núcleo carioca do Partido Comunista.

Convocada uma conferência que veio a se reunir três meses depois no Rio de Janeiro, sua efetiva concretização somente ocorreu em fins de junho do mesmo ano, com o comparecimento de vinte e dois delegados, sendo cinco estrangeiros e dezessete brasileiros dos núcleos existentes e espalhados em alguns estados brasileiros. Proibido pela polícia logo após as primeiras sessões, os delegados conferencistas prosseguiram as reuniões em Niterói, na antiga sede da Federação Operária local.

Todavia, os trabalhos da conferência consistiram na discussão e aprovação de uma espécie de programa mínimo do partido. Redigido por José Oiticica sob o título de “Princípios e fins do comunismo”, um longo documento que Oiticica pretendia

²²⁴ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 70.

lançar como um catecismo do anarquismo. A conferência em seu final aprova uma “Monção aos Comunistas”, na qual afirmava: “a Conferência do Novo Partido Comunista do Brasil, antes de encerrar seus trabalhos resolve proclamar sua calorosa e entusiástica solidariedade com o proletariado revolucionário do mundo, o qual a esta hora em luta aberta contra o Estado e o Capitalismo se empenha na imensa e fecunda batalha pela implantação do Comunismo sobre a terra, tornando-se livre para o homem livre”²²⁵.

Ao afirmar as posições comunistas, o Partido Comunista de 1919 ficava numa situação embaraçosa, já que o título deste partido era comunista, mas os ideais continuavam anarquistas. Na ânsia de explicar os ditames teóricos desta nova organização, Edgard Leuenroth empreende junto com Hélio Negro (pseudônimo do comerciante Antônio Duarte Candeias) uma publicação intitulada “O que é o Marxismo ou Bolchevismo”. Nesta obra, com o subtítulo de “Programa Comunista” os autores deixavam claro os objetivos do novo partido: os “comunistas libertários, não concebemos o comunismo, senão como forma social tendente a aumentar o bem estar e a liberdade individual; e por isso, somos inimigos irreconciliáveis do coletivismo ou do socialismo de Estado que, tendendo à destruição dos privilégios capitalistas, criam inevitavelmente os privilégios burocráticos”²²⁶. Estes “Programa Comunista” examinava a nova organização que o Estado. A partir de alguns pontos os autores compreendiam uma ampla rede organizacional, composta por vários conselhos e comissariados. Eles teriam a função de organizar a República Comunista.

²²⁵ MONIZ, Bandeira. *O Ano Vermelho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

²²⁶ *ibidem*. pp. 170/171.

O programa do partido de 1919, que na realidade era um mistura de declaração de princípios, constituição e programa, estabeleceu normas quanto aos processos eletivos, mandatos, corporações profissionais, metas quanto aos problemas de habitação, propriedade e forças armadas.

Apesar de toda a contradição de um partido anarquista, esta vanguarda operária contribuiu para uma melhor organização da luta dos trabalhadores, resultando ainda na fundação do jornal *Spartacus*, dirigido por Astrojildo Pereira e Santos Barbosa, com tiragem inicial de 4.000 exemplares. Chegou a editar 6.000 exemplares, provando que a massa operária havia aceitado este jornal.

É importante acrescentar, entretanto, que antes e depois da conferência o partido anarquista e o jornal *Spartacus* promoveram alguns atos públicos, principalmente em datas comemorativas para a classe operária. Realizadas em sedes sindicais, com o comparecimento de grande números de operários. Nos anos seguintes o jornal *Spartacus* sempre promoveu e participou de manifestações e atos políticos, sendo reprimido violentamente pela força policial. Sua redação foi fechada pela polícia, ocorrendo um tiroteio entre policiais e militantes do partido.

A partir de melhores informações e análises mais lúcidas a respeito dos eventos que vinham ocorrendo na Rússia revolucionária, principalmente que os revolucionários que se encontravam a frente da revolução eram marxistas e não anarquistas, os anarquistas considerados puros e intransigentes, passaram fazer críticas e restrições aos comunistas russos, partindo para uma luta aberta contra o estado soviético.

Esta incapacidade de reconhecer o que vinha ocorrendo na Rússia, rendeu para Astrojildo uma série de críticas desferidas pelo anarquista José Oiticica. As críticas do anarquista são pungentes, entretanto, elas refletem a aflição extrema de ver sua ideologia definhando a cada momento, e vários militantes migraram para o comunismo. É interessante como Oiticica, apesar de sua nunca desmentida lucidez, não conseguia ver que o problema não era a atuação individual de Astrojildo, mas toda uma série de transformações em nível internacional e nacional responsável pelo declínio da influência libertária no seio do proletariado. Em outro depoimento, ele volta a investir contra Astrojildo, novamente responsabilizando-o pelo enfraquecimento de sua corrente:

“Nesse tempo, início de 1919, Astrojildo, penso ainda era anarquista e todo o proletariado carioca estava unido com os métodos anárquicos de luta. Pelo menos o que me contaram quando regresssei no mês de março de 1919, foi que, ao saberem do meu embarque, mais de dez mil trabalhadores me aguardavam na Praça Mauá, num comício mostro. A polícia, para evitar o escândalo, mandou ordem para o navio só passar a barra alta da noite. Essa adesão à nossa obra vimos-la com a fundação de A Voz do Povo, diário anarquista com redação na Avenida Central, hoje Rio Branco.

O proletariado podia sustentar um diário anarquista no Rio como sustentava A Plebe, em São Paulo.

Logo, penso eu, aquelas convicções profundamente arraizadas de Astrojildo eram convicções anárquicas. Pobre convicções! O fogo sagrado da Voz do Povo, no qual dizia haver gasto vários contos de réis ganhos na loteria, foi morrendo, morrendo e todos fomos notando o desaparecimento vertiginoso do diário e dos sindicatos.

Nestes, eu era ouvidíssimo, sabia dizer a verdade clara sobre o problema operário e humano, sobretudo não vacilavam no emprego cem por cento da ação direta.

Pois bem, para o fim do ano, fui sentindo, em certos sindicatos, frieza absoluta, riso de mofa, descaso. Referi a impressão ao nosso velho camarada João Gonçalves e ele me aludiu a Astrojildo, terminando com uma frase que me pareceu duríssima.

Seria possível! Astrojildo renegava o anarquismo? Astrojildo virava a casaca e se passava traiçoeiramente para o bolchevismo?

Foi quando faliu a Voz do Povo e Astrojildo com outros promoviam um arrebanho de donativos (por volta de 1921 – nota dos autores) para os famintos da Rússia ... Numa reunião promovida por Astrojildo na rua José Maurício (Sindicato dos Pedreiros se não me falha a memória), Astrojildo, visivelmente embaraçado, com meias frases, titubeando, expôs-nos a necessidade de acudir ao povo russo pois seria ajudar a revolução proletária do mundo.

Eu, Gonçalves, Fábio Luz e outros entreolhamo-nos e não demos trégua a Astrojildo, demonstrando-lhe que já não nos iludíamos com Lenin, Trotski e quejandos ‘revolucionários’.

Astrojildo não insistiu. Dias depois, entrando eu mesmo no sindicato, vi, reunidos em saleta de entrada, com Astrojildo, cabeceira de mesa, além deste, Brandão, Elias, Dinis, e mais outro... Foi quando Elias alvitrou: Gildo, não acha melhor dizer ao Oiticica o que se passa?

Astrojildo, sem levantar a cabeça de um papel que segurava, respondeu displicentemente: ‘É...é melhor’!

E Elias, voltando-se para mim, na sua linguagem de ex-embaradiço, proferiu esta frase expressiva: ‘Oiticica, nós agora é na exata’!

Nada mais disse porque, compreendendo tudo, retruquei apenas: — Já sei, vocês são bolchevistas. Eles confirmaram e eu retirei-me.

Compreendi a ação subterrânea de Astrojildo . Ele, havia sem me dizer nada, minado os sindicatos, propagando o vírus da ditadura do proletariado e da férrea disciplina, a exata, de Elias.

Os métodos empregados seriam os constantes das infamíssimas instruções de Trotski, lidas um dia a mim pelo próprio Astrojildo , ufano de tal mestre.

Astrojildo me emprestou o Bouletim onde vinham essas instruções e teve ocasião de lê-las no Sindicato de Construção Civil...”²²⁷

Este diálogo transcrito por José Oiticica é o sinônimo mais claro da cisão que vinha ocorrendo no movimento operário, principalmente entre as lideranças anarcossindicalistas. Após esta cisão anarco-comunista, estava definitivamente aberto o caminho para os militantes fundarem o Partido Comunista do Brasil, este sim de orientação leninista.

3.2 — *O Comunismo em Astrojildo Pereira*

Como herdeiro do movimento anarquista, o Partido Comunista Brasileiro nasceu diferente de seus coirmãos. Enquanto a grande maioria dos partidos

²²⁷ OITICICA, José. Ação Direta. Rio de Janeiro. n° 113. Marco de 1957.

comunistas nasceram após a divisão da II Internacional entre os social-democratas e os bolcheviques, no Brasil, ele seria fruto de uma dissensão dentro do movimento anarcossindicalista, tendo aderido desde o começo aos princípios da III Internacional. A predominância do anarquismo como ideologia hegemônica no seio do movimento operário levou o marxismo a um plano secundário e o uso do termo *comunista* foi adotado indiscriminadamente por anarquistas e marxistas, como sinônimo de revolucionário. Todavia, foi a Revolução Russa de 1917 a responsável por fixar os antagonismos entre estas duas correntes.

Recusando a integrar-se no poder soviético e a aceitar qualquer espécie de comando, os anarquistas russos concorriam para o enfraquecimento do processo revolucionário. Embora não constituíssem uma força entre o operariado russo, na II Conferência dos Comitês de Fabricas de Toda a Rússia (agosto de 1917) os delegados estavam assim distribuídos: 96 bolcheviques, 24 socialistas-revolucionários, 13 anarquistas e 07 mencheviques. Mas a força dos anarquistas era maior entre o lumpen e em algumas regiões geográficas da Rússia, como na Ucrânia.

Coube então a Trotski, como Comissário do Povo para a Guerra, a difícil missão de combater uma tendência que tinha contribuído para a dissolução do poder czarista. Em dois episódios Trotski reprimiu violentamente o movimento anarquista, em abril de 1918 usou tropas e a artilharia para fechar a Federação dos Grupos Anarquistas de Moscou e em 1919 declarou fora de lei o movimento anarquista. Mas, o ápice da repressão soviética foi concretizada em 1920, quando o Exército Vermelho atacou a Ucrânia, até então dirigida pelos anarquistas e sob a liderança de

Makhno, destruindo seu exército guerrilheiro no istmo de Perekop e ocupando a região.

Quando as primeiras notícias das agências internacionais relataram os choques entre os anarquistas e bolcheviques, os primeiros não deram crédito a estas informações, haja vista a longa tradição de mentiras desferidas contra o movimento revolucionário. Entretanto, quando a imprensa libertária européia relatou os conflitos, eliminou de vez as dúvidas existentes até então. A cisão entre anarquistas e comunistas será verificada através dos jornais operários, os mais representativos começam a criticar duramente os bolcheviques, imprimindo definitivamente rompimento entre estas duas facções. Florentino de Carvalho, José Oiticica, Fábio Luz, Edgard Leuenroth, entre outros continuaram fiéis aos ideais de Proudhon, Bakunin e Malatesta. Entretanto, outros dirigentes bastante prestigiados começam a se inclinar para o marxismo, como Astrojildo Pereira, Otávio Brandão, Everardo Dias, entre outros.

As divergências entre anarquistas e comunistas nos anos posteriores foram se agravando, as acusações destinadas aos comunistas eram violentas. Acusados de traidores, após a dissolução do Partido Comunista de 1919, os comunistas sob a liderança do grupo Comunista do Rio de Janeiro organizam os preparativos e os trabalhos para a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Este grupo foi fundado a 07 de novembro de 1921 e o principal objetivo era propagar e defender o programa da III Internacional. “Seus fundadores foram doze militantes intelectuais e operários, todos com intensa atividade política entre o proletariado: Antônio de Carvalho, Antônio Branco, Antônio Cruz Júnior, Astrojildo Pereira, Aurélio Durães, Francisco

Ferreira, João Argolo, José Alves Dinis, Luiz Peres, Manuel Abril, Olgier Lacerda, Sebastião Figueiredo²²⁸. Este grupo teve um rápido crescimento e seus dirigentes participaram decisivamente na organização de outros grupos, como o de Recife, Juiz de Fora, Cruzeiro, São Paulo e Santos, além de estabelecer contatos com organizações existentes em outros locais.

No segundo semestre de 1922 as relações entre os representantes das duas correntes se deterioravam ainda mais; “a evolução dos acontecimentos na Rússia era avaliada de ângulos que se excluía reciprocamente. Astrojildo lamentou que os anarquistas fizessem coro com a imprensa burguesa e descambassem para o anti-sovietismo. Fábio Luz chamou Astrojildo de *vira-casaca*; disse que Astrojildo tinha tido um emprego público e, *da temporada em que esteve a sugar a teta do Estado, no estábulo do Tesouro Nacional, lhe ficou nos lábios o bom gostinho do leite*. Astrojildo replicou a Fábio Luz, acusando-o de abandonar o terreno da luta de classes para tornar-se um *filantropo*; e perguntando, então, sarcasticamente: *Por que não ingressa (...) na Liga Vegetariana, na Sociedade Protetora do Animais? Aí estará ele em seu verdadeiro posto de paladino da humanidade em geral?*”²²⁹.

Em janeiro de 1922, publicou-se no Rio de Janeiro o primeiro número da revista *Movimento Comunista*, “editada numa tipografia do Méier pertencente ao militante Everardo Dias”. Este se transformou em um mensário de doutrina e informação internacional, editado pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro, da qual fazia parte Astrojildo Pereira. Foi a primeira publicação periódica declaradamente marxista-leninista que apareceu no Brasil, “diário de janeiro a dezembro de 1922 e

²²⁸ apud. PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 84.

²²⁹ KONDER, Leandro. op. cit., p. 133.

quinzenal de janeiro a junho de 1923”²³⁰, conforme se pode verificar pelas palavras do artigo de apresentação:

“1. Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar, entre nós, o programa da Internacional Comunista. Dentro dos modestos limites de nossas possibilidades, pretendemos torná-lo um repositório mensal fidedigno de doutrina e informação do movimento comunista internacional.

2. Consciente e lealmente aderimos à plataforma da Internacional Comunista. Defendemos, por conseqüência, o princípio da "ditadura do proletariado". Mas entendamo-nos. A ditadura do proletariado não é uma frase vazia, nem muito menos significa a pretensão do domínio partidário sobre o proletariado. Ela deve ser compreendida num triplo sentido - liberal, histórico e revolucionário. Deve ser compreendida como condição imperativa de vitória do proletariado, como resultante concreta da necessidade mesma de organização sistemática das forças operárias contra a reação capitalista.

3. Com referência à organização partidária, desejamos e preconizamos, solidamente baseada num mesmo programa ideológico, estratégico e tático, das camadas mais conscientes do proletariado. As experiências próprias e alheias nos aconselham unidade e concentração de esforços e energias, tendo em vista coordenar, sistematizar, metodizar a propaganda, a organização e a ação do proletariado. Centralização e disciplina não significa, porém, nem quebra de autonomia, nem renúncia de vontade. Queremos centralização por acordo mútuo e

²³⁰ CHACON, Vamireh. op. cit., p. 198.

entendemos por disciplina a responsabilidade nos compromissos tomados. Ninguém é obrigado a assumir nenhum compromisso, mas compromisso assumido implica obrigação de cumpri-lo. É a disciplina. Energias dispersas são energias naturalmente precárias; mas energias canalizadas, combinadas, somadas por mútuo e comum acordo, são energias potencialmente multiplicadas. É preciso centralização e disciplina porque não queremos dispersão nem irresponsabilidade.

4. No terreno sindical bater-nos-emos energicamente contra todas as divisões e fragmentações. A organização sindical, para responder a seus fins específicos, deve assentar sobre uma base econômica comum a todos os trabalhadores. De conformidade com este critério amplo e positivo, combateremos todos os desvios, todas as deturpações, todos os germes de dissolução que surjam no interior dos organismos sindicais. Preconizamos a mais íntima e estreita ligação orgânica e funcional entre todas as unidades sindicais locais, nacionais e internacionais. Somos pela frente única de combate do proletariado de todo o mundo, sob a bandeira revolucionária da Internacional Sindical Vermelha.

5. Em resumo. Queremos unir e não dividir. Queremos solidariedade e não rivalidade. Queremos que o proletariado adquira, por sua organização e sua orientação, um máximo de eficiência combativa, nas lutas presentes e futuras. Animam-nos um sadio entusiasmo e uma firme vontade de trabalhar. Convictos de que trilhamos o bom caminho e cônescios de nossas responsabilidades, afirmamos nossa fé inquebrantável no triunfo final do comunismo – Grupo Editor”²³¹

²³¹ *Movimento Comunista*. Movimento Comunista, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 01/02, janeiro de 1922.

O Partido Comunista do Brasil (PCB), seção brasileira da Internacional Comunista, foi fundado em fins de março de 1922. No dia 25 de março, realizou-se a primeira sessão do Congresso do PCB “no Sindicato dos Alfaiates e dos Metalúrgicos”²³², onde foi lida uma entusiástica saudação enviada pelo Bureau da Internacional Comunista para propaganda na América do Sul. O congresso continuou no dia seguinte com mais duas sessões. Após a perseguição da polícia, as sessões do dia 27 foram transferidas e realizadas “na residência da família de Astrojildo Pereira, na rua Visconde do Rio Branco 651, em Niterói”²³³. Cristiano Cordeiro, um dos nove fundadores do PCB, em seus depoimentos nos anos 80, relembra que em 27 de março de 1922, “na sessão de encerramento na casa das tias de Astrojildo, a pedido dele para não espantá-las, cantamos bem baixinho a Internacional”²³⁴.

O grupo composto por nove antigos militantes operários, “Abílio de Nequete, barbeiro sírio; Cristiano Cordeiro, funcionário público; Hermogêneo Silva, eletricitista; João da Costa Pimenta, gráfico; Joaquim Barbosa, alfaiate; José Elias da Silva, funcionário público; Luiz Peres, operário vassoureiro; Manuel Cendón, alfaiate espanhol”²³⁵; sob a liderança de Astrojildo Pereira, jornalista; estavam entre os principais fundadores do PCB. Isto após um amplo trabalho de divulgação das 21 condições de admissão na Internacional Comunista.

A primeira Comissão Central Executiva (CCE) eleita em 1922, ficou assim constituída: Abílio de Nequete, secretário-geral; Astrojildo Pereira, responsável pela imprensa e publicidade; Antônio Canellas, secretário internacional, Luiz Peres,

²³² PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 70.

²³³ PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 70.

²³⁴ CORDEIRO, Cristiano. *Memória e História*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

frações sindicais; Cruz Júnior, tesoureiro. Segundo Astrojildo Pereira, “foi estabelecida a seguinte ordem do dia para os trabalhos do congresso:

- 1) *Exame das vinte e uma condições de admissão na Internacional Comunista;*
- 2) *Estatutos do Partido Comunista;*
- 3) *Eleição da Comissão Central Executiva;*
- 4) *Ação pró-flagelados do Volga;*
- 5) *Assuntos vários*”²³⁶.

Como não existia uma legislação específica para reger os partidos políticos, “o PCB foi registrado como sociedade civil, tendo publicado seus estatutos na edição de 07 de abril de 1922 do Diário Oficial da União (p. 69/70) sob o título de Sociedade Civil”²³⁷. Com este início modesto, “sua primeira sede em uma salinha de um sobrado na rua da República, n.º 40, esquina com a rua da Constituição, no centro do Rio de Janeiro”²³⁸, seu estatuto foi inspirado no estatuto do Partido Comunista Argentino, fundado quatro meses antes. Assim sendo, o PCB inicialmente estabeleceu as condições mínimas para o ingresso neste organismo: ter 18 anos, assinar a ficha de filiação e pertencer ao sindicato da categoria, quando este existisse.

Astrojildo Pereira nos fornece um importante testemunho sobre os primeiros tempos do PCB: “*Continuando a orientação já seguida anteriormente pelos Grupos, os comunistas intensificam sua atuação dentro dos sindicatos operários, através de líderes e ativistas sindicais que haviam aderido ao Partido. Em*

²³⁵ CHILCOTE, Ronald H.. *Partido Comunista Brasileiro - Conflito e Integração (1922 - 1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

²³⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Histórico e Político*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

²³⁷ PACHECO, Eliezer. op. cit., p. 88.

aplicação a linha partidária, os comunistas batiam-se pela unidade sindical, independentemente de diferenças ideológicas e políticas, como condição básica para o êxito das ações de massa. A luta ideológica de crítica à orientação anarquista era sobretudo uma luta contra o sectarismo, fator de divisionismo, isolamento e importância. ‘É imprescindível levar em conta as lições do passado’ – lia-se em editorial do Movimento Comunista consagrado ao problema da reorganização sindical – ‘se não queremos incidir nas mesmas falhas e nos mesmos erros, inevitavelmente nos levariam às mesmíssimas derrotas. A propaganda das idéias comunistas era realizada não só sob forma imprensa, através do mensário citado e da difusão de livros e folhetos, como também sob a forma de conferência, palestras, festas, etc.’²³⁹

A existência legal do PCB durou pouco mais de três meses, pois, a 05 de julho de 1922, levanta-se o Forte de Copacabana e Artur Bernades e após derrota da revolta tenentista, decreta o estado de sítio, do que se aproveita a polícia para invadir e fechar a sede do Partido na Praça da República, nº 40. Segundo Umberto Cerroni, “um partido moderno é a junção de máquina e programa”²⁴⁰ e desde 1922 o PCB adequava-se a esta definição estabelecida.

Com menos de quatro meses de vida o partido caiu na ilegalidade e desde então, exceto em breves momentos, viveu na clandestinidade. “A prisão dos militantes tornou-se uma rotina. Tratados como ‘desordeiros’, os comunistas foram marginalizados e discriminados não só pelas elites políticas do país, mas também

²³⁸ PANDOLFI, Dulce. op. cit., pp. 78/79.

²³⁹ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 78/79.

pela sociedade de um modo geral. Essa inegável situação de marginalidade, cuja expressão maior foi o fato de ter desfrutado, ao longo de sua existência, de raros momentos de legalidade, marcou profundamente o processo de construção da identidade do PCB²⁴¹. Em todos os casos, “os comunistas se empenhavam, nesses quatro primeiros meses de atuação organizada, em persuadir os ex-companheiros anarquistas e anarcossindicalistas. Criticavam-nos, mas evitavam destruir as pontes que poderiam manter as duas partes em ligação”²⁴².

O objetivo daqueles nove militantes que fundaram o Partido Comunista era muito claro: “conquistar o poder político pelo proletariado e transformar a sociedade capitalista em comunista. O partido da classe operária brasileira deveria, também, lutar e agir pela compreensão mútua internacional dos trabalhadores”²⁴³. Para eles, “a idéia era fazer, no Brasil, o mesmo que havia sido feito na Rússia em 1917”²⁴⁴.

No momento da fundação do PCB, foram adotadas as 21 condições estabelecidas pela Internacional Comunistas para todos os partidos a ela filiados. “Ao que tudo indica, a convocação para o I Congresso foi feita às pressas, para que houvesse tempo hábil de enviar uma delegação para participar em Moscou do IV Congresso da IC, marcado para novembro de 1922. Para aquele pequeno agrupamento, ser membro da Internacional e desfrutar do prestígio mundial compensaria a pouca

²⁴⁰ CERRONI, Umberto. *Teoria do Partido Político*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

²⁴¹ PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 78/79.

²⁴² KONDER, Leandro. op. cit., p. 132.

²⁴³ PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 71.

²⁴⁴ PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 71.

inserção no contexto nacional. Entretanto, apesar de todo o esforço desenvolvido pelos brasileiros, o relacionamento com aquela entidade foi, inicialmente, difícil”²⁴⁵.

A fundação do PCB durante alguns anos foi envolta numa névoa de dúvidas, “segundo depoimentos de Afonso Schmidt e Edgar Leuenroth a primeira proposição no sentido de se estruturar um Partido Comunista de âmbito nacional no Brasil partiu de um misterioso personagem inglês, que segundo Leuenroth chamava-se Ramison, embora seu nome não tenha sido registrado em nenhum documento da época. Este inglês, que seria membro do Secretariado Sul-ameriano, passando pelo país em fins de 1921 surpreendeu-se com a inexistência de um Partido Comunista. Dirigiu-se então ao jornal anarquista *A Vanguarda*, onde foi encaminhado para Edgard Leuenroth, a quem propôs a fundação de um partido deste tipo no Brasil. Leuenroth, como anarquista, recusou-se, mas indicou Astrojildo Pereira, que se encontrava no Rio de Janeiro. Este foi chamado e chegou a São Paulo depois de três dias. Leuenroth o apresentou ao inglês, mas não assistiu ao encontro deste com Astrojildo, que, logo depois, retorna ao Rio de Janeiro, onde seria o principal artífice da fundação do Partido Comunista do Brasil”²⁴⁶.

Este misterioso personagem inglês, representante de uma fábrica de tecidos, foi apelidado por Afonso Schmidt como “o cometa de Manchester”. Segundo ele, o inglês era um colaborador da recém-fundada Internacional Comunista. Mas para Michel Zaidan, esta história do cometa de Manchester, “pertence mais à lenda, ou ao anedotário do Partido, e por isso nenhuma influência de peso terá sobre a linha a ser

²⁴⁵ PANDOLFI, Dulce. op. cit., pp. 71/72.

²⁴⁶ BANDEIRA, Moniz. op. cit., pp. 290/291.

adotada pelo Partido”²⁴⁷, isto visto que em 1922, o pedido de filiação do PCB foi negado, sob a alegação de que este não era “ainda um verdadeiro partido comunista”. Ele conservava “restos da ideologia burguesa, sustentados pela presença da maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas”²⁴⁸, o que explica a estrutura descentralizada do partido e a confusão reinante sobre a teoria e prática comunistas.

Esta trajetória inicial ímpar do Partido Comunista Brasileiro (PCB) é parte constitutiva da história política do Brasil moderno, na qual, para fazer, formar e imprimir uma nova moral, era necessário elaborar uma série de práticas, que nos anos posteriores ficou conhecida como *moral comunista*, caracterizada pelas novas práticas políticas que definiriam seus rumos.

Essa cultura política comunista deve ser entendida como “um conjunto de procedimentos, princípios e valores que se traduzem numa prática ideológica, no sentido de refletir uma visão de mundo”²⁴⁹. Mesmo que, para a análise desta cultura política fosse necessário um tempo muito longo, nos interessa aqui como Astrojildo Pereira irá racionalizar estas novas práticas. Segundo Daniel Pécaut, uma cultura política é “um fenômeno de sociabilidade e de uma adesão implícita a uma mesma leitura do real”²⁵⁰.

Como afirmou Lincoln de Abreu Penna em seu artigo sobre “A Cultura Comunista no Brasil”, a “primeira condição consiste em identificar certos valores que se tornaram caros há mais de uma geração histórica. Estes valores podem ter

²⁴⁷ ZAIDAN, Michel. *Apresentação*. in. PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922/1924)*. São Paulo: Hucitec, 1980.

²⁴⁸ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: A revolução mundial e o Brasil (1922 - 1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²⁴⁹ PENNA, Lincoln de Abreu. *A Cultura Política Comunista no Brasil: 1950 - 1964*. Mimeo. 1996.

²⁵⁰ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

interpretações distintas e até mesmo antagônicas, desde que sejam compartilhadas por todas as tendências e concepções que fazem deles um dado prioritário do processo político, transformam-se em referenciais de uma cultura política”²⁵¹.

Nesta embrionária formação, Astrojildo Pereira será alvo de um embate travado entre o tradicionalismo e o modernismo. O tradicionalismo será representado pelas práxis anarcossindicalistas: a negação em constituir um partido político, a descentralização política, a extrema valorização do movimento espontâneo, a liberdade de ação, culminando na repulsa por qualquer forma de autoridade. Já a modernidade pode ser descrita pela nova realidade em que o militante, representado aqui pelo indivíduo estará inserido-se, o comunismo. A constituição de órgão político centralizado, o partido e o centralismo democrático, a valorização de uma vanguarda esclarecida como elemento decisivo para a tomada do poder foram elementos que Astrojildo se defrontou ao fazer sua opção pelas teorias de Marx.

Todavia, “o que vale” será “a presença de algo que mobilize encontros ou desencontros, que fomente ou consolide projetos sociais, políticos e ideológicos”²⁵². Para a identificação desta cultura comunista, “é necessário que se identifique os atores políticos. Estes possuem um discurso, uma representação, alguma forma de expressão relativamente aos valores discriminados e dominantes do cenário político. Em outras palavras, esses atores são parte integrante do que se convencionou chamar de cultura política”²⁵³.

Para entender o *ser comunista* utilizarei a peça de doutrinação política de Pedro Sabaráussú, intitulado “*Para Ser Comunista*”, publicado em 1923 no jornal *O*

²⁵¹ PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., p. 02.

²⁵² PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., p. 02.

País. Neste texto, o militante comunista, numa linguagem simples e direta constrói os aspectos essenciais daquilo que podemos chamar de cultura comunista. Entretanto, ressalto que cultura e especialmente a cultura comunista, será uma forma de como os militantes construirão sua cosmovisão. Ainda, entremeando esta discussão desejo utilizar os textos de Astrojildo Pereira, que por seu valor pessoal e histórico são um excelente referencial para compreender como este personagem vivenciou os processos iniciais de formação desta cultura comunista.

Pedro Sabaráussú inicia seu texto fazendo duas perguntas enigmáticas ao leitor deste artigo. *Que é preciso para ser um comunista de fato?* e *Quais as características do comunista completo?* Ele planeja no decorrer do texto responder a estas perguntas de forma precisa, construindo assim, um modelo para as novas gerações de militantes comunistas. Lembremos que este texto mesmo escrito no início dos anos vinte, durante muitos anos manteve sua universalidade e atualidade, servindo de modelo para algumas gerações de militantes do PCB.

Pedro Sabaráussú para responder a primeira pergunta por ele mesmo formulada, elabora duas linhas de raciocínio para explicitar a nova moral que deveria ser construída pelos comunistas. Ao dividir esta etapa inicial em duas fases, ele se propõe a investigar os preceitos intelectuais e morais dos novos militantes.

Intelectualmente, segundo ele, era imprescindível “(...); *o conhecimento direto e profundo da vida do proletariado através do convívio como os trabalhadores, nas fábricas, nos campos, nos sindicatos, dentro da mais estreita confraternização, onde desapareçam todos os preconceitos, todo intelectualismo;*

²⁵³ PENNA, Lincoln de Abreu. op. cit., p. 03.

o estudo integral da doutrina, especialmente através de Marx, Engels e Lenine; a aquisição lenta, dolorosa e difícil de uma mentalidade comunista proletária; o conhecimento da Revolução Social, não só do setor russo, mas também em todos os outros, desde a Islândia até a Colônia do Cabo, desde Portugal até a Nova Zelândia; a interpretação marxista de todos os acontecimentos mundiais, passem-se nos cotonifícios de Bombaim, nos cais de Hong-Kong ou nas fábricas de locomotivas de Filadélfia; a intuição da vida social em toda a sua amplitude, em toda a sua complexidade, compreender a essência do regime capitalista e como o seu desenvolvimento acarreta a revolução comunista; saber ‘quando’ e ‘como’ é preciso fazer a Revolução; conhecer as forças do inimigo; ser um economista, um sociólogo, um cientista, um psicólogo, um pensador, um homem de ação, um político à Lenine...”²⁵⁴

Para o campo moral deveria ser estabelecido um conjunto de regras ou de condutas consideradas como válidas, quer de forma absoluta para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada. Pedro Sabaráussú destaca as seguintes qualidades a serem forjadas no caráter do novo militante: *“um rompimento formal com todas a ética do passado; a aquisição de uma nova consciência, de uma nova tábua de valores; a indiferença pelas vaidades sociais e literárias, pelos artistas, jornalistas, cientistas, escritores da burguesia; o desdém por todos os sistemas religiosos; o desprezo pelas manifestações patrióticas; nacionalistas; a renúncia às amizades as causa; a disciplina ‘voluntária’, a obediência ‘consciente’ às ordens do Partido, tendo em vista uma cada vez maior*

²⁵⁴ SABARÁUSSÚ, Pedro. *Para ser comunista*. in. *O Paíz*, 20 de outubro de 1923. apud. CARONE, Edgard. *O PCB* (vol. 1). São Paulo: Difel, 1982.

coordenação dos esforços; o devotamento sem limites à causa; ao Partido; a renúncia ao comodismo burguês, como impossível de conciliar com as atitudes revolucionárias; a capacidade de resistência ao sofrimento; a certeza da vitória do proletariado; uma aversão instintiva por tudo que se relaciona com o capitalismo; ser discreto; estar pronto, a qualquer momento, a sacrificar seu repouso, seu interesse econômico para cumprir as ordens da Comissão Central Executiva; confundir-se com a massa proletária, desaparecer no seio dela, entrar nas fileiras, ser ‘soldado’; agir sem fazer questão de aparecer; desligar-se da estreiteza de sua ‘pátria’, para ter preocupações verdadeiramente internacionais; não ter sentimentos cristãos; ter certos sentimentos estoicos, durante a guerra de classes atual, a fim de poder suportar sua brutalidade; ter sentimentos dionisíacos, para fazê-los desabrochar plenamente após a guerra de classes, no período de comunismo integral; fazer um Dom de si a causa; ter horror ao esnobismo, ao arrivismo, ao diletantismo; considerar que a vida não lhe pertence e sim a Revolução; ser um ‘soldado’ da Internacional Comunista, considerá-la seu estado-maior, cujas ordens tem de cumprir, mesmo passando por cima do seu país, dos seus interesses materiais, dos laços de amizade...”²⁵⁵

Toda esta severidade e austeridade deveria ser recompensada, segundo Pedro Sabaráussú, “*com a honra de ser um revolucionário; a alegria do dever cumprido; a progressão da capacidade moral; (...)*”²⁵⁶.

A nova moral pregada por Pedro Sabaráussú e surgida após a fundação do PCB era diametralmente oposta à ética criada pelos anarquistas no decorrer dos anos de

²⁵⁵ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., pp. 251/252.

²⁵⁶ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 252.

militância anarcossindicalista nos meios operários. Mesmo que “praticamente todos eles eram mal informados a respeito das concepções de Marx, tinham noções extremamente vagas do marxismo. O único que teria algum conhecimento específico das idéias de Marx era o espanhol Manuel Cendón”²⁵⁷. Ao se opor aos anarquistas, ele reforça a idéia do marxista virtuoso, salientando que, *‘somente é um comunista completo aquele que compreender, ruminar, digerir as obras de Marx, modificando, renovando completamente a velha ideologia libertária’*²⁵⁸. Ao se diferenciar do militante anarquista, ele espera que o militante comunista assuma uma posição clara perante a sociedade. Assuma uma nova identidade, como afirmou Gérard Vincent, construindo-se e perpetuando-se “pela complexa combinação de suas forças: uma de recusa, leva-o a rejeitar qualquer informação que conteste a teleologia marxista; a outra, ele a extrai, por assim dizer, do ódio que desperta enquanto destruidor potencial da ordem estabelecida”²⁵⁹.

Sabaráussú reforça cada vez mais a imagem da moral comunista, estabelecendo em definitivo as diferenças entre estas duas doutrinas. Qualquer resquício desta doutrina será um desvio dos objetivos do comunismo. E para ele, “o marxista jamais fantasia a realidade, como o anarquista jamais põe na balança da História, suas paixões, seu subjetivismo, aspirando a que a História se subordine a seus desejos; pelo contrário, é objetivista, subordina seus desejos à marcha da História, à evolução dos fenômenos econômicos”²⁶⁰.

²⁵⁷ KONDER, Leandro. op. cit., p. 131.

²⁵⁸ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 252.

²⁵⁹ VICENT, Gérard. *Ser Comunista? Uma Maneira de Ser*. in. Antonie, PROST, Gérard, VICENT. *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

²⁶⁰ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 253.

Mas quais são as características do comunista completo? Perguntou-se Pedro Sabaráussú logo no início do seu texto e no decorrer deste mesmo se propõe a responder esta questão de forma clara, forjando assim em definitivo o caráter comunista: *“O dia de adesão de um proletariado ao Partido Comunista deve ser considerado por ele mesmo um dia sagrado; é o dia da sua libertação moral e mental, o dia em que começa a dedicar-se à Causa mais digna dentre todas as que agitaram a Humanidade. (...) mais sério é entrar para o PC. Acarreta maiores responsabilidades. não faças isto levianamente, trabalhador urbano”*²⁶¹. Assim definia ele, o caráter que os novos militantes deveriam assumir perante os demais companheiros. Com regras rígidas a serem seguidas, o partido não aceitaria que o novo militante continuasse com sua vida cotidiana: beber, vadiar, namorar, freqüentar os mafuás, malbaratar o trabalho, e principalmente professar uma religião; eram elementos que o militante deveria abolir de sua vida. Ao impor esta moral espartana aos seus membros Pedro Sabaráussú presumia que uma nova índole nascesse. Resumindo na seguinte expressão escrita por ele, *“o Partido não é um clube de diletantes, porta de livraria, mesa de botequim para palradores; é uma escola de sacrifício, de disciplina, de combate, de sofrimentos, de moral proletária, de abdicação de seus interesses pessoais em prol dos interesses internacionais do proletariado”*²⁶².

Esta moral comunista pregada por Pedro Sabaráussú será levada a cabo pelos tenentes, quando estes invadem o PCB atrás do herói do Tenentismo, Luís Carlos

²⁶¹ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 253.

²⁶² SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 254.

Prestes. Os tenentes acabaram por impor uma disciplina militar ao PCB, ampliando o arco de aliança a vários setores da sociedade e elevando as noções de tática e estratégias do stalinismo a um vulto muito maior do que ele realmente deveria ter sido.

O indivíduo é transformado em soldado, a Comissão Central Executiva é o comando, o partido é um exército, a Internacional Comunista é o Estado-maior, sendo o objetivo a ser alcançado, a estratégia e o caminho adotado para atingir o objetivo, a tática. Resumido no princípio, *“quando se fala em comunismo prático, é preciso recorrer a linguagem militar porque estamos em pé de guerra – a guerra sagrada do Trabalho contra o Capital”*²⁶³.

Mas um outro aspecto essencial da nova moral comunista é o internacionalismo. Por isso, o militante ou *“o verdadeiro abdica de sua vontade. Se há choque entre qualquer centro e a C.C.E.. o comunista deve inclinar-se diante da opinião da C.C.E.”*²⁶⁴. Ocorrendo o choque entre C.C.E. e a Internacional Comunista, o militante deverá se inclinar diante da opinião do órgão máximo, a Internacional Comunista. Ao afirmar a superioridade máxima da Internacional Comunista, Pedro Sabaráussú reforça a idéia-força do internacionalismo comunista, sendo o militante apenas um elo de um cadeia, um soldado em um batalhão. *“O comunista não pode atuar por deliberação própria, não pode agir isoladamente como um franco atirador; faz aquilo que a Causa necessita”*²⁶⁵.

Esta interpretação proposta por Pedro Sabaráussú comprova uma linha que foi adotada pelo PCB nos anos iniciais de sua formação, ao afirmar o marxismo-

²⁶³ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 254.

²⁶⁴ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 254.

leninismo como uma ciência, o militante comunista supõe ter o instrumento necessário para interpretar a realidade. Acaso ocorra uma análise incorreta ou uma má explicação, são atribuídas ao militante uma fraqueza teórica ou um resquício de teoria estranha ao operariado. O que se verificara no caso específico de Astrojildo Pereira nos anos posteriores à fundação, e que obrigou a fazer inúmeras autocríticas – sendo uma prática considerada legítima – mas no mundo pecebista esta funcionava como perda de poder e um esvaziamento do poder político do militante dentro do Partido.

Finalmente, ao definir o “partido comunista como a forma superior de organização do proletariado e cujo objetivo é guiá-lo para atingir o seu inexorável destino, o comunista se considera em permanente missão revolucionária”²⁶⁶.

Conclusão

Ao término desta dissertação tenho que concordar com a confissão do historiador francês Jacques Le Goff que afirmou, “a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”. Na elaboração desta percebi que a escrita da história se faz muitas vezes de forma não linear, complexa, subjetiva e principalmente solitária.

Um dos aspectos fundamentais desta biografia histórica a respeito de Astrojildo Pereira foi entender que os homens fazem história, ultrapassam os

²⁶⁵ SABARÁUSSÚ, Pedro. op. cit., p. 255.

²⁶⁶ PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 43.

monolíticos sistemas econômicos, sociais e políticos e interferem decisivamente na construção societária. Observei que, para além dos grandes movimentos históricos se encontram figuras singulares nas quais podemos focar nossa visão e descobrir como elas atuam decisivamente nesta árdua tarefa.

Foi assim com Astrojildo Pereira. A estruturar o trabalho em seu deslocamento do anarquismo ao comunismo, analisei e centrei o foco interpretativo na figura individualizada do cidadão, valorizando suas ações e escritos. Examinando como este indivíduo universalizou através de sua vida e de suas ações a época histórica em que viveu. A vida deste biografado tornou-se um reflexo perfeito das condições históricas e culturais do período, sem no entanto, perder seu caráter singular e típico, na qual, o valor desta biografia reside na importância das interpretações.

Ao observar em seus artigos indícios fugidios que me conduzissem a descobrir quais os fatores que o levaram a operar esta mudança, acabei decifrando um personagem muito mais enigmático do que eu imaginava. Um escritor volumoso, um militante aguerrido, um intelectual respeitadíssimo.

Mas antes de tudo, um intransigente libertário como ele mesmo se definia no período proposto nesta dissertação, um homem capaz de não negar um bom combate, confrontar suas idéias e acima de tudo de se dedicar integralmente as causas que abraçava. E como escreveu Heitor Ferreira Lima, “desde sua infância até a juventude, quando em pleno vigor e mental, se dedicava afincadamente aos ideais que abraçara com todo ardor”²⁶⁷.

²⁶⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.). op. cit., p. 148.

Ao propor esta dissertação entre os anos de 1917 e 1922, analiso quais foram os fatores que levaram Astrojildo Pereira a romper com o anarquismo e dedicar exclusivamente suas atenções à causa comunista. Este foi o eixo central que propus para esta dissertação, observar quais as razões ou fatores desta mudança.

Inicialmente, analiso o discurso político de Astrojildo Pereira a partir de sua militância anarquista procurando verificar quais eram as limitações destas práticas. Nesta análise foi possível descobrir que Astrojildo era um dos militantes mais entusiasta do movimento anarcossindicalista brasileiro. Recorrendo a história internacional do anarquismo, busquei compreender como esta ideologia imprimiu e formou o seu pensamento político nos anos iniciais desta dissertação.

Nesta busca observei que ele privilegiou o caminho do autodidatismo, “começou a ler autores anarquistas e a se interessar pelas lutas operárias. As condições da época lhe permitiram ter acesso menos restrito à literatura filosófica e política de inspiração libertária, que se difundia mais audaciosamente após a queda do império e a proclamação da república”²⁶⁸. Astrojildo lentamente vai se aproximando do anarquismo e se distanciando do republicanismo que o assolou em sua juventude. Ao privilegiar seu discurso anarquista, identifiquei dois momentos significativos dessa militância. O primeiro é fundamentado na própria história do anarquismo, identificando os pensadores mais representativos e as principais correntes. Privilegiando neste contexto a formação ideológica de Astrojildo Pereira, busquei entender como esta ideologia se operou em seu pensamento político.

²⁶⁸ KONDER, Leandro. in. PEREIRA, Astrojildo. *Memória e História*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

O segundo momento foi representado por sua árdua atividade em publicar solitariamente um jornal operário: a *Crônica Subversiva*. Ao verificar seu discurso neste jornal, encontrei um militante apaixonado pela causa ácrata, defensor intransigente do anarquismo e de suas formas organizativas.

Mas, quais eram estas limitações? Estes limites foram impostos pela própria estrutura do anarquismo, a recusa em organizar o proletariado para a luta política contra o Estado; a negativa de organizar a classe operária em partido próprio e independente; o apego absoluto à chamada “resistência anticapitalista”, que se traduziu na valorização excessiva do sindicalismo e da luta econômica, como afirmou Edgard Carone: “os sindicalistas e anarcossindicalistas voltam, preferencialmente, a atenção para as reivindicações sociais, e econômicas, deixando outras questões de lado”²⁶⁹; a exaltação exacerbada da espontaneidade; foram alguns dos aspectos que levaram o anarquismo a uma encruzilhada ideológica.

Todavia, a mais grave era a inexistência de uma formulação estratégica clara a respeito do Estado burguês e da luta política. Todas as ações do movimento anarcossindicalista não superaram a espontaneidade economicista, revelaram, apenas a fragilidade orgânica de uma classe ainda em formação. Segundo Leandro Konder, “o anarquismo tinha sobre o marxismo, a vantagem de valorizar ideologicamente o ímpeto rebelde sem complicá-lo (e até certo ponto atrapalhá-lo) por meio da insistência em referir-se à situação sócio-econômica e às limitações políticas do quadro circunstancial. Essa vantagem crescia de peso quando se considera o

²⁶⁹ CARONE, Edgard. op. cit., p. 43.

escassíssimo conhecimento que se tinha, na época, das concepções de Marx (que, por serem ignoradas, obviamente não podiam concorrer com as teses anarquistas, bem mais difundidas)”²⁷⁰.

Ao corroborar com estes princípios Astrojildo Pereira reafirmou suas posições e acabou se consolidando como uma das lideranças mais respeitadas e representativas no ambiente operário e, no momento de crise ideológica do anarquismo, ele “começou a se empenhar com um afinco ainda maior na defesa dos ideais ácratas”²⁷¹. Anos depois afirmou que: “*não há dúvida que outras muitas das reivindicações pelas quais lutavam as massas trabalhadoras, nessa época, foram alcançadas, total ou parcialmente. Mas é um fato que a natureza e o volume das vitórias alcançadas não estavam em proporção com o vulto e a extensão do movimento geral. Mais ainda – as reivindicações formuladas, por aumento de salários, por melhores condições de trabalho, etc., constituíam como que um fim em si mesmo, e não um ponto de partida para as reivindicações crescentes de nível superior. É que na realidade se tratava de lutas mais ou menos espontâneas, isoladas umas das outras, sucedendo-se por força de um estado de espírito extremamente combativo que se generalizava entre as massas*”²⁷². Ao escrever este texto anos depois de ter rompido com as práticas anarcossindicalistas, não vemos nele um tom de difamar seus antigos companheiros, apenas não acredita mais que a espontaneidade levará a revolução.

²⁷⁰ KONDER, Leandro. op. cit., p. 52.

²⁷¹ KONDER, Leandro. op. cit., p. 53.

²⁷² PEREIRA, Astrojildo. *A Formação do PCB*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

Como o eixo central desta dissertação será representado pela mudança no pensamento político de Astrojildo Pereira, privilegiei três momentos que achei mais significativos em sua história política: a prisão, os reflexos da Revolução Russa de 1917 sobre o movimento operário e a fundação da Internacional Comunista em 1919. Estes são os momentos em que o personagem definiu sua mudança em direção ao comunismo.

A prisão representará o último momento de sua militância anarquista, ocorrida em virtude dos acontecimentos da Insurreição Anarquista de 1918 no Rio de Janeiro. Astrojildo terá na cadeia a oportunidade de redigir inúmeras cartas nas quais analisou a realidade na qual estava envolvido. Oportunamente criticou a República Oligárquica e seus representantes menores e observou a realidade cotidiana. Como uma continuação da *Crônica Subversiva*, Astrojildo prosseguiu a redigir escritos voltados para a militância anarquista, não desprezando jamais a importância desta. O fato mais significativo é que após a sua libertação ele não retomará o projeto inicial da *Crônica Subversiva*, preferindo colaborar com a *Spartacus*, órgão oficial do Partido Comunista de 1919.

Paralelamente, desde 1917 a Revolução Russa vinha exercendo uma enorme influência sobre o movimento operário brasileiro e o entusiasmo foi generalizado entre as principais lideranças. Mesmo que os detalhes desta revolução não fossem conhecidos, a vanguarda operária brasileira vibraria entusiasmada. Astrojildo representou um papel dos mais “notáveis em defesa da revolução e do conhecimento

real do que se passava”²⁷³ e segundo Leandro Konder, ele “cedeu ao vigor persuasivo da revolução bolchevista vitoriosa”²⁷⁴.

Não tenho dúvida de que a Revolução Bolchevique realmente exerceu um papel determinante no pensamento político de Astrojildo Pereira. Por mais que ele tenha afirmado, que a princípio tenha recusado o leninismo sem ter lido Lenin; o papel desta revolução em sua mudança será decisivo, pois buscou compreender o processo revolucionário, analisando as rápidas mudanças que se operavam na Rússia, rebatendo as calúnias publicadas nos jornais burgueses e preparando a classe operária para a tão esperada Revolução Social.

O mesmo não podemos dizer a respeito da fundação da III Internacional em 1919. Neste período Astrojildo já estava tendente a adotar o comunismo como práxis política, ao participar da fundação do Partido Anarquista e no ano seguinte na 3º COB onde defendeu os princípios do comunismo, Astrojildo estava dando o passo definitivo em direção ao marxismo.

Isto será confirmado a partir de suas análises a respeito da importância que um partido político da classe operária desempenhará como instrumento fundamental de transformação social. A fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922 representa a última etapa desta dissertação e a proposta foi analisar Astrojildo Pereira em suas práticas comunistas. Todavia, valorizo os meses iniciais de fundação e ao utilizar o texto de Pedro Sabaráussú examino como se formou a cultura comunista de Astrojildo Pereira.

²⁷³ FEIJÓ, Martin Cezar. op. cit., p. 68.

²⁷⁴ KONDER, Leandro. op. cit., p. 54.

Ao se inserir nesta nova cultura, o comunismo de Astrojildo foi combatido violentamente por seus antigos companheiros de militância operária que fizeram a ele as piores acusações. De José Oiticica a Fábio Luz, uma parcela significativa das lideranças do movimento anarquista responsabilizaram Astrojildo Pereira pelo esvaziamento deste movimento no período compreendido entre 1921-1922, entretanto, o próprio Astrojildo nunca se atribuiu um papel tão destacado. Sempre primando pela discrição e pela modéstia, “quando se realizou o congresso de fundação do PCB, Astrojildo já era reconhecido pela esmagadora maioria dos comunistas como o, digamos, líder natural da agremiação que estava sendo criada; mesmo assim, ele preferiu ficar em segundo plano e conseguiu levar os companheiros a elegerem para o posto de secretário-geral, o barbeiro Abílio de Nequete”²⁷⁵.

Ao analisar o discurso político de Astrojildo Pereira vamos encontrar as coerências de sua opção pelo comunismo, entendendo sua opção como fruto dos limites políticos do anarcossindicalismo e a possibilidade de maior inserção das vanguardas operárias dentro da classe trabalhadora.

Ao elaborar uma teoria política mais acabada a respeito da revolução, principalmente a partir do estudo do marxismo e do leninismo, ele procurou compreender os elementos para a eclosão de uma revolução socialista no Brasil. O próprio Astrojildo reconhece que os comunistas tiveram de enfrentar muitas dificuldades, pois: *“a classe operária brasileira não possuía nenhuma tradição de organização política em partido independente e os sindicatos operários de tendência revolucionária, em cujo seio nasceu o Partido, eram organizações de*

²⁷⁵ KONDER, Leandro. op. cit., p. 55.

orientação anarquista, baseadas numa estrutura ultraliberal, adversas a qualquer forma de direção unitária e centralizada”²⁷⁶. Ao sustentar “que o movimento operário precisava de centralização e disciplina, para evitar a dispersão e a irresponsabilidade (janeiro de 1922), embora ressalvasse que o confronto das ideologias denotava ‘vitalidade e bravura’ (março de 1922); e recomendava que as discussões se fizessem de modo a ‘evitar e desviar sistematicamente todas as mesquinhas questões pessoais, as diatribes e os desaforos’(julho de 1922)”²⁷⁷, Astrojildo entendeu a necessidade de um partido organizado e centralizado de acordo com os princípios do bolchevismo para a derruba do estado burguês.

Vale entretanto ressaltar que o Partido Comunista do Brasil nasceu do interior do que havia de mais significativo e combativo no movimento operário brasileiro, o anarquismo. E portanto, desde as primeiras horas, já tinha garantido sua representatividade. E “a ligação entre o partido e a classe operária, por exemplo, será um elemento decisivo e permanente no processo de formação da identidade do PCB”²⁷⁸.

Somente um estudo mais objetivo a respeito da trajetória política de Astrojildo Pereira nos anos posteriores à fundação do PCB e principalmente nos anos 30 poderá responder como este cidadão realizou junto com seus companheiros a árdua tarefa de construir no Brasil um partido comunista que exercerá nos vastos anos de sua existência um peso decisivo no cenário político nacional. Cabe então, aos historiadores analisarem mais detalhadamente a biografia política de Astrojildo Pereira nestes anos subsequentes, já que ela pode nos fornecer dados substanciais e

²⁷⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. Lisboa: Prelo, 1986. IN. PANDOLFI, Dulce. op. cit. p. 78/79

²⁷⁷ KONDER, Leandro. op. cit., p. 132.

vitais não somente a seu respeito, mas também a respeito da trajetória política do Partido Comunista Brasileiro.

Referências Documentais

PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa*. s. ed.: Rio de Janeiro, 1917.

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1917?].

PEREIRA, Astrojildo. *Considerações sobre o jornal*. [ca. 1917]

PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva*. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, 01 de Junho de 1918.

²⁷⁸ PANDOLFI, Dulce. op. cit. p. 95

PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *A Carestia*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 1, p. 01. 01 de Junho de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *A Solução Anárquica*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 2, p. 01, 08 de junho de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Ação Popular*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 3, p. 01, 15 de junho de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Ainda e Sempre*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 4, p. 01, 22 de junho de 1918.

PEREIRA, Astrojildo . *Sob os ferros da República*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 11, p. 01, 07 de setembro de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Aura Renovadora*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, n. 13, p. 03, 21 de setembro de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. Rio de Janeiro. 16 de Dezembro de 1918

PEREIRA, Astrojildo . *Manuscrito*. Rio de Janeiro. 17 de dezembro de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [17 de Dezembro de 1918?].

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 17 de Dezembro de 1918.

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 18 de dezembro de 1918

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 18 de dezembro de 1918

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 01 de janeiro de 1919

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. 01 de janeiro de 1919

PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d..

- PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d..
- PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d.
- PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s. d.
- PEREIRA, Astrojildo. *A José Oiticica*. Tribuna do Povo, nº 31, 10 de fevereiro de 1919
- PEREIRA, Astrojildo. *Casa de Detenção*. 10 de Março de 1919
- PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. [1921?]
- PEREIRA, Astrojildo. *Correspondência*. 1924
- PEREIRA, Astrojildo. *Manuscrito*. s.d.
- Movimento Comunista*. Movimento Comunista, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 01/02, janeiro de 1922.
- OITICICA, José. “*Brandão e Gildo!!!*” in. *Ação Direta*. Março de 1957
- OITICICA, José. *Aos companheiros de prisão*. Tribuna do Povo, nº 31, 10 de fevereiro de 1919
- OITICICA, José. *Ação Direta*. Rio de Janeiro. nº 113. Dezembro de 1956
- OITICICA, José. *Ação Direta*. Rio de Janeiro. nº 113. Março de 1957
- SABARÁUSSÚ, Pedro. *Para ser comunista*. in. *O Paíz*, 20 de outubro de 1923. apud.
- CARONE, Edgard. *O PCB* (vol. 1). São Paulo: Difel, 1982.
- O Debate*, 12 de julho de 1917
- O Debate*, 28 de Setembro de 1917
- Jornal do Brasil*. 09 de dezembro de 1917
- O Cosmopolita*, 15 de janeiro de 1918
- Correio da Manhã*, 18 de novembro de 1918

Tribuna do Povo. 10 de fevereiro de 1919

Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso Operário. São Paulo: Cooperativa Graphica Popular, ano I, agosto de 1920, nº 01

PEREIRA, Astrojildo. *A Formação do PCB*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Históricos e Políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

Referências Bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ANTUNES, Ricardo. *Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

BANDEIRA, Moniz. *O Ano Vermelho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BAKUNIN, Mikhail. *Escritos de Filosofia Política*. Madri: Alianza Editorial, 1978.

_____. *Deus e Estado*. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *O Princípio de Estado*. São Paulo: Novos Tempos, 1989.

_____. *Escritos contra Marx* São Paulo: Novos Tempos, 1989.

- BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BOBBIO, Norberto [et. al.]. *Dicionário de Política*. 10. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A esquerda positiva*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BURKE, Peter. *A invenção da biografia e o individualismo renascentista*. In. Estudos Históricos / FGV: Rio de Janeiro, Vol. 19, 1997.
- CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: Movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes, 1991.
- CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. 2 ed. São Paulo: Difel, 1984.
- _____. *O PCB*, (vol. 1). São Paulo: Difel, 1982.
- _____. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Revoluções do Brasil Contemporâneo – (1922 - 1938)*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Socialismo e Anarquismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CERRONI, Umberto. *Teoria do Partido Político*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

- CHATELET, F., DUHAMEL, O., PISIER, E. et al. *Dicionário das obras políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- CHILCOTE, Ronald H.. *Partido Comunista Brasileiro - Conflito e Integração (1922 - 1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- COUTINHO, Carlos Nelson, KONDER, Leandro, REIS FILHO, Daniel Aarão, et al. *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998
- CORDEIRO, Cristiano. *Memória e História*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- DENZIN, Norman K.. *Interpretando as vidas das pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner*. in. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 27, nº 01, 1984.
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1936)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FALCÃO, João. *Giocondo Dias: A Vida de um revolucionário*. Rio de Janeiro: Agir, 1993.
- FAUSTO, Bóris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: Difel, 1986.
- FEIJÓ, Martin Cezar. *Formação Política de Astrojildo Pereira (1890/1920)*. São Paulo: Novos Rumos, 1985.
- FERNANDES, Florestan (org.). *Lenin*. São Paulo: Ática, 1989.
- GÓES, Maria Conceição Pinto de. *A Formação da Classe Trabalhadora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

- GOLDENBERG, Mírian. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, Angela M. Castro. *Burguesia e Trabalho: Política e Legislação Social no Brasil (1917/1937)*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 8. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GREEN, Gilbert. *Anarquismo ou Marxismo: uma opção política*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- GUÉRIN, Daniel. *Proudhon*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- _____. *Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- HOBSBAWM, Eric J.. *Revolucionários*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBSBAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo V*. 2. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- _____. *História do Marxismo VI*. 2. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LÉBEDEV, Aleksandr. *Lénine sobre o compromisso na política nos primeiros anos pós-revolução (1918-1921)*. Moscou: Nóvosti, 1989.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Que Fazer*. São Paulo: Hucitec, 1979.

- LINHARES, Hermínio. *Contribuição à História das Lutas Operárias*. São Paulo: Alfa-Ômega, s.d.
- LUIZZETO, Flávio. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MALATESTA, Errico. *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Novos Tempos, 1989.
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl. *A Sagrada Família*. São Paulo: Moraes, 1987.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, LENIN, V. I., et al. *A questão do Partido*. São Paulo: Kairós, 1978.
- NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Bakunin: sangue, suor e barricada*. Campinas: Papirus, 1988.
- PACHECO, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros - História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1995.
- PANTOJA, Silvia Regina Serra de Castro. *Amaralismo e Pessedismo Fluminense: O PSD de Amaral Peixoto*. Tese de Doutorado. Niterói, 1995.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

- PENNA, Lincoln de Abreu. *Análise do Saber Histórico*. Rio de Janeiro: Rio, 1975.
- _____. *Uma História da República*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *A Cultura Política Comunista no Brasil: 1950 - 1964*. Mimeo. 1996
- _____. *O Progresso da Ordem: O florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- _____. *Metodologia de Abordagem Biográfica*. Mimeo. 1998.
- PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa*. Rio de Janeiro: s.ed. 1917.
- _____. *Formação do PCB*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.
- _____. *Interpretações São Paulo*, s.ed. s.d..
- _____. *Pensadores Críticos e Ensaístas São Paulo*, s.ed. s.d..
- _____. *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963
- _____. *Ensaios Históricos e Políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- _____. *Construindo o PCB (1922/1924)*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. *Memória e História*. Ciências Humanas, 1981.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e Trabalho no Brasil*, São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio, ROIO, Marcos del (org.). *Combates na História: a trajetória de vida de Heitor Ferreira Lima*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

- PINHEIRO, Paulo Sérgio, HALL, Michael. *A Classe Operária no Brasil (1889/1930)*, vol. I e II. São Paulo: Alfa-Ômega. s.d..
- PRADO, Antônio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil - Memória, Lutas, Cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PRADO, Antônio Arnoni, HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Contos Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REIS FILHO, Daniel Aarão [et. al.]. *História do Marxismo no Brasil*. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- REMOND, René (org.). *Por Uma História Política*, Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.
- RESENDE, Paulo-Edgar A., PASSETTI, Edson (org.). *Proudhon*. São Paulo: Ática, 1986.
- RODRIGUES, Edgar. *Deus Vermelho*. Porto: s.ed., 1978.
- _____. *Os Anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984.
- ROIO, José Luiz del (org.). *Trabalhadores no Brasil: Imigração e Industrialização*. São Paulo: Ícone, 1990.
- SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Ática, 1981.
- SALOMONI, Antonella. *Lênin e a Revolução Russa*. São Paulo: Ática, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999.
- TAVARES, José Nilo. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

- THOMPSON, Edward P.. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ULIANOV, Vladimir Ilitch. *Lenine e a III Internacional*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago: boêmia e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O indivíduo na cidade*. in. Paul Veyne [et. al.]. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- VINHAS, Moisés. *O Partidão - A Luta por um Partido de Massas (1922 - 1974)*, São Paulo: Hucitec, 1982.
- Z Aidan, Michael. *PCB (1922/1929): Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.
- _____. *Comunistas em céu aberto (1922/1930)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.
- KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- _____. *O Futuro da Filosofia da Práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- WOODCOCK, George. *Anarquismo: A idéia*. (vol. 01). Porto Alegre: L&PM, 1984.

_____. *Anarquismo: O movimento.* (vol. 02). Porto Alegre:
L&PM, 1984.

_____. *Os Grandes Escritos Anarquistas.* 3. ed.. Porto Alegre:
L&PM, 1986.

WORONTSOV, Madeleine. *Nome: Lenine, Profissão: Jornalista (Lenine e a
Imprensa Revolucionária).* Lisboa: Antídoto, 1977.